



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANDRÉA DOS SANTOS

**TRAJETÓRIA DE VOLTA À ESCOLA DE JOVENS NEGROS E
JOVENS NEGRAS EM CUIABÁ/MT: MANIFESTAÇÕES DE
CONSCIÊNCIA POLÍTICA E CONSCIÊNCIA ÉTNICA**

CUIABÁ – MT
2005

ANDRÉA DOS SANTOS

**TRAJETÓRIA DE VOLTA À ESCOLA DE JOVENS NEGROS E
JOVENS NEGRAS EM CUIABÁ/MT: MANIFESTAÇÕES DE
CONSCIÊNCIA POLÍTICA E CONSCIÊNCIA ÉTNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação (área de concentração Educação, Cultura e Sociedade, na Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular) sob a orientação do Professor Doutor Manoel Francisco de Vasconcelos Motta.

**CUIABÁ – MT
2005**

FICHA CATALOGRÁFICA

S 237 t SANTOS, Andréa dos

Trajetória de volta à escola de jovens negros e jovens negras em Cuiabá / MT: manifestações de consciência política e consciência étnica / Andréa dos Santos. - - Cuiabá : UFMT / IE, 2006.
135 p.: il.color.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação (área de concentração Educação, Cultura e Sociedade, na linha de pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, no grupo de Pesquisa Educação, Jovens e Democracia), sob a orientação do Professor Doutor Manoel Francisco de Vasconcelos Motta.

Bibliografia: p. 83-89

Anexos: p. 90-135

CDU -37:323.118(817.2)

Índice para Catálogo Sistemático

1. Educação
2. Trajetória
3. Jovens negros
4. Consciência Política
5. Consciência Étnica

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Manoel F. de V. Motta
Orientador

Professora Doutora Dirce Maria F. Garcia
Examinadora Externa

Professora Doutora Maria Aparecida Morgado Examinadora Interna

Cuiabá, agosto de 2005.

Dedico esse trabalho ao querido irmão André José dos Santos, que mostra-me com intensidade singular, a força e a beleza do amor incondicional que nos une. Dedico também a minha mãe Elizabeth, que me ensinou a endurecer sem perder a ternura, e ao meu pai Agapnor que apesar de seu romantismo sensibilizou-me com o seu profundo espírito revolucionário.

AGRADECIMENTOS

Em especial ao Professor Doutor Manoel Francisco Vasconcelos Motta, não só pela orientação, mas também pela confiança, tolerância, atenção, firmeza e gentileza nesse percurso.

À Professora Doutora Maria Aparecida Morgado por possibilitar-me através do Grupo de Pesquisa Educação, Jovem e Democracia, o engajamento nas discussões acerca das questões da juventude.

Aos componentes da banca: Professora Doutora Dirce Maria Falcone Garcia e à Professora Maria Aparecida Morgado pelas observações e valiosas contribuições.

Aos jovens negros e jovens negras que participaram dessa pesquisa.

Aos diretores e coordenadores das escolas contatadas que sempre foram muito solícitos.

Ao Moisés Alves de Carvalho pela solidariedade em todos os momentos desse processo.

Ao amigo Acildo Leite da Silva e Marilane Alves, grandes motivadores. Sempre terão minha gratidão, lealdade e estima.

Ao amigo querido Dr. José Ângelo Gaiarsa, que amorosamente sempre me fez acreditar no meu potencial.

Aos camaradas do Grupo de Pesquisa Educação, Jovem e Democracia, pelo aprendizado de se viver num grupo tão multidisciplinar.

À minha estimada Maria Benício Rodrigues, ex-tutora do Programa Especial de Treinamento (PET) e que desde a graduação é uma grande incentivadora.

Aos professores da Universidade Federal de Mato Grosso que, de uma forma ou de outra, fazem parte da minha história, especialmente à Professora Doutora Artemis Torres, Silas Borges Monteiro, Nicanor de Sá, Paulo Speller, Maria Lúcia Müller, Maria Augusta Rondas.

À Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá, órgão do qual sou funcionária e que me concedeu o afastamento necessário para que pudesse realizar essa pesquisa.

*A senilidade política exprime-se na
perda da capacidade de conduzir a
juventude.*

Léon Trotsky

RESUMO

O objeto desse trabalho é investigar a trajetória escolar e social de jovens negros e negras matriculados no Ensino Médio, modalidade de Educação de Jovens e Adultos – regime presencial, a fim de compreender quais seriam os fatores determinantes que explicam o abandono e posteriormente, o retorno ao processo de escolarização dos mesmos nesse nível e modalidade de ensino na cidade de Cuiabá/Mato Grosso. Utilizamos as contribuições da tradição marxista para compreendermos se as experiências vivenciadas na diversidade de espaços dessa trajetória escolar e social, constituíram ou não fator determinante a esse retorno à escola. Os sujeitos dessa pesquisa não demonstraram uma formação de consciência política e devido a uma diversidade de situações de discriminação étnica vivenciadas em trajetória escolar e social, manifestaram uma consciência étnica, porém essa consciência não foi fator determinante e atuante e nem mesmo influenciou a retomada do processo de escolarização desses jovens. Evidenciou-se que a maior motivação que os fizeram retornar ao seu processo de escolarização deu-se pela necessidade material de melhorarem de vida e buscam a Educação de Jovens e Adultos porque acreditam já ter perdido muito tempo em seu processo de escolarização e cursar a EJA é a forma mais viável de concluí-la em menos tempo.

Palavras-chave: Educação, Jovens Negros, Consciência Política, Consciência Étnica

RESUME

L'objet de ce travail est de faire des recherches sur la trajectoire scolaire et sociale de jeunes élèves noir(e)s inscrit(e)s dans l'Enseignement Moyen, dans la modalité d'Education de Jeunes et d'Adultes- en régime présentiel, a fin de comprendre quels seraient les facteurs déterminants qui expliquent l'abandon et postérieurement, le retour au processus de scolarisation de ces mêmes élèves dans ville de Cuiabá, Mato Grosso. Nous avons utilisé les contributions de la tradition marxiste pour comprendre si les expériences vécues dans la diversité des espaces de cette trajectoire scolaire et sociale, ont constitué ou non un facteur déterminant pour ce retour à l'école. Les sujets de cette recherche n'ont pas montré qu'ils possédaient une formation de conscience politique et à cause d'une variété de situations de discrimination ethnique vécues pendant leur trajectoire scolaire et sociale, ont manifesté une conscience ethnique, toutefois, cette conscience ne fut pas un facteur déterminant et agissant et n'a même pas influencé la reprise du processus de scolarisation de ces jeunes. On a mis en évidence que la plus grande motivation qui les firent reprendre leur processus de scolarisation est arrivée à cause du besoin matériel d'améliorer leur vie. Ils recherchent l'Education de Jeunes et d'Adultes parce qu'ils croient avoir déjà perdu beaucoup de temps dans leur processus de scolarisation et le fait de suivre les cours de l'EJA est la forme la plus viable de la conclure en moins de temps.

Mots Clés: Education. Jeunes Noirs, Conscience Politique, Conscience Ethnique

LISTA DE TABELAS E QUADROS

- Tabela 1.** Brasil: estudantes de 15 a 24 anos, por grau que freqüentaram, 1995-2001 (em milhões). 21
- Tabela 2.** Pessoas que freqüentavam escola por nível de ensino, segundo cor ou raça e os grupos de idade- Mato Grosso. 25
- Tabela 3.** Mapeamento dos jovens negros e negras matriculados no Ensino Médio – modalidade de Educação de Jovens e Adultos. 40
- Tabela 4.** Brasil, população total desagregada por faixa etária e cor/ raça, 1999. 73
- Tabela 5.** Brasil, porcentagem da população desocupada, desagregada por faixa etária e cor/ raça, 1999 (em %). 74
- Quadro 1.** Relações do tempo de interrupção x motivos pelos quais os jovens negros e negras retornaram à escolarização. 79

LISTA DE ABREVIATURAS

CA	Centro Acadêmico
CAPES	Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEMAT	Centrais Elétricas de Mato Grosso
CPA	Centro Político - Administrativo
DCE	Diretório Central dos Estudantes
EE	Escola Estadual
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ELOVIDA	Educação ao Longo da Vida
EMEB	Escola Municipal de Educação Básica
GPEJD	Grupo de Pesquisa Educação, Jovens e Democracia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MT	Mato Grosso
NMS	Novos Movimentos Sociais
NEPRE	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais em Educação
OIJ	Organização Internacional da Juventude
ONU	Organização das Nações Unidas
PET	Programa Especial de Treinamento
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
SESI	Serviço Social da Indústria
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
PARTE I.....	20
CAPÍTULO 1	
PRESENÇA DE JOVENS NEGROS E JOVENS NEGRAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA QUESTÃO DE COR?.....	21
1.1 A Educação do Jovens e Adultos: Uma Possibilidade de Retomada da Escolarização.....	26
1.2 O Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos.....	33
CAPÍTULO 2	
SITUANDO OS JOVENS NEGROS E AS JOVENS NEGRAS DE CUIABÁ - MATO GROSSO.....	36
2.1 A Entrevista como Instrumento de Pesquisa.....	41
2.2 Caracterizando os Jovens Negros e Negras	43
2.3 Entrevistando os Sujeitos.....	47
PARTE II.....	49
CAPÍTULO 3	
CONDIÇÃO DOS JOVENS NEGROS E NEGRAS DENTRO DE UM CONTEXTO HISTÓRICO DA JUVENTUDE BRASILEIRA.....	50
3.1 Juventude e Democracia.....	52
3.2 Consciência Política e Consciência Étnica.....	55
3.3 Juventude, Participação e Consciência Étnica.....	59
CAPÍTULO 4	
PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: RETOMADA DE UMA TRAJETÓRIA.....	65
4.1 Volta à Escola e as Perspectivas de Futuro.....	70
4.2 Trajetória Escolar: compreendendo algumas determinações.....	72
4.2.1 A Questão do Trabalho Infante-juvenil e Etnia.....	72
4.2.2 A Questão do Gênero.....	76
4.3 Escolarização: Possibilidade de Melhores Condições de Vida.....	77
CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIAS.....	83
REFERÊNCIAS UTILIZADAS.....	83
REFERÊNCIAS CONSULTADAS.....	88
ANEXOS.....	90

INTRODUÇÃO

A história desta pesquisa inicia-se há quatorze anos, mais precisamente com o início da minha atividade profissional.

Em 1991, fui aprovada no Concurso Público para Professores das séries iniciais da Prefeitura Municipal de Cuiabá. Tinha muita vontade de fazer uma escola diferente, mas não sabia como. Sentia-me ainda muito despreparada, pois acabara de concluir o antigo 2º Grau, com Habilitação para o Magistério para as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Fui então em busca de formação de 3º grau, pois acreditava poder contribuir na construção de uma escola cidadã, que além de valorizar os alunos, pudesse instrumentalizá-los para posicionarem-se politicamente frente à sociedade.

Nesse sentido, Paulo Freire (1996) nos diz que ensinar exige segurança e competência profissional.

Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leva a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar á altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar atividades de sua classe (FREIRE, 1996, p.103).

Assim, em 1991, ao me inscrever para o vestibular da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, fiz a opção por Pedagogia, acreditando que ela traria contribuições significativas para as questões pedagógicas vivenciadas na minha prática escolar, bem como aos meus anseios de ideal de escola.

Filha de militar das forças armadas e de uma dona de casa, ou seja, da pequena classe média, tive que conciliar formação acadêmica e o trabalho, no exercício do Magistério.

Uma das minhas primeiras experiências, enquanto trabalhadora da Educação, foi ter assumido uma sala de aula no período noturno, ministrando aulas na modalidade de

Suplência, dentro da proposta de Educação de Adultos, a qual, na época, estava em caráter experimental¹ na cidade de Cuiabá.

Nesse período ainda vigorava a Lei 5.692/71, onde o ensino destinado a suprir a escolarização de jovens e adultos era designado Ensino Supletivo. Porém, historicamente, os anos 80 foram de grande efervescência política no país. E segundo Soares (2002),

As práticas desenvolvidas nos movimentos sociais, nas universidades foram ressignificando a educação de jovens e adultos, o que resultou numa diversidade de projetos, propostas e programas que romperam com a padronização que marcou a educação de adultos a partir da Lei 5.692/71 (SOARES, 2002, p. 7).

Influenciada pela minha trajetória pessoal que foi marcada desde a infância, adolescência e juventude pela militância de meus pais em partido de esquerda, organizações sindicais, federação de associações de bairros, logo senti a necessidade de engajar-me nas discussões acerca da reestruturação curricular, que já estava acontecendo nas escolas municipais de Cuiabá e, desse modo, poderia contribuir na construção de uma prática libertadora para a Educação de Adultos.

Na universidade, tive uma militância estudantil muito presente, tanto nas questões da intelectualidade, que incluíam ter pertencido ao Programa Especial de Treinamento (PET), financiado pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), quanto nas questões políticas, que incluíam ter sido presidente do Centro Acadêmico (CA) de Pedagogia e ter atuado junto ao Diretório Central dos Estudantes (DCE).

Essas atuações em muito contribuíram, tanto para uma melhor formação intelectual, quanto para a formação da minha consciência política, a qual se refletia no modo em que me comprometi com minha práxis pedagógica² e em como tentei primar por uma postura profissional, em que a possibilidade de uma relação professor/aluno fosse menos neutra, mais dialógica, mais democrática e com posicionamento político bem demarcado.

Nesse momento, iniciava-se mesmo sem saber a constituição da problemática dessa pesquisa.

1 Segundo o Parecer Nº 271/92 do CEE/MT - A Educação de Adultos vigora em Cuiabá desde 1986, em caráter experimental com a elaboração por parte da Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá (SME) da Proposta de Educação de Jovens e Adultos. (ver ANEXO 1).

² “Práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. (FREIRE, 1987, p.67).

Tentar compreender porque esses jovens e adultos não haviam tido a oportunidade de ter acesso à escola, ou ainda, por que a haviam abandonado; por que haviam retornado; o que fizeram no período em que não se encontravam matriculados; quais as outras experiências vivenciadas; o que aprenderam com as mesmas; o que tinham para nos ensinar; qual a melhor forma de se organizar o processo ensino - aprendizagem, de modo a se sentirem motivados para concluir sua escolarização; quais os seus projetos de vida; para que estudar; enfim, como, na função de professora, poderia contribuir para a formação de uma consciência política desses jovens e adultos; como fazer com que os mesmos superassem as amarras do preconceito e da discriminação que tanto marcavam suas trajetórias escolares e pessoais. Essas e muitas outras perguntas sempre se fizeram presentes em minha experiência enquanto profissional.

Com a conclusão do curso de graduação em 1995, tive oportunidade de assumir a coordenação pedagógica em duas escolas municipais de Cuiabá e, posteriormente, compor a equipe de assessoria pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá (SME) em 1996/ 1999 e 2000/2003.

Nessa trajetória profissional, integrei a Equipe de Educação de Jovens e Adultos de 1996 à 1998. Posteriormente, fui convidada a participar da Assessoria Pedagógica nas Escolas que estavam implantando os Ciclos de Formação - Escolas Cicladas. Apesar de não atuar diretamente em sala de aula voltada à Educação de Jovens e Adultos, nunca perdi o vínculo e o interesse pelas questões que se relacionavam ao público que freqüentava essa modalidade de ensino.

Na tentativa de compreender os motivos pelos quais esses jovens e adultos haviam abandonado o seu processo de escolarização, elaborei algumas hipóteses: a grande maioria desses jovens se evadia desestimulado pela escola, em razão das altas taxas de repetência, ou ainda pressionados por fatores sócio-econômicos que obrigavam boa parte dos alunos ao trabalho precoce. Uma outra hipótese era a relação existente entre abandono da escolarização e a renda familiar, pois se constatou que: quanto maior a escolaridade dos pais, maiores são as possibilidades de terem melhores salários. Isto demonstra que existe relação direta entre renda familiar e escolaridade das crianças. Segundo Corina Dotti:

São nas escolas de bairros periféricos, com menor renda que percebemos maiores índices de fracasso escolar. Os mesmos excluídos da escola, são os excluídos da habitação, da alimentação, da saúde, do emprego, da sociedade como forma geral (DOTTI, 1992, p.23).

Em 2002, tive a oportunidade de participar do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais em Educação (NEPRE), onde foi desenvolvido o Programa “Políticas da Cor”, coordenado pela Professora Doutora Maria Lúcia Rodrigues Muller, do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso.

Com essa participação pude compreender que, além da questão de classe que atua na exclusão de crianças e jovens no ambiente escolar e social, existem mecanismos de preconceito racial que também atuam de forma velada e reforçam a exclusão dessas crianças e jovens no espaço escolar e social.

No mesmo ano, pude participar de um seminário temático organizado pelo Grupo de Pesquisa: Educação, Jovens e Democracia (GPEJD), coordenado pela Professora Doutora Maria Aparecida Morgado, do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso.

O contato com as produções do GPEJD, trouxe a possibilidade de aprofundar-me nas discussões acerca das questões relacionadas à juventude e às *juventudes*.

Juventudes porque, segundo Paulo César Pontes Fraga (2003):

As diferenças de condição social, raça, etnia e gênero atravessam também esse grupo etário; a maneira e a forma de vivenciar essa fase da vida variam enormemente (FRAGA, 2003, p.11).

A partir dessa consciência, os dados apresentados pelos órgãos de pesquisas oficiais começaram a fazer mais sentido e a justificar a necessidade dessa pesquisa, uma vez que o Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA- 2002), o de Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD - 2001) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - 2001), foram unânimes em apontar que o quadro sócio-educacional continua a produzir e reproduzir excluídos do acesso, permanência e terminalidade do Ensino Fundamental e Médio, mantendo um quadro de adolescentes, jovens e adultos sem escolaridade obrigatória e completa.

Nesse caso, vamos notar em todas as estatísticas, a presença dos jovens negros e negras como alvos preferenciais dessa exclusão, evidenciando a existência de uma grande distância no tempo de escolaridade entre brancos e negros, fato que nos leva a crer que, no Brasil, esse processo de exclusão e desigualdades na escolarização é concomitante a um processo de reprodução da desigualdade entre raças.

Porém, segundo o Ministério de Educação e Cultura (MEC- 2004)³, tendo por base as informações levantadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP-2002), o Ensino Médio teve um crescimento de 84% nos últimos dez anos.

Hoje, são mais de nove milhões de estudantes estudando nas 22 mil escolas de Ensino Médio que existem pelo País e dois milhões seguindo a Educação de Jovens e Adultos (REVISTA DO ENSINO MÉDIO, 2004, p. 04).

Uma recente Pesquisa Nacional, realizada pelo Instituto Cidadania, traçou o *Perfil da Juventude Brasileira* (2005)⁴ apontando que grande parcela da população juvenil tem visto nos programas de Educação Jovens e Adultos, uma alternativa para retornarem ao seu processo de escolarização. Esse interesse tem se refletido, como aponta o Censo Escolar⁵ (2001), em um aumento da matrícula nos cursos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos.

Estes dados apontados pelos órgãos de pesquisa, bem como a Pesquisa Nacional, realizada pelo Instituto Cidadania, me fizeram elaborar algumas hipóteses como ponto de partida para a realização desse trabalho:

1. Existe um número significativo de jovens negras e negros na Educação de Jovens e Adultos – EJA.
2. A jovem negra e o jovem negro foram excluídos de seu período escolar regular em função de sua condição de classe social e étnica.
3. A jovem negra e o jovem negro, ao serem excluídos da escola, inserem-se no mercado de trabalho.
4. Sem qualificação a jovem negra e o jovem negro submetem-se aos trabalhos de menor remuneração.
5. A formação da consciência política e da consciência étnica desses jovens negras e negros vai sendo construída nessa trajetória.

³ Revista do Ensino Médio, nº 4 , Ano II/2004

⁴ *Perfil da Juventude Brasileira*, uma pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania, com o propósito de fazer levantamento quantitativo sobre o contingente populacional de 34 milhões de brasileiros entre 15 e 24 anos de idade.

⁵ Consulta: acesso em 17/03/05, disponível em: http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/enc.../news02_01.ht

6. O ingresso da jovem negra e do jovem negro na Educação de Jovens e Adultos se dá em função da necessidade que esses jovens sentem de melhorar de vida e ascenderem socialmente.

Assim, vi na possibilidade de realização dessa pesquisa, que se encontra vinculada ao Grupo de Pesquisa Educação, Jovens e Democracia, do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso e que integra o projeto “Educação da Juventude em Mato Grosso: Impasses e Perspectivas Político-Pedagógicas”, investigar a trajetória escolar e social de jovens negros e jovens negras matriculados no Ensino Médio, modalidade de Educação de Jovens e Adultos na cidade de Cuiabá /Mato Grosso, a fim de compreender quais seriam os fatores determinantes que explicam o abandono e, posteriormente, o retorno ao processo de escolarização, nesse nível e modalidade de ensino na cidade de Cuiabá.

Nesse sentido, temos o objetivo de compreender se essas experiências vivenciadas numa diversidade de locais, que estão além do espaço escolar, foram determinantes ou não para o retorno ao processo de escolarização.

Segundo Abramo (1997), no balanço a respeito dos estudos realizados sobre juventude no Brasil, há indicadores de que a maior parte das reflexões no meio acadêmico se destina a discutir os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens. Ainda é pequena a incidência dos estudos voltados a perceber suas trajetórias de vida.

Spósito (2004, p.13), por sua vez, no artigo “A Produção de Conhecimento sobre a Juventude na Área de Educação no Brasil”, faz um balanço da produção discente nos cursos de pós-graduação do Brasil, entre outros dados, nos diz que “surpreende a minguada participação da temática racial ou étnico-racial para a compreensão mais densa da sociedade brasileira e das desigualdades educacionais”.

Nesse sentido, ao investigarmos a trajetória escolar e social desses jovens negros e negras, temos a intenção de trazer elementos para a compreensão dos fatores que contribuíram para o retorno, por parte desses jovens, ao seu processo de escolarização.

Este estudo está organizado em duas partes, sendo que a primeira parte está dividida em dois capítulos.

No Capítulo 1, trataremos da Contextualização da Educação de Jovens e Adultos desde sua origem até os dias atuais.

No Capítulo 2, abordaremos os procedimentos metodológicos que utilizamos para situar os jovens negros e negras que constituíram os sujeitos dessa pesquisa.

A Segunda Parte também está dividida em dois capítulos.

No Capítulo 3, veremos a presença do jovem negro no contexto mais amplo da juventude brasileira. Mostraremos o conceito de juventude apontando que a juventude tem sido historicamente um recurso latente de mobilização política.

No Capítulo 4, analisaremos a trajetória escolar e social dos jovens negros e jovens negras, a fim de compreender as determinações que influenciaram a retomada do seu processo de escolarização.

Na conclusão faremos uma análise da trajetória escolar e social dos jovens negros, apontando algumas determinações que contribuíram para o abandono e posterior retorno ao seu processo de escolarização, vislumbrando algumas possibilidades de políticas que possam contribuir para que esses jovens dêem prosseguimento a sua escolarização. Analisaremos, ainda, o papel que a discriminação étnica exerce para a inibição da participação desses jovens na vida política do país e como esse fato trouxe implicações na limitação da formação de uma consciência política e consciência étnica.

PARTE I

CAPÍTULO 1

PRESENÇA DE JOVENS NEGROS E JOVENS NEGRAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA QUESTÃO DE COR?

Constata-se a partir dos resultados da pesquisa nacional, *Perfil da Juventude Brasileira (2005)*, que está havendo um significativo crescimento nos números de matrícula nas escolas, por parte da população juvenil, Tabela 1.

Tabela 1: Brasil: estudantes de 15 a 24 anos por grau que freqüentaram, 1995-2001 (em milhões)

Anos	1º Grau	2º Grau	Superior	Total
1995	5,9	4,6	1,1	11,6
2001	6,4	7,6	2,1	16,1
Crescimento Absoluto	0,5	3,0	1,0	4,5
Crescimento Relativo	7,7%	65,1%	88,7%	38,5%

Fonte: IBGE, PNAD 2001.

Verifica-se, segundo Censo Escolar (2001), que a população com mais de 15 anos de idade e que abandonou ou, de alguma forma, não teve acesso ao processo de escolarização, tem buscado como alternativa para retomar o seu processo de escolarização, matricular-se nos cursos presenciais, semi-presenciais ou à distância da Educação de Jovens e Adultos.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2001), houve expansão de 41% de matrículas na Educação de Jovens e Adultos em 2001, que passou de 2,7 milhões para 3,8 milhões em 2004. Já no Ensino Médio,

na mesma modalidade, a matrícula também cresceu, aproximando-se a um milhão de alunos matriculados atualmente.

Considerando os dados que indicavam a Educação de Jovens e Adultos como freqüentada em sua maioria por jovens, a análise dessa pesquisa está focada na trajetória escolar e de vida dos jovens negros e jovens negras com 25 anos de idade que se encontravam matriculados no ano de 2004 no Ensino Médio, modalidade de Educação de Jovens e Adultos, regime presencial nas escolas estaduais de Cuiabá/ Mato Grosso.

A partir das experiências vivenciadas por esses jovens negros e jovens negras na instituição escolar, bem como em outros espaços, tais como: mercado de trabalho formal ou informal, movimentos sociais, partido político, sindicatos, associações de classe, temos a intenção de compreender quais as determinações que contribuíram para que esses jovens, em algum momento de suas vidas, abandonassem os seus processos de escolarização e o que, posteriormente, os fizeram retornarem, optando pelo Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Considerando que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação / 1996, tem tido como foco as políticas do Ensino Fundamental universal e obrigatório, no sentido de minimizar a distorção série/idade, como, por exemplo, ciclos de formação, classes de aceleração, que visam limitar em oito anos a permanência na educação obrigatória, além das presentes condições sociais adversas, ainda apresentam seqüelas de um passado perverso de desigualdades.

O IPEA (2002) indica que, no Ensino Fundamental, os números referentes à “taxa de escolaridade líquida”, ou seja, relacionada à determinada faixa etária na qual os alunos estão matriculados em idade/nível adequados, os números apontam que dentre os 25% da população mais pobre do país, 44% dos brancos entre 11 e 14 estão entre a quinta e oitava séries do Ensino Fundamental. Na população negra o índice é ainda mais baixo: 27%.

Segundo estudo baseado na IBGE-PNAD (1999), a taxa de analfabetismo é três vezes maior entre negros. Entretanto, jovens brancos aos 25 anos, têm em média 8,4 anos de estudos, quando negros da mesma idade têm a média de 6,1 anos de escolaridade.

Dados do IPEA (2002) confirmam que para todas as idades, a diferença da média de escolaridade entre brancos e negros é de dois anos ou mais.

Se levarmos em consideração apenas as taxas de analfabetismo entre os brasileiros, comparando-se os dados do IBGE - PNAD (1992 e 1999), as mesmas tiveram redução em todos os grupos de cor, mas entre negros e pardos ainda são quase três vezes maiores do que entre brancos.

Em 1992, eram analfabetos 10,6% dos brancos, 28,7% dos pretos (nomenclatura oficial do IBGE) e 25,2% dos pardos. Já em 1999, 8,3% dos brancos, 21% dos pretos e 19,6% dos pardos eram analfabetos. (Folha de São Paulo, 5/04/2001).

O analfabetismo é três vezes maior entre negros de 15 a 25 anos do que brancos da mesma idade, sendo que um dos maiores dramas da educação brasileira é continuar exibindo índices elevados de repetência, reprovação e distorção série/idade que atingem, em sua maioria crianças e jovens negros e negras.

No Brasil, o processo de reprodução das desigualdades na escolarização é concomitante ao de reprodução da desigualdade entre as raças, onde se evidencia a existência de uma grande distância no tempo de escolaridade entre brancos e negros.

Nesse sentido, Hasenbalg & Silva (1991) apontam estudos reveladores sobre os estudantes não-brancos que possuem menos anos de estudos que os estudantes brancos.

Segundo Iolanda de Oliveira (1999), os estudantes negros recebem tratamento desigual dentro do sistema escolar, o que acaba por engendrar um conjunto de mecanismos institucionais que, entre outros, explicitam a existência de um ritual pedagógico que discrimina a participação de um determinado grupo racial, marginalizando crianças e jovens negros e negras e silenciando as relações étnicas estabelecidas no espaço da sociedade.

Tudo isso ocorre em um ambiente em que o racismo ou o preconceito não declarados são percebidos através de comportamentos que naturalizam atitudes discriminadoras dos afro-descendentes e da pobreza, em nome da ordem institucional e do silêncio, diante de ocorrências que exigem uma ação pedagógica segura para desvelar a ideologia racista que perpassa o ambiente escolar (OLIVEIRA, 1999, p.13).

Henriques (2001) nos mostra que a diferença de escolaridade entre um jovem branco de 25 anos de idade e um jovem negro da mesma idade, corresponde a uma média de 2,3 anos.

Esses jovens param de estudar e tem como uma das motivações para essa interrupção no seu processo de escolarização, questões ligadas à sua inserção no mercado de trabalho. Nesse caso, esse fator é mais determinante para os jovens negros.

Entretanto, é também por conta desse mercado de trabalho, extremamente exigente, restrito e seletivo, que esses jovens retornam à escola com uma forma de melhorarem sua qualificação, ou ainda, é a partir de uma educação formal que poderão galgar outras qualificações, sendo que a Educação de Jovens e Adultos tem se apresentado como uma das formas mais rápidas de alcançar, em menos tempo, tal objetivo.

Manacorda (1969) contribui para a compreensão desse movimento quando diz que: ao considerarmos o movimento da sociedade, mesmo que quiséssemos manter sua atual estrutura, precisaríamos de homens técnicos e culturalmente capacitados para o controle e promoção de suas atividades e isso exige muito mais do que uma escola ou uma aprendizagem tradicional.

E Soares (2002) complementa:

A educação, como chave indispensável para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea, vai se impondo cada vez mais nestes tempos de grandes mudanças e inovações nos processos produtivos. Ela possibilita ao indivíduo jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extra-escolar e na própria vida, possibilitar um nível técnico e profissional mais qualificado. (SOARES, 2002, p. 40)

A jovem negra tem mais um elemento de discriminação, pois segundo a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde realizada em 1996, as jovens pobres apresentavam fecundidade dez vezes maiores do que as de melhor nível econômico. Esse fato vai refletir na interrupção da trajetória de escolarização, devido à gravidez precoce ou constituição de família.

No Censo Demográfico da Educação do IBGE (2000), que investigou o número de pessoas que freqüentavam a escola por nível, conforme cor ou raça e os grupos de idade no Estado de Mato Grosso, os resultados das amostras identificaram um quadro de desigualdades educacionais a que jovens negros e negras estavam submetidos e que se traduzia em repetência e distorção série/idade, como nos mostra a Tabela 2.

Analisando apenas o grupo de idade entre 25 e 29 anos, observamos que as distorções entre brancos e negros se dão em todos os níveis de ensino, é o que nos mostra a Tabela 2.

Tabela 2: Pessoas que freqüentavam escola por nível de ensino, segundo cor ou raça e os grupos de idade - Mato Grosso.

Grupos de Idade	Brancos			Negros		
	EJA	Ensino Fundamental	Ensino Médio	EJA	Ensino Fundamental	Ensino Médio
15 a 17 anos	35	23.008	27.287	33	4.151	1.715
18 a 19 anos	67	5.392	10.992	11	1.015	1.253
20 a 24 anos	135	5.785	8.437	38	1.210	1.192
25 a 29 anos	118	3.573	3.302	56	615	432

Fonte: Tabela 3.25.7 do Censo Demográfico 2000 Educação - IBGE

Esse número nos remete a compreender que a produção de analfabetismo, semi-analfabetismo e o afastamento desta parcela da população do Ensino Fundamental, são expressões concretas de uma realidade social injusta e discriminatória.

Portanto, o analfabetismo e o fracasso escolar são resultados de um longo e histórico processo de exclusão de crianças, jovens e adultos da escola, onde poucos conseguem vencer a barreira da conclusão da escolaridade obrigatória, uma vez que essa escola vem refletindo a falta de visibilidade dos grupos culturais, étnicos e heterogêneos, primando por um discurso e prática do padrão ocidental étnico-cultural da homogeneidade.

Ainda assim, uma grande parcela desses jovens tem feito o enfrentamento a essa situação de exclusão escolar e tem encontrado na Educação de Jovens e Adultos uma possibilidade de retomada ao seu processo de escolarização.

Constatamos com esse trabalho que os estudantes matriculados no Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos em Cuiabá, são em sua maioria jovens e, mais

especificamente, jovens negros e jovens negras, rompendo assim com sua gênese, que era oportunizar escolarização aos adultos que não tiveram acesso à mesma, em tempo e idade adequada.

Veremos a seguir que a Educação de Jovens e Adultos, ao longo da história da Educação, tem sido permeada pelo estabelecimento de vínculos com os segmentos das classes populares que precisam atender às demandas emergenciais do mundo do trabalho, determinadas pelo momento sócio-econômico em que são concebidas.

1.1 A Educação de Jovens e Adultos: Uma Possibilidade de Retomada à Escolarização

Soares (2002) nos mostra que, desde a Constituição Imperial de 1824, o direito à instrução primária e gratuita (artigo 179, 32) era reservado a todos os cidadãos. Porém, o título de cidadão era restrito aos livres e libertos.

Num país pouco povoado, agrícola, esparso e escravocrata, a educação escolar era apanágio de destinatários saídos das elites que poderiam ocupar funções da burocracia imperial ou no exercício das funções ligadas à política e ao trabalho intelectual. Acesso à leitura e a escrita era considerado desnecessário para escravos, indígenas e caboclos, destinando-se a estes o trabalho duro e doutrina aprendida pela oralidade. (SOARES, 2002, p. 44)

Neste sentido, Marilane Costa (2004) afirma que “a discriminação, o preconceito e o racismo brasileiro datam desde a chegada dos primeiros escravos em solo brasileiro” (2004, p.24).

Em 1891, foi proclamada a primeira Constituição Republicana e de seu texto foi retirada a referência à gratuidade da instrução, condicionando o voto à alfabetização, (art. 70 & 2º). Esse condicionamento segundo Soares (2002, p. 46), “foi justificado como uma forma de mobilizar os analfabetos a buscarem, por sua iniciativa pessoal, os cursos de primeiras letras”.

A ênfase da Constituição, segundo Soares, era dada à livre iniciativa do indivíduo como responsável por sua busca de ascensão pessoal, desconsiderando a existência e manutenção de privilégios advindos da opressão escravocrata em relação ao acesso aos bens econômicos e sociais.

Ao longo dos anos de 1920, movimentos civis e mesmo oficiais se empenham no combate ao analfabetismo que era tido como uma chaga nacional. A urbanização, a industrialização nacional e a necessidade de formação mínima de mão de obra do próprio país impulsionaram reformas educacionais no período, em âmbito nacional.

Nos anos 30, decorrente da consolidação do sistema público de educação elementar, posta como uma necessidade do processo de industrialização e da concentração da população dos centros urbanos, aumentaram as solicitações com relação à escolaridade e, na década seguinte, registraram-se ações voltadas para extensão da Educação de Adultos.

Ao longo da história, a Educação de Adultos integrava inicialmente a Educação Popular que por sua vez era tratada como uma questão do ensino elementar.

Segundo Paiva (1985), entende-se por Educação Popular,

A educação oferecida a toda população, aberta a todas as camadas da sociedade. Outra concepção da educação popular seria aquela destinada às chamadas “camadas populares” da sociedade: a instrução elementar, quando possível, e o ensino técnico profissional tradicionalmente, entre nós, como ensino “para desvalidos”. (PAIVA, 1985, p. 46)

Foi com a criação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP), em 1942, e que só passou a funcionar em 1946, que a Educação de Adultos passou a ser estudada como um aspecto independente da Educação Popular, enquanto difusão da instrução elementar.

A primeira iniciativa pública, que visava o atendimento aos adultos, deu-se segundo Soares (1996), com o lançamento da Primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos por iniciativa do Ministério de Educação e Saúde.

Estas ações ganharam impulso após a 2ª Guerra Mundial, com o fim da ditadura Vargas e com o movimento de redemocratização no país.

O entusiasmo pela Educação marcou os anos 40, sendo que a Constituição de 1946, em seu artigo 166, reconheceu a Educação como direito de todos. Em 1947, houve lançamento da Campanha de Educação de Adultos, coordenada por Lourenço Filho. O analfabetismo era concebido como causa e não efeito da situação econômica, social e cultural do país.

O Ensino Supletivo surgiu no Brasil com o objetivo de oportunizar escolarização ao jovem e adulto trabalhador, que não teve acesso ou não pôde concluir os níveis de ensino em idade adequada.

Nos anos 60 foi promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 4.024/61, onde a Educação foi reconhecida como um direito de todos. Esta lei determinava em seu artigo 99 que:

Aos maiores de 16 anos seria permitida a obtenção de certificados de conclusão do curso ginasial, mediante a prestação de exames de madureza, após estudos realizados sem observância de regime escolar. Parágrafo único. Nas mesmas condições permitir-se-á a obtenção do certificado de conclusão de curso colegial aos maiores de 19 anos (Lei 4.024/61- art. 99).

Neste período, sob inspiração de Paulo Freire, fortaleceu-se o debate sobre o tema da Educação de Adultos, que passou a contar com o envolvimento de estudantes, intelectuais, católicos, movimentos populares que desenvolviam novas perspectivas de cultura e educação popular.

Foram criados o Movimento de Cultura Popular, (Recife – 1960), os Centros de Cultura Popular (CCP), da União Nacional dos Estudantes (UNE, 1961), segmentos da Igreja Católica, com destaque ao Movimento de Educação de Base, ligado a Conferência dos Bispos do Brasil, iniciativas como as da Prefeitura de Natal com a Campanha “De Pé no Chão também se aprende a Ler” e a campanha de Educação Popular da Paraíba, também mereceram destaque.

Segundo Manoel Motta (1986), esses três grandes movimentos tinham algo em comum.

[...] com atuações e projetos diversos, têm, porém, algo em comum que é tentar promover, através de uma atuação pedagógico-cultural, a participação política das massas na construção da sociedade brasileira. (MOTTA, 1986, p.14)

Estes diferentes grupos articularam-se, pressionando o governo a fim de que o mesmo estabelecesse uma coordenação nacional para estas iniciativas educacionais, o que ocorreu em 1963 e que culminou na criação e aprovação do Plano Nacional de Alfabetização, em janeiro de 1964, que previa a disseminação por todo o Brasil de programas de alfabetização orientados pelo já conhecido “Sistema Paulo Freire”.

O paradigma baseava-se no entendimento da relação problema educacional e problema social. O analfabetismo era tido como efeito da situação de pobreza, gerada por estrutura social não igualitária, onde era preciso que o processo educativo interferisse na estrutura social que produzia o analfabetismo.

Após o golpe militar houve desestruturação da Proposta Paulo Freire. Programas, movimentos e campanhas foram extintas e fechadas. Porém, a existência do analfabetismo continuava a ameaçar o crescimento econômico do país.

Segundo Vanilda Paiva (1985),

O temor aos efeitos dos programas de educação das massas, criados entre 1961 e 1964, observou-se através da repressão desencadeada contra esses programas e seus promotores. (PAIVA, 1985, p. 259)

Motta aponta alguns fatos que explicam a queda desses movimentos:

Inicia-se a desarticulação dos organismos que davam vida a toda essa produção. (...) o prédio da UNE é incendiado no Rio de Janeiro por militares fascistas, ligados ao golpe de 64(...) Paulo Freire e parte de seus colaboradores são presos, interrompendo todo o trabalho que vinham desenvolvendo. (MOTTA, 1986, p. 25)

O regime militar investiu inicialmente na expansão da Cruzada da Ação Básica Cristã (ABC), entidade educacional de origem evangélica que surgiu em Recife e que esteve mobilizada na educação de adultos de 1962 a 1967.

A Cruzada ABC identifica sua origem remota na iniciativa de um grupo de professores do Colégio Evangélico Agnes Erskine de Pernambuco que, em 1962, idealizou um trabalho com educação de adultos com sentido apostólico (PAIVA, 1985, p. 271).

Com a Lei 5.379/67, criou-se o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), objetivando erradicar o analfabetismo e propiciar a educação continuada de adolescentes e adultos.

Ao MOBRAL incumbiria promover a educação de adultos analfabetos, cooperar com movimentos isolados de iniciativa privada, financiar e orientar tecnicamente cursos de 9 meses para analfabetos entre 15 a 30 anos. (PAIVA, 1985, p.293)

A década de 70 foi marcada pelo viés economicista e a Educação de Adultos rearticulou-se à idéia de conscientização pessoal e política. A sociedade começava a reagir aos tempos de autoritarismo e repressão.

Movimentos populares de bairros e periferias urbanas, movimentos sociais de caráter político, de oposição sindical e associações de bairros, intensificavam a sua organização, lutando pela redemocratização política do país e por mudanças econômicas.

Nos anos 80, década da reconstrução democrática, os programas educacionais para a população adulta passaram a prever mais tempo, dedicando-se a alfabetização e pós-alfabetização.

Segundo o Parecer CEB 11/2000⁶ (2000, p.36), o III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto, no período que compreende entre 1980 a 1985, “tomou como um dos seus eixos a redução das desigualdades, assinalando a educação como direito fundamental”. Este Plano buscava uma nova postura com relação à educação de adolescentes e adultos. Valorizava-se a cultura e a realidade dos educandos como ponto de partida da prática educativa, incorporando um caráter crítico ao processo ensino-aprendizagem.

Em 1985, o Mobral foi extinto.

O primeiro governo civil pós-64 marcou simbolicamente a ruptura com a política de educação de jovens e adultos do período militar, com a extinção do MOBREAL, cuja imagem pública ficara profundamente identificada com a ideologia e as práticas do regime autoritário. (HADDAD e PIERRO, 2000, p.120)

O MOBREAL estava estigmatizado como um modelo de educação autoritária e de baixa qualidade e que, na Nova República⁷(1985), não encontrava condições políticas para atuar com a mesma eficácia, motivo pelo qual em 1985 foi substituído pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos - EDUCAR.

A Fundação Educar assumiu o papel de apoio técnico indireto, dando apoio aos municípios, estados e organizações civis, tendo como responsabilidade:

[...] articular, em conjunto, o subsistema de ensino supletivo, a política nacional de educação de jovens e adultos, cabendo-lhe fomentar o atendimento nas séries iniciais do ensino de 1º grau, promover a formação e o aperfeiçoamento dos educadores, produzir material didático, supervisionar e avaliar atividades. (HADDAD e PIERRO, 2000, p.120)

Ainda segundo Haddad e Pierro (2000):

⁶ O Parecer CEB 11/2000 regulamentou as Diretrizes Curriculares Nacionais para à Educação de Jovens e Adultos e foi aprovado em 10/05/2000 pela Câmara de Educação Básica.

⁷ Nova Rep

Se em muitos sentidos a Fundação Educar representou a continuidade do MOBREAL, devem-se computar como mudanças significativas a sua subordinação à estrutura do MEC e a transformação em órgão de fomento e apoio técnico, em vez de instituição de execução direta. Houve uma relativa descentralização das suas atividades e a Fundação apoiou técnica e financeiramente algumas iniciativas inovadoras de educação básica de jovens e adultos, conduzidas por prefeituras municipais ou instituições da sociedade civil. (HADDAD e PIERRO, 2000, p.120)

A Fundação Educar fora extinta em 1990, no início do Governo Collor de Mello.

Esse ato fez parte de um extenso rol de iniciativas que visavam o ‘enxugamento’ da máquina administrativa e a retirada de subsídios estatais, simultâneas à implementação de um plano heterodoxo de ajuste das contas públicas e controle da inflação. (HADDAD e PIERRO, 2000, p.121)

Em 1994, Fernando Henrique Cardoso é eleito Presidente da República do Brasil e reeleito em 1998.

Priorizou em seu mandato a implementação de uma reforma político-institucional da educação pública, dentre as quais a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN).

A nova LDBEN 9.394, aprovada em 1996, na seção dedicada à Educação de Jovens e Adultos, reafirmou o direito dos jovens e adultos trabalhadores ao ensino básico, adequado às suas condições peculiares de estudo e o dever do poder público em oferecê-lo gratuitamente na forma de cursos e exames supletivos.

A novidade dessa seção foi o rebaixamento das idades mínimas para que os alunos se submetessem aos exames supletivos: 15 anos para o Ensino Fundamental; 18 anos para o Ensino Médio.

A Constituição Brasileira de 1988 estabelecia o direito à Educação de Jovens e Adultos, quando expressou no artigo 208 que o dever do Estado para com a educação será efetivado mediante garantia de: I. Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso em idade própria.

Até a legislação anterior - Parecer 699/72, esse direito, era resguardado apenas aos pertencentes à faixa etária dos 7 aos 14 anos, e que cursavam o que correspondia ao antigo primeiro grau, hoje denominado Ensino Fundamental.

A atual LDBEN 9394/96, nos artigos 37 e 38, no que dizem respeito à Educação de Jovens e Adultos, incorporou a mudança conceitual que se dava desde o final dos anos 80.

Soares (2002) afirma que a mudança do termo Ensino Supletivo para Educação de Jovens e Adultos, não é uma mera atualização vocabular.

Houve um alargamento do conceito ao mudar a expressão de ensino para educação. Enquanto o termo “ensino” se restringe à mera instrução, o termo “educação” é muito mais amplo, compreendendo os diversos processos de formação. (SOARES, 2002, p.12)

Os termos jovens e adultos indicam que, em todas as épocas da vida, é possível se formar, se desenvolver e constituir conhecimentos, habilidades, competências e valores que transcendam os espaços formais de escolaridade e conduzam à realização de si e ao reconhecimento do outro sujeito.

No título V da LDBEN de 1996, que diz respeito aos Níveis e Modalidades de Educação e Ensino, capítulo II (Da Educação Básica), seção V denominada Da Educação de Jovens e Adultos, nos diz que essa modalidade é composta pelas etapas fundamental (1ª a 8ª séries) e média (1º ano ao 3º ano do Ensino Médio).

Aos jovens e adultos excluídos, pertencentes a essa faixa etária e com escolaridade incompleta, restava pagar para dar continuidade aos seus estudos ou disputar os poucos cursos dos programas públicos existentes.

Segundo Soares (2002),

A inexistência de uma legislação federal que garantisse o direito dos jovens e dos adultos à educação, aliada à ausência de uma política nacional voltada para a educação desse público, contribuiu para o quadro existente hoje de 13,3% de analfabetos acima de 15 anos e de mais de 60 milhões sem o Ensino Fundamental. (SOARES, 2002, p.12)

No entanto, esses jovens negros e negras que têm sido maioria nos processos de exclusão na escola, estão mostrando sua resistência a esse processo de exclusão, retornando à escola, desta vez na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, seja no Ensino Fundamental ou Médio. E nessa pesquisa, especificamente, trazemos dados que apontam a existência, hoje, na sociedade brasileira, de um crescimento expressivo de jovens a procura do Ensino Médio, tendo por base o IBGE, PNAD 2001.

1.2 O Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos

Dados do Censo de 2000 apontaram que o nível de escolaridade dos jovens entre 15 e 24 anos de idade no Ensino Médio era de 44,5%. Dados do PNAD (2001) mostraram um crescimento de matrícula para 47,2%, referente ao mesmo público e em 2002 para 48,0%. Na pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, realizada pelo Instituto e Cidadania em dezembro de 2003, esses percentuais sobem para 52,0%.

Historicamente, o Ensino Médio foi excludente e destinado às elites e, por esse aspecto, a educação média é vulnerável à desigualdade social.

Guiomar Mello (2002) nos diz que:

Enquanto a finalidade do Ensino Fundamental nunca está em questão, no Ensino Médio se dá uma disputa permanente entre orientações mais profissionalizantes ou mais acadêmicas, entre objetivos humanistas econômicos (MELLO, 2002, 04).

O Ensino Médio, especificamente, muitas vezes é considerado como a via de acesso à promoção social e econômica. Porém, para Delors⁸, este:

[...] é acusado de ser desigualitário, de estar pouco aberto ao mundo exterior e, de um modo geral, de fracassar na preparação de jovens tanto para o ensino superior como para a entrada no mundo do trabalho. (DELORS, 1999, p.134)

Ainda segundo Delors (1999), “esse fracasso é atribuído à fraca pertinência das matérias ensinadas e a pouca importância dada à aquisição de atitudes e valores.” (DELORS, 1999, p. 135)

A oferta do Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, está organizada segundo a LDBEN 9394, seção V, artigo 38, através de Cursos e de Exames Supletivos. Os cursos de Educação de Jovens e Adultos podem ser organizados sob a forma presencial, semi-presencial e à distância, desde que seja ressaltado o disposto no § 4º do

⁸ A Conferência Geral da Unesco em 1991 convocou uma comissão internacional presidida por Jacques Delors para refletir sobre educar e aprender para o século XXI. A Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI foi criada oficialmente no início de 1993, a fim de contribuir para uma revisão crítica da política educacional de todos os países. Essa Comissão ficou mais conhecida como *Relatório Jacques Delors*.

artigo 32 da citada lei. Quanto aos exames, estes se realizarão no nível de conclusão do Ensino Fundamental, para os maiores de quinze anos; e para nível de conclusão do Ensino Médio, aos maiores de dezoito anos. Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão avaliados e reconhecidos através de exames segundo § 1º e 2º do art.38 seção V LDBEN de 1996.

Considerando que o artigo 10 e o artigo 11 da LDBEN/1996, estabeleceram competências específicas em relação à oferta de Educação de Jovens e Adultos para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, determinando para o município a responsabilidade de:

Oferecer a Educação Infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o Ensino Fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência [...].
(artigo 11, V da LDB)

E que coube ao Estado: “assegurar o Ensino Fundamental e oferecer, com prioridade, o Ensino Médio,”⁹ vamos, neste estudo, utilizar a Resolução 180/2000-CEE/MT¹⁰, como referencial para compreensão da normatização de oferta do Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos em Cuiabá.

Nesta resolução, a Educação de Jovens e Adultos foi concebida como uma modalidade da Educação Básica, que se constitui na oferta de educação regular, com características adequadas às necessidades dos Jovens e Adultos que não tiveram acesso à escolarização na idade própria ou não tiveram continuidade nas etapas de Ensino Fundamental e Médio.

A mesma resolução, no seu artigo 6º, diz que os cursos de Educação de Jovens e Adultos podem ser organizados sob as formas: presencial, semi-presencial e à distância, desde que ressaltado o disposto no & 4º do artigo 32 da LDB - Lei 9394/96.

Em relação à idade para cursar o Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, a lei dita que só terão acesso a essa modalidade estudantes maiores de 17 anos. Porém respeitada a faixa etária mínima, aqueles que não possuem comprovação de

⁹ Artigo 10, VI da LDBEN de 1996.

¹⁰ A Resolução é fundamentada no artigo 10, inciso V, e no artigo 11, parágrafo único, da Lei nº 9.394 de 1996, Resolução CNE/CEB, nº 01/2000 e Parecer nº 11/2000-CEB de 2000.

escolaridade poderão realizar verificação de conhecimentos e habilidades através da já conhecida prova especial.

Quanto à estruturação dos cursos para o Ensino Médio, o artigo 7º dirá que deverá existir uma duração mínima de 03 três fases para cada etapa desse nível, sendo que para cada fase deverá existir o cumprimento de uma carga horária de, no mínimo, 800 horas e 200 dias letivos.

No que se refere à frequência do estudante em sala de aula, a lei estipula que para a aprovação do mesmo, ele deverá se fazer presente em 75% das aulas para cada fase cursada.

Apesar de uma legislação rígida em relação ao tempo previsto para que esses jovens retomem seu processo de escolarização, considerando que eles precisam conciliar estudo e trabalho, o fato é que os jovens negros e jovens negras têm tido presença significativa nas salas de EJA e vêm nesse retorno a possibilidade de continuidade do seu processo de escolarização, superando um passado com história de exclusão, provocada por sucessivas reprovações e conseqüente abandono da instituição escolar.

No Capítulo 2, trataremos dos procedimentos metodológicos utilizados para identificarmos os jovens negros e jovens negras, abordando as categorias levantadas para a análise e compreensão do problema de pesquisa.

CAPÍTULO 2

SITUANDO OS JOVENS NEGROS E AS JOVENS NEGRAS DE CUIABÁ - MATO GROSSO

Qualquer trabalho científico, qualquer descoberta, qualquer invenção é um trabalho universal.
Ele está condicionado em parte pela cooperação de contemporâneos, em parte pela utilização do trabalho de seus predecessores.

Karl Marx

As pesquisas sobre juventude têm se estruturado entre diferentes intervalos de idades. Nesse sentido, Jorge Atílio Silva Iulianelli (2003, p.60) afirma que “juventude é um segmento social definido culturalmente. Em cada sociedade há situações diferentes para esse mesmo grupo social”.

Neste trabalho, a questão da definição da faixa etária é relevante porque ela se propõe a analisar a trajetória escolar e social dos jovens negros e jovens negras que em novembro de 2004 se encontravam com 25 anos de idade e matriculados no Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. A justificativa em se delimitar jovens negros e negras nessa faixa etária, se deu porque nessa idade as pessoas não são mais consideradas jovens pelas orientações da Organização das Nações Unidas (ONU), que entre 1985 e 1995 implementou um monitoramento da situação da juventude, compreendida pela faixa etária entre 15 e 24 anos de idade. E que segundo Spósito (2000), essas têm sido as orientações de trabalhos na área demográfica.

No entanto, segundo Marília Pontes Spósito (1997), em alguns países europeus a população jovem é considerada até a idade de 29 anos. Essa é a faixa etária utilizada, por

exemplo, pela Organização Internacional da Juventude - OIJ, que amplia a designação para o termo juventude até os 29 anos de idade.

Fizemos a opção nessa pesquisa, em investigar no ano de 2004, essa parcela da população jovem que, após anos de estudos, apresentaram histórico de abandono e reprovações na escola regular e resolveram retornar à sua escolarização no Ensino Médio, fazendo opção pela modalidade de Educação de Jovens e Adultos em regime presencial.

Porém, não estamos falando de qualquer jovem. Estamos falando de jovens negros que, pela sua condição de classe e raça, pertencem a uma parcela mais empobrecida da população escolar e que apresentam idade mais avançada em relação ao nível de escolarização; além disso, possuem uma trajetória escolar acidentada, pois esses jovens negros, muito precocemente conciliam trabalho e estudo e isso reflete num quadro de sucessivas reprovações e expressiva distorção série/idade, fatos que os levam a abandonarem o seu processo de escolarização.

No presente estudo, compreendemos que os jovens negros serão analisados no universo mais amplo sociológico, historicamente construído, pois segundo Peralva: “Juventude é uma condição e uma representação fundada em critérios históricos e sócio-culturais, portanto extremamente variável no tempo e no espaço.” (PERALVA, 1997, p.33)

Em relação à opção pelo Ensino Médio, justifica-se, pois, dados de órgãos oficiais, como já dissemos anteriormente¹¹, apontaram um expressivo aumento do número de matrícula no Ensino Médio e por extensão nos programas de Educação de Jovens e Adultos.

No Brasil, segundo a LDB, a faixa etária considerada ideal para matricular-se no Ensino Médio regular é de 15 a 17 anos de idade.

Segundo Eliezer Pacheco¹², presidente do INEP,

83% dos jovens estão na escola, mas apenas 33% frequentam o Ensino Médio. Esses números evidenciam que, além dos concluintes do Ensino Fundamental que vão ingressar nos próximos anos no Ensino Médio, há um grande contingente de pessoas que poderão retornar aos estudos após anos fora da sala de aula. (PACHECO, 2004, p.04)

¹¹Ver Tabela 1, p. 22

¹² Revista do Ensino Médio, nº 4, ano II/2004, p. 04.

Em relação à cor dos sujeitos da pesquisa, tomamos por base os estudos de Oliveira (1999) e Guimarães (1999).

Para compreender a questão da participação e identificarmos a consciência política e étnica, formulamos na etapa de pesquisa de campo um bloco de entrevistas denominado Participação, Consciência Política e Consciência Étnica.

A intenção na formulação da entrevista semi estruturada era a de investigar, se no período em que esses jovens negros e negras não estiveram matriculados na escola, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, se houve por parte dos mesmos participação ou não em Sindicatos, Partidos Políticos e em Movimentos Sociais.

Esse bloco de entrevistas constituiu-se em duas etapas: na primeira etapa foram formuladas questões acerca da participação em movimentos sociais, tais como: grupo de jovens, associação de moradores ou outras associações; movimento de jovens, tais como: *rap*, skatistas, capoeiristas e outros.

Uma vez participantes de um ou mais desses grupos, procuramos conhecer a partir de que idade se deu sua inserção no(s) grupo(s), qual o interesse que os levaram a participar de determinado grupo, se essa participação havia sido influenciada por alguma liderança e quais os tipos de mobilizações promovidas pelo grupo e com que intenção.

A segunda etapa foi constituída por questões que abordavam a participação política em sindicato, filiação à sindicatos e/ou associações de classe, movimento estudantil, grêmios, movimento negro, partidos políticos.

A formulação desse bloco de entrevistas foi fundamental para a nossa compreensão acerca de como o engajamento em ações coletivas constituiu-se como requisito necessário e fundamental à formação de uma consciência, pois consideramos como Berger (apud Sandoval, 1994, p.59) quando nos diz que: “toda realidade social tem um componente essencial de consciência.”

Após essa primeira fase de fundamentação teórica, partimos para o trabalho de campo, que consistia em realizar mapeamento de jovens negras e negros matriculados no Ensino Médio, modalidade de Educação de Jovens e Adultos no ano letivo de 2004, na cidade de Cuiabá.

Para a identificação dos possíveis sujeitos da pesquisa, recorremos à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso - Coordenação da Educação de Jovens e Adultos, a fim de fazermos o levantamento das Escolas Estaduais e das conveniadas no município de Cuiabá que ofertavam o Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Posteriormente, fizemos contato com a direção e coordenação das escolas estaduais: José Magno, localizada no bairro central Goiabeiras; Djalma de Souza, localizada no bairro periférico (de classe média) Morada do Ouro; Rodolfo Augusto, localizada no bairro periférico Paiaguás; Emília de Figueiredo, localizada no centro de Cuiabá e EMPG Ana Teresa Arcos Krause, localizada no bairro periférico Pascoal Ramos.

Durante o primeiro contato fizemos uma breve exposição do que estávamos pesquisando, a fim de obtermos autorização para a identificação dos nossos sujeitos no estabelecimento escolar. Em todas as escolas fomos muito bem recebidos por diretores, coordenadores e professores, sendo que estes destacaram a importância da pesquisa e solicitaram um retorno do resultado obtido para a escola, à exceção de uma única Escola Estadual que, após várias tentativas de contato com os coordenadores, não obtivemos resposta positiva no sentido de autorizar nossa permanência na escola.

Foi solicitado aos diretores/ coordenadores das escolas acima citadas, mediante ofício do orientador dessa pesquisa, autorização para que tivéssemos acesso à documentação dos estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, Ensino Médio.

A idéia inicial era de que a partir das fichas de matrícula, poderíamos ter a seguinte caracterização dos sujeitos da pesquisa: condição racial, faixa etária e situação escolar. Queríamos garantir condições que pudessem favorecer uma melhor aproximação com o objeto delimitado, tendo em mente que haveríamos de considerar o método numa perspectiva dialética, não como uma acumulação acidental de fenômenos separados uns dos outros, isolados e independentes, mas como um todo unido, coerente, em que os objetos e os fenômenos estão interligados entre si e condicionam-se reciprocamente.

Quanto às fichas de matrícula, apesar de terem informações relevantes da vida pessoal dos estudantes como, por exemplo, sobre o aspecto sócio-econômico: renda familiar, pessoas que trabalham na casa, filhos de 07 a 14 anos, chefe da família: pai, mãe, casal, avô, avó; moradia própria, alugada, não possuíam o que nos interessava no momento, que era a denominação da cor dos estudantes ou mesmo uma fotografia 3 x 4 anexada.

Definimos, então, tendo por base o referencial utilizado que considera jovem aqueles sujeitos entre 15 a 29 anos, levantar os nossos possíveis sujeitos para que, a posteriori, conferíssemos nas salas de aula, a cor dos sujeitos selecionados pela ficha de matrícula.

Nessa primeira fase foi possível fazer o seguinte mapeamento que pode ser verificado na Tabela 3:

Tabela 3: Mapeamento dos Jovens negros e negras matriculados no Ensino Médio - Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

Idade	Mulher	Homem	Total
18	02	01	03
19	02	04	06
20	03	02	05
21	01	-	01
22	02	03	05
23	01	02	03
24	05	04	09
25	04	07	11
26	04	03	07
27	01	03	04
28	-	01	01
29	01	-	01
Total	26	30	56

Fonte: Dados fornecidos pelas fichas de matrículas e questionário aplicado nas escolas selecionadas.

No cotidiano das escolas, pudemos constatar que os estudantes matriculados no período noturno apresentavam baixa frequência, tendo como justificativa central para essa ausência motivações de trabalho, o que provavelmente explica o fato de terem uma frequência, permanência e conclusão de sua escolaridade deficitária.

Isso se tornou uma limitação para identificar os sujeitos, pois durante o levantamento, os estudantes selecionados através da idade delimitada para a pesquisa ou já haviam se evadido, ou se transferido e nem sempre eram negros ou estavam ausentes.

Como cita Zago,

Existe uma multiplicidade de fatores que podem exercer influência sobre os resultados obtidos. Isso significa dizer que o trabalho de campo dificilmente vai se desenrolar conforme planejado e desse modo está sujeito a sofrer um processo de constante construção [...] Precisamos encontrar um terreno que favoreça a produção de dados e esta busca pode exigir mais tempo do que previsto. Dificuldades, em maior ou menor grau, inevitavelmente existem. (ZAGO, 2003, p.293)

Foi pensada uma outra forma para se mapear os sujeitos, o que consistiu na elaboração de uma ficha de caracterização com os seguintes dados: nome, local e data de nascimento, sexo (masculino, feminino), estado civil (com as opções: casado, solteiro, viúvo, separado, outros), cor, nome dos pais, endereço, telefone, escola em que estuda, ano que está cursando, o que fazia no período em que não estudava, trabalha no mercado formal ou informal.

Segundo Garcia (2002),

Entrevistas e questionários são instrumentos mediadores na exteriorização das expressões de subjetividade, sendo que o questionário permite uma maior objetivação e visibilidade, dados necessários à caracterização da condição social dos pesquisados. (GARCIA, 2002, p.15)

Mediante o preenchimento desse questionário, nos foi possível identificar os quatro sujeitos da pesquisa, sendo: dois rapazes e duas moças. Chegamos a essa seleção dos sujeitos, pois os mesmos se enquadravam na delimitação necessária para a realização dessa pesquisa: ser negro, ter na data da pesquisa 25 anos de idade, ter participado de algum movimento social e ser estudante do Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos em Cuiabá, no regime presencial.

2.1 A Entrevista como Instrumento de Pesquisa

Elegemos a entrevista semi estruturada como um instrumento “favorável à coleta das informações”. Nadir Zago (2003) alega que a escolha do tipo de entrevista, como também a escolha de outros instrumentos de coleta de dados, não é neutra.

As questões da entrevista foram estruturadas a partir da elaboração de blocos temáticos que visavam investigar toda a dimensão e diversidade das situações vivenciadas na vida social e escolar dos sujeitos da pesquisa.

Esses blocos temáticos consistiram em: 1. Caracterização dos Sujeitos; 2. Processo de Escolarização; 3. Participação; 4. Consciência Étnica; 5. Consciência Política; 6. Perspectiva de Futuro.

A definição da natureza da entrevista, bem como a maneira pela qual a mesma foi conduzida, teve como critério o ajustamento à nossa problemática de pesquisa.

Zago (2003) nos chama a atenção em relação a essa apropriação da entrevista, não como uma técnica transposta mecanicamente para a situação de coleta de dados, mas como parte integrante da construção sociológica do objeto de estudo, cuja construção implica numa interdependência dos diversos procedimentos associados ao processo de produção de dados, o que inclui sua problematização inicial, passando pelo estudo da realidade e pela análise de dados.

Nosso roteiro de entrevista não seguiu uma estrutura rígida, pois significou um guia que possibilitou o acréscimo de questões relacionadas à problemática da pesquisa.

O que se buscou nesse momento foi compreender o lugar social, o contexto, o processo de escolarização, a participação, a perspectiva de futuro e, sobretudo, a existência ou não de uma consciência política e de uma consciência étnica, elaborada a partir de suas experiências, vivenciadas durante a trajetória em que não estiveram na escola e, havendo a consciência, contribuído para o retorno ao seu processo de escolarização.

Para isso, dentro do levantamento realizado, seguido de um mapeamento e tendo por base a identificação dos sujeitos da pesquisa, tratamos de efetivar as entrevistas, abordando os sujeitos significativos para este trabalho, até chegarmos ao ponto em que todos os aspectos do estudo estivessem contemplados nas falas dos sujeitos, ou seja, utilizamo-nos do princípio de saturação, onde, segundo Jodelet (2003, p. 21) “procede-se a coleta de dados até que as informações sejam redundantes”.

Foram selecionados quatro jovens: dois jovens negros e duas jovens negras, todos estudantes da Rede Estadual de Ensino.

A escolha das escolas, assim como o espaço em que se localizam, deu-se de maneira aleatória, pois nesse estudo não constituem objetos centrais da pesquisa e sim um espaço privilegiado para reencontrarmos esses jovens negros e negras que retomaram suas trajetórias de escolarização.

2.2 Caracterizando os Jovens Negros e Negras

Anderson Igor Augusto de Siqueira



Fonte: Arquivo particular da pesquisadora

Natural de Cuiabá. Nasceu em 27 de agosto de 1979. Filho de Orcalino Augusto de Siqueira Neto, nascido em Cuiabá/ MT, e de Leda Maria de Siqueira, nascida na Bahia. O pai é eletricitista e a mãe é artesã. Tem dois irmãos e uma irmã. Um deles trabalha com serigrafia, outro é repositor de mercadorias em um supermercado e a outra é estudante. Ele jogou em times de futebol em São Paulo, Minas Gerais e em Goiânia. Foi casado por 7 anos e separou-se a seis meses. Atualmente, mora com os pais e presta serviço para as Centrais Elétricas de Mato Grosso (Cemat). É católico. Estuda na Escola Estadual Djalma Ferreira de Souza, cursando o 3º ano do Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Cleber Moreno Neves Brekends



Fonte: Arquivo particular da pesquisadora

Nasceu em Cuiabá aos 08 de julho de 1979. Filho de Diógenes Nunes

Brekends e Antônia Nunes Brekends, ambos nascidos em Cuiabá. É o filho mais velho e tem mais dois irmãos que também são estudantes. É casado, espera um filho para nascer em fevereiro de 2005. Sempre morou em Cuiabá.

Começou a trabalhar com 10 anos, vendendo coisas para a sua mãe e hoje trabalha em uma vidraçaria. É evangélico da Assembléia de Deus e estuda na Escola Estadual José Magno, cursando o terceiro ano do Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Rosimar Lemos de Souza



Fonte: Arquivo particular da pesquisadora

Nasceu em Cáceres no dia 14 de julho de 1979. Filha de Geraldo Prado e de Ana Maria de Souza. Ele nascido em Jales /São Paulo e ela nascida em Cáceres/Mato Grosso. O pai é cabeleireiro e a mãe do lar e costureira. Tem seis irmãos por parte de pai, mas moram todos em São Paulo. Por parte de mãe, teve três irmãos. Duas faleceram e a primeira não foi criada pela mãe. Ela nasceu em Cáceres e mora em Cuiabá há dois anos.

Em Cáceres era ambulante, vendia salgados em um ponto que foi passado pela sua mãe. Após um tempo, sua mãe retomou as vendas e ela ficou desempregada.

Rosimar é casada e tem três filhos. O que a motivou a migrar para Cuiabá com seu esposo e filhos, foi o fato de encontrar melhores empregos, com melhores condições de trabalho e com a possibilidade de carteira assinada. Hoje, trabalha na cantina do CEFET durante o dia. É evangélica da Assembléia de Deus.

Retomou sua escolarização na 8ª série e hoje está cursando o 3º ano do Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, na Escola Estadual Djalma Ferreira de Souza.

Silvane Pires Gonçalves



Fonte: Arquivo particular da pesquisadora.

Nasceu em Cuiabá, no dia 28 de agosto de 1979. Filha de Patrícia Ney Pires Gonçalves, natural de Poconé. É a segunda filha de uma família de três. A irmã mais velha está desempregada e a mais nova é estudante. Foi casada por onze anos e, recentemente, separou-se. Atualmente, mora com a mãe. Tem 04 filhos, sendo que a mais velha tem 10 anos, a segunda 7, a terceira 6 e a quarta 4 anos de idade. Sempre trabalhou em casa, cuidando dos filhos. Morou uma época em Cáceres com sua mãe e depois se mudou definitivamente para Cuiabá. É católica. Estuda na escola Estadual Djalma Ferreira de Souza, onde estava cursando o 1º ano do Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

2.3 Entrevistando os sujeitos

Após mapeamento dos sujeitos, fizemos contato por telefone para reafirmar o interesse em participação na segunda etapa da pesquisa, que foi a entrevista propriamente dita, onde o entrevistado teve a liberdade de marcar o dia, local e hora mais favorável para a sua realização.

O fato do local da entrevista ser uma questão tratada com muito cuidado nessa pesquisa, dá-se por entender como Zago (2003),

O local é uma condição importante na produção dos dados, podendo facilitar ou produzir constrangimentos. Os efeitos dessa escolha serão certamente distintos se o encontro ocorrer na casa do informante, na escola ou no local de trabalho. (ZAGO, 2003, p. 298)

O início da entrevista foi marcado por uma conversa de esclarecimento com o entrevistado, para que ele pudesse compreender que se tratava de uma pesquisa e qual era o motivo para que ele fosse selecionado, para que e para quem ele estava registrando sua trajetória escolar e social.

Nesse momento, tivemos o cuidado de estabelecer um clima de confiabilidade e empatia com o entrevistado, pois como nos lembra Zago, “o pesquisador deve estar preocupado em obter a confiança do entrevistado, condição fundamental na situação da entrevista e de sua produtividade.” (ZAGO, 2003, p.217)

E, ainda, cita Blanchet e Gotmam (1992), reafirmando que a interação se estabelece entre entrevistador e entrevistado, decidindo o desenvolvimento da entrevista e a natureza das informações produzidas. Completa:

O grau de implicação do informante depende muito da confiança que ele deposita na pessoa do pesquisador e, evidentemente, de como se sente na situação da entrevista. Garantir essa qualidade tão necessária não é simples, uma vez que em seu desenvolvimento vários fatores estão implicados, parte deles relacionados à pessoa do pesquisador e outros extrapolam sua atuação. (ZAGO, 2003, p. 302)

Após dúvidas esclarecidas, concordando em participar da pesquisa e autorizando por escrito que fossem identificados nominalmente; que fotografias fossem tiradas e divulgadas total ou parcialmente para fins acadêmicos; para que a entrevista fosse gravada e,

posteriormente, utilizada e/ou divulgada em parte ou na totalidade, iniciou-se a entrevista propriamente dita.

A entrevista gravada foi importante para que criássemos um clima de interesse e tranqüilidade, uma maneira mais informal de conduzir as questões, o que favoreceu a organização, transcrição e análise dos resultados, pelo acesso fidedigno de reexame do seu conteúdo.

Buscamos na transcrição e, posteriormente, na utilização das falas dos nossos sujeitos no corpo desse trabalho, resguardar as expressões, os modos e as formas em que nossos entrevistados responderam às questões.

Na Parte II e respectivo capítulo, abordaremos o contexto histórico da juventude, onde trataremos de proceder um recorte sobre a questão étnica e política a fim de compreender algumas situações da condição de ser jovem negro e jovem negra.

PARTE II

CAPÍTULO 3

CONDIÇÃO DOS JOVENS NEGROS E NEGRAS DENTRO DE UM CONTEXTO HISTÓRICO DA JUVENTUDE BRASILEIRA

As jovens gerações não poderiam preparar para uma participação consciente na vida social, senão no meio de uma democracia [...], aplicando-se ao estudo das experiências do passado e das lições do presente. O pensamento e o caráter pessoais não podem desenvolver-se sem crítica. Ora, a mais elementar possibilidade de trocar idéias, de se enganar, de verificar e retificar os erros, os seus próprios e os dos outros, é recusada à juventude [...]. Todas as questões, inclusive as que lhe dizem respeito, são decididas sem ela. Só lhe é permitido executar e cantar hosanas. A burocracia responde a toda palavra crítica, dobrando o pescoço de quem a pronunciou. Tudo o que há de devotado e indócil na juventude é sistematicamente reprimido, eliminado ou fisicamente exterminado.

Léon Trotsky

Paulo César Fraga e Iulianelli (2003) apontam que a juventude não é homogênea, “as diferenças de condição social, raça, etnia e gênero atravessam esse grupo etário; a maneira e a forma de vivenciar essa fase da vida variam enormemente” (2003, p.11).

Em toda a história humana e em quase todas as civilizações constata-se o potencial da juventude para provocar ações políticas capazes de promover impactos de mudança e alterações nos rumos políticos, culturais e sociais.

Na história mais recente do Brasil, por exemplo, registra-se o movimento da juventude em torno do impeachment do Presidente da República.

Segundo Zaneti (2001),

A história parece indicar que esses movimentos têm tido como limite influenciar nas mudanças e não conquistar poder formal como partidos políticos, pois têm um caráter mais coletivo, como potencial para a ação política. (ZANETI, 2001, p.22)

Considerando que os afro-descendentes são alvos preferenciais de discriminação na sociedade e que, em sua grande maioria, o jovem pobre e negro é preconceituosamente associado a práticas de periculosidade, criminalidade e condição de não humanidade, tornando-se as maiores vítimas da violência social e institucional, é que nessa pesquisa buscamos entender a trajetória escolar e social desses jovens negros e negras, avançando na compreensão dos motivos pelos quais abandonaram seu processo de escolarização e ao retornarem para o Ensino Médio, o fizeram na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Segundo Gevanilda Santos *et al* (2005), a Pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira* (2005) evidencia que “a juventude negra tem encarado com mais dificuldade essa fase da vida, porque convive com a discriminação no seu dia-a-dia, principalmente na educação e no mundo do trabalho” (2005, p.296).

Octávio Ianni (1997) nos diz que o século XX pode ser considerado como um amplo cenário de problemas raciais.

São problemas raciais que emergem e se desenvolvem no jogo das forças sociais, conforme se movimentam em escala local, nacional, regional e mundial. Ainda que muitas vezes esses problemas pareçam únicos e exclusivos, como se fossem apenas ou principalmente “étnicos” ou “raciais”, a realidade é que emergem e se desenvolvem no jogo das forças sociais, compreendendo implicações econômicas, políticas e culturais. (IANNI, 1997, p.175)

Ianni destaca que existem problemas raciais agudos ou pouco evidentes, recentes ou antigos e que desenvolvem, mas que não são resolvidos. Nessa situação de diversidade, estão envolvidos todos os tipos de desigualdades relacionadas a questões religiosas, de relações de trabalho, políticas e culturais entre outras, mas que em sua base trazem implícito alguma forma de racialização.

Segundo Ianni (1966):

Como manifestações discriminatórias geralmente fazem parte de técnicas de preservação de interesses e privilégios, elas podem ser tomadas, ao nível interpretativo, como elementos que impedem ou dificultam a instauração ou expansão de relações democráticas. (IANNI, 1966, p. 60)

A multiplicidade de situações que os jovens negros e negras vivenciam em seu dia a dia de discriminação expressas em estereótipos, atitudes, opiniões, normas e padrões de

comportamento, cria segundo Ianni, fatores e condições que dificultam a expansão da democracia.

3.1 Juventude e Democracia

O termo *juventude* designa um estado transitório, uma fase da vida humana que se inicia com o surgimento da puberdade. Em nenhum lugar poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos.

É investida também de outros valores, tais como a transitoriedade: não se é jovem, se está jovem; pertencer à determinada faixa etária — e à juventude de modo particular — representa para cada indivíduo uma condição provisória, ou seja, os indivíduos não pertencem a grupos etários, eles os atravessam.

Carrano nos esclarece sobre os critérios utilizados na sociedade ocidental para a definição da categoria juventude.

É bastante comum, nas sociedades ocidentais, que a categoria juventude seja definida por critérios relacionados com as idéias que vinculam a cronologia etária com a imaturidade psicológica. A irresponsabilidade seria um outro atributo da situação social de jovialidade, particularmente nas idades correspondentes à adolescência. Parece-nos mais adequado, portanto, compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais. (CARRANO, 2003, p.110)

Porém, quando se fala em juventude, o critério etário, explícita ou implicitamente se faz presente. Dirce Garcia (2002) afirma que:

Este fator etário, implícito na noção *juventude*, desempenha um papel crucial no entendimento de muitas características das sociedades modernas, referentes aos diferentes estilos de vida, cronologizado (...) crescentemente as fases de vida institucionalizadas pelo Estado, como parte do processo de racionalização da vida social, organizando o próprio sistema educacional, regulando deveres e direitos políticos, civis, trabalhistas e de seguridade social; relacionando a idade à entrada e saída no mercado de trabalho, na escola, no acesso a lazer. Em suma, o critério etário não pode ser descartado, embora deva ser relativizado, visto que “*juventude*” não se limita a uma determinada geração por ser, sobretudo, uma representação ou criação simbólica associada a comportamentos e atitudes. (GARCIA, 2002, p.03)

Para Léopold Rosenmayr, “a influência social e cultural sofrida pelo indivíduo não é jamais tão forte como durante a juventude” (ROSENMAYR, 1968, p.136).

Segundo Otávio Ianni:

A história do regime capitalista tem sido a história do advento político da juventude. Em cada país em que se desenvolve o sistema capitalista de produção, os jovens assumem importância crescente no campo da ação política. Para instaurar-se ou durante o seu desenvolvimento, o capitalismo transforma de maneira tão drástica as condições de vida dos grupos humanos que a juventude se torna rapidamente um elemento decisivo dos movimentos sociais, em especial das correntes políticas de direita e esquerda. E são nestas duas polarizações que a singularidade do comportamento político do jovem se tem revelado mais abertamente, abrindo possibilidades a uma interpretação globalizadora. (IANNI, 1968, p. 225)

Nesse sentido, entendemos que existe uma reciprocidade total entre juventude e sociedade, ou seja, o que deverá ser proporcionado ou ensinado à juventude e a forma como isso acontece, estão estritamente ligados à natureza de contribuição para a sociedade que se espera dessa juventude.

Em nossa pesquisa, no bloco denominado Participação, Consciência Política e Consciência Étnica, partindo da fala dos nossos entrevistados e entrevistadas, constatamos que os mesmos, apesar de evidenciarem uma diferença de tratamento a eles dispensado e que, nesse caso, configura discriminação racial em relação aos negros, seja em situação de trabalho ou em outras instituições, tais como: escola, polícia e relações de mercado formal ou informal. Embora tenham uma consciência étnica, essa situação de discriminação e de desigualdades no tratamento, não tem mobilizado esses jovens negros e negras a engajar-se para o combate do racismo em formas clássicas de participação política, a saber: sindicato, partidos políticos ou movimentos sociais.

Essa participação tem se dado nas formas não convencionais, termo esse utilizado nas análises dos dados da Pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira* (2005), para designar participações que não sejam, necessariamente, as formas clássicas, tais como: partido político e sindicato. Foi constatado através das entrevistas que o espaço de participação desses jovens negros e negras ocorre por meio da religiosidade, via grupo de jovens nas igrejas católica, evangélica ou na Seicho No Iê.

Os jovens de nossa pesquisa demonstraram interesse em ampliar sua participação política seja em sindicatos, partidos políticos ou em movimentos sociais como o movimento negro, porém devido à sua condição de classe, não dispõem de tempo para dedicar-se a outras

atividades. O tempo que possuem fora do ambiente do trabalho é utilizado para melhoria de sua formação escolar, pois acreditam que assim poderão atingir melhores condições de vida material, que se traduz aqui em trabalho melhor remunerado e estável.

Quando perguntado sobre o interesse em ampliar sua participação em grupos, sindicatos ou partido político, Anderson um dos sujeitos dessa pesquisa nos responde:

Oh, oportunidade pra mim se aparecer algum dia, eu até freqüentaria, entendeu? Apesar de eu não ter muito tempo de dia de semana, aí eu tento entrar só sábado Domingo, eu vou fala pru cê, eu até penso, mas não tem, igual você falou: grupo de jovens, de negro, eu queria entra, mas não tenho, até aqui no CPA não tive oportunidade pra participar, né?

[...] tenho vontade de fazer parte de uma associação.

[...] Partido Político também, mas desde que não tomaria muito meu tempo. Até esse ano não pensaria não, mas partir do ano que vem eu pensaria. Porque esse ano não tenho tempo pra mais nada.

Apesar dos jovens dessa pesquisa demonstrarem interesse na participação em partido político, sindicato, associação de bairro ou movimentos sociais, vimos, anteriormente, que uma multiplicidade de situações de discriminação racial dificultaram a participação e por conseguinte a expansão das relações democráticas.

Nesse sentido, Ianni (1966) esclarece:

Discriminando-se racialmente, os membros dos grupos sociais, hierarquizados ou não, não tomam consciência social dos membros da sociedade, enquanto membros de classe. E o preconceito se infiltra entre os discriminados, dividindo-os pelos matizes de pele, como se as marcas fenóticas fossem fundamento das distinções sociais. E a democratização esbarra necessariamente com alguns dos obstáculos inerentes ao tipo de organização social da vida que se estabelece com o sistema capitalista de produção. (IANNI, 1966, p. 61)

Tratando-se de Juventude, a questão do preconceito e as limitações que ela cria para a participação e a expansão das relações democráticas é muito preocupante, pois Mannheim nos dirá que “a mocidade pertence aos recursos latentes de que toda sociedade dispõe e de cuja mobilização depende sua vitalidade.” (MANNHEIM, 1968, p.71)

Sociedades que anseiam por mudanças na estrutura social ou política deverão confiar e acreditar que essas transformações se darão por intermédio da juventude.

Mannheim (1968) acrescenta que essa predisposição da juventude para ajudar a sociedade a dar uma nova saída é porque os jovens, além de dispor de maior espírito de

aventura, ainda não estão enredados no *status quo* da ordem social. “A juventude não é progressista nem conservadora por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade.” (MANNHEIM, 1968, p.75)

Os jovens não são apenas relativamente abertos para os valores, eles têm necessidade de certa identificação com os ideais e de uma ligação a estes, a fim de superarem sua agitação e satisfazê-la. Eles têm necessidade de força e estão prontos a obtê-la nas imagens, nos símbolos e nos modelos.

3.2 Consciência Política e Consciência Étnica

O presente trabalho pretende analisar o nosso problema de pesquisa, tendo como referencial a Tradição Marxista, entendendo como Harnecker, que a compreensão dos processos históricos deve ser buscada na forma pela qual os homens produzem os seus meios materiais. (HARNECKER, 1971, p.31)

Nossa intenção foi avançar no entendimento das determinações que levaram os jovens entrevistados nessa pesquisa, em um dado momento, a interromperem o seu processo de escolarização formal e porque ao retornarem no Ensino Médio, o fazem na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido, considerando os pressupostos da tradição marxista, fizemos a tentativa de utilizar as contribuições dessa teoria para compreender se as experiências vivenciadas na diversidade de espaços dessa trajetória escolar e social, implicaram na formação da consciência política e consciência étnica desses jovens, constituindo ou não um fator determinante para retornarem ao seu processo de escolarização, pois segundo Marx:

[...] a produção de ideais, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real. (MARX: 1991, p. 25)

Nessa tradição teórica, Marx afirma que a Consciência de Classe adequada é a Consciência Política. Em relação à Consciência de Classe proletária Istvan Mészáros entende que:

[...] é, pois, a consciência que o trabalhador tem de sua existência social encarada no antagonismo estrutural necessário da sociedade capitalista, em contraste com a contingência da consciência de grupo que percebe só uma parte mais ou menos reduzida da configuração global. (MÉSZAROS, 1993, p.24)

Valemo-nos das leituras dos clássicos Karl Marx e Engels (1991), como também Antunes (1995), Mézaros (1993) e Sandoval (1994) para compreendermos esse processo dialético de elaboração da consciência política, que como diz Marx (1991, p.25), “nunca pode ser mais do que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo da vida real.”

Marx (1991, p.36) concebe, também, que a consciência é um produto social, e nasce do processo social na medida em que os homens atuam com uma finalidade, com uma intenção, pois “a consciência surge com a necessidade, as exigências dos contatos com os outros homens (...) a minha consciência é a minha relação com o que me rodeia.”

Um outro elemento determinante e gerador da consciência e do pensamento humano, segundo Marx, é a categoria trabalho.

Nesse estudo o trabalho também constituiu parte da nossa análise, pois os jovens negros e negras tem sido precocemente inseridos na vida adulta, precisando trabalhar geralmente em condições irregulares e que lhes oferecem riscos. Essa questão será melhor abordada na discussão das determinações do abandono e retorno ao processo de escolarização dos jovens negros e negras ¹³.

A participação em movimentos também constituiria uma premissa para a formação da Consciência, pois segundo Marx:

A consciência é, pois um produto social e continuará a sê-lo, enquanto houver homens. A consciência é, antes de tudo, a consciência do meio sensível imediato e de uma relação limitada com outras pessoas e outras coisas situadas fora do indivíduo que toma consciência. (MARX, 1991, p.36)

Anderson, Cleber e Rosimar demonstraram interesse em participar de partido político, associação de bairro e movimento negro e justificaram a não participação nesse momento pelo fato de não disporem de tempo ou por desconhecer os caminhos para iniciar esse exercício.

¹³ Essa questão será abordada na seção 4.2.1.

Chegaram a reconhecer que com a participação nesses movimentos, *sempre aprende alguma coisa* (Rosimar). Essas questões ficaram evidenciadas nos trechos das falas a seguir:

Agora assim, agora esse ano aqui nas eleições tava assim uma que tava me interessando, interessando assim entre aspás, não querer me filiar, era o PFL, né?(Cleber).

Interesse em participar eu tenho, porque eu gosto, mas não conheço muito Cuiabá, meu caminho é só da casa pro colégio [...] É bom participar, a gente aprende alguma coisa. Se tiver oportunidade de participar eu participo. (Rosimar).

Assim, como dissemos anteriormente, os jovens dessa pesquisa demonstraram interesse na participação em partido político e movimentos sociais, mas não os fizeram por falta de conhecimento sobre como ter acesso aos mesmos ou por falta de oportunidade. Os grupos religiosos têm se apresentado como uma possibilidade mais próxima de participação.

Nesse sentido, Regina Novaes (2005) aborda que a participação de jovens em grupos religiosos contribui para a formação de quadros de militância institucional.

Fazendo parte destes grupos, motivados por valores de pertencimentos religiosos, jovens têm atuado no espaço público e têm fornecido quadros militantes para sindicatos, associações, movimentos e partidos políticos. (NOVAES, 2005, p.289)

Tendo por base essa necessidade que os jovens têm de pertencimento, Novaes, nos diz que:

As instituições religiosas continuam produzindo espaços para os jovens, onde são construídos lugares de agregação social, identidades e formação de grupos que podem ser contabilizados na composição da sociedade civil. (NOVAES, 2005, p.289)

É essa necessidade de estabelecer relação com outros sujeitos que, segundo Marx, imprime no homem a tomada da consciência de que vive efetivamente em sociedade.

Para Novaes “as instituições religiosas continuam produzindo espaços para jovens, onde são construídos lugares de agregação social, identidades e formação de grupos.” (NOVAES, 2005, p. 289)

Em nossa pesquisa evidenciamos que Anderson, Cleber e Rosimar tiveram participação em grupos religiosos. Anderson afirmou que faz parte da filosofia de vida da Seicho No Iê há 5 ou 6 anos; diz, ainda, que participa do grupo de jovens da Seicho No Iê,

porque é uma filosofia de vida e que nada tem nada a ver com religião. “Eu freqüento lá, também porque lá é filosofia de vida, não tem nada a vê com religião. Ensina você a viver bem consigo mesmo.” Ao ser perguntado sobre quais as atividades realizadas enquanto grupo de jovens e com que objetivo, Anderson respondeu:

Sempre tem atividades [...], fazemos palestras, falamos sobre, que tivemos alguma, tipo... novidades do dia a dia, né? Você vai lá na frente, fala tudinho, diz se aconteceu alguma coisa na sua vida, tudo interligado. [...] Eles fazem mais que é pra... Como se diz assim... Interagir entre os jovens em si, né? Saber o dia a dia de cada um, o que você faz, o que deixa de fazer, entendeu? Pra vê a vida que você leva, se você agradece a todos, assim seu pai, sua mãe primeiramente a Deus, seu pai, sua mãe, porque senão Deus não é concedido o que você pede, né? Sempre isso. Só que às vezes você, como se diz? Se dedicá mais a Deus no dia a dia. Porque não tem jeito. Agradece, nós ora.

Cleber nos disse que sua formação evangélica na Igreja Assembléia de Deus já é de família e participa do grupo de jovens onde a principal atividade é de “louvor”.

Rosimar influenciada pela sua mãe, participava da Igreja Católica desde a infância. Teve problemas pessoais e começou a receber visitas dos religiosos da Universal do Reino de Deus. Passou a freqüentá-la como um jeito de ocupar o seu tempo. Cuidava das crianças como uma forma de colaborar com as atividades da Igreja, mas foi na Igreja Católica que teve participação em grupos de jovens motivada pelas atividades recreativas que organizavam.

Na Igreja Universal, cuidava de crianças. Aprendi a entender e respeitar as crianças. [...] Para ocupar o tempo [...] Na Igreja Católica desde pequena era levada pela minha mãe. Na Universal, alguém me levou. Recebia visita, na época tava muito atribulada, recém saída de um acidente onde eu e meu filho corremos risco, aí lá fui buscar um alívio e lá encontrei um pouco de paz. [...] Com 11 participava do grupo de jovens. Engravidei, parei, fiquei dois anos. Em Cáceres, comecei com 18 anos porque eu já tinha um filho [...] Ia a passeios, ia pra chácara, ia pro clube, ia pro rio, tinha grupo de dança, tinha mutirão, fazia festa pra arrecadar fundos pra igreja. Acho que a católica é mais movimentada, tem mais coisas pra ver e fazer.

Em busca da compreensão do significado da participação dos jovens em grupos religiosos, Novaes nos diz que dois extremos devem ser descartados: “a idéia de que a religião não faz diferença para a vida social” e que, a força proselitista de certas religiões é tão forte que - não se submetendo as circunstâncias e contextos - teria o poder de por si retroagir conquistas republicanas.” (NOVAES, 2005, p. 290)

Quanto à formação da consciência étnica, ela se deu tendo por base situações de discriminação e de preconceito em relação à cor, é o que afirmou Anderson:

A minha percepção de negro, que eu comecei a perceber mesmo que eu era negro, foi até por um preconceito. Né? se não me engano. Qui eu tinha, era muito novo, tinha o que... uns 13, 12 anos, não! Minto! 14, 15 anos, eu acho que eu tava no centro, né? No calçadão, aí, tava eu e meu irmão, mais moreno que eu, é mais negro que eu, aí eu tava passando, né? Aí se eu não me engano, duas pessoas branca, aí se não me engano, escondeu a bolsa, né? Ele viu a gente, esperou a gente passar e atravessou a rua, porque eu tava andando na calçada assim, aí deu pra perceber que foi por causa disso, né? E desse dia em diante, eu comecei a perceber que eu era negro, não sei se é pela cor ou se é pelo jeito de se vestir, mas, desse dia em diante eu me considero negro, ouço no dia a dia, muita, não sei se é por maldade ou por brincadeira, piada com negro... falando da raça., é porque preto pra mim não é raça, não é cor, preto é uma cor, negro é uma raça. Ah! Preto não sei o que, preto tem até, hoje em dia... até preto tem seu dia, branco não tem! Essas coisinhas básicas, né? Mas quando eu sei que é brincadeira, eu relevo, eu escuto tudinho, mas em termos assim, nunca fui vítima de borracha, porque comigo se não me ofende, nem cheira, nem fede.

De modo geral, os jovens de nossa pesquisa manifestaram alguma consciência étnica que se deu por situações de discriminação. Demonstraram interesse na participação de partido político, sindicato, associação e movimentos sociais, mas são os grupos religiosos que tem se apresentado como uma alternativa mais próxima para que possam interagir com outras pessoas, ter acesso a algum tipo de lazer e, principalmente, buscar alívio para os problemas existenciais mais imediatos.

3.3 Juventude, Participação e Consciência Étnica

Segundo Silva (2001), o engajamento no anti-racismo é uma atividade que se inicia na juventude e perpassa a vida adulta, estendendo-se à velhice.

Para Silva (2001) é necessário o engajamento e participação em ações coletivas de combate à discriminação étnica e nota-se que a formação da Consciência Política é precedida pela Consciência Étnica Racial.

No Brasil, “cor” passou a ser formulada pelas Ciências Sociais, em substituição à *raça*, significando mais que pigmentação da pele.

Tal como se emprega no Brasil, [...] ‘cor’ significa mais que simples cor, isto é, mais do que pigmentação, [significa] inclusive, em primeiro lugar, [a presença] de um certo número de outras características físicas: tipo de cabelo (talvez o mais importante), assim como traços fisionômicos. (PIERSON, apud GUIMARÃES, 1999, p.98)

Harris e Kontak (1963) comprovaram essa afirmativa, mensurando, a partir de observações, a importância das características físicas na definição da cor de um indivíduo, tais como: a cor da pele, o tipo de cabelo, o formato do nariz e o formato dos lábios.

Segundo Guimarães (1999), Pierson por volta de 1935 e 1937 realizou pesquisa acerca da situação racial no Brasil, demarcando que o principal traço da sociedade brasileira seria o de que, nela, não apenas a ‘raça’ é definida por traços fenótipos (a cor), como também participariam da sua definição critérios sociais como riqueza e, principalmente, educação.

Guimarães (1999) sinaliza que para Thales de Azevedo (1996), a ‘cor’ no Brasil, era mais que pigmentação: além de outros traços físicos (textura de cabelo, formato de nariz e dos lábios), incluía também marcas não-corporais como vestimenta, modo de falar e boas maneiras.

Nesse mesmo estudo, Guimarães cita que Oracy Nogueira (1985) argumentou que no Brasil, era a marca da cor (aparência física) que contava em termos de distinção social e não a origem biológica (raça).

Os estudos, de um modo geral, difundiram a idéia de que no Brasil não há uma regra explícita de filiação étnica, mas que a classificação é feita pela aparência física das pessoas.

Um brasileiro nunca é meramente um ‘branco’ ou um ‘homem de cor’; ele é um homem branco rico e bem educado ou um pobre e mal educado homem branco; um homem de cor rico e educado ou um pobre e mal educado homem de cor. O produto desta qualificação pela educação e pelos recursos financeiros determina a identidade de classe de alguém. É a classe e não a raça de uma pessoa que determina a adoção de atitudes subordinadas ou superordinadas entre indivíduos específicos, em relações face a face. [...] Não há grupos raciais contra os quais ocorra discriminação. Há, ao contrário, grupos de classe. A cor é um dos critérios da identidade de classe; mas não é o único critério. (HARRIS, 1963, p. 61)

O racismo brasileiro operou por mecanismos de empobrecimento, ou seja, de destituição cultural e econômica dos negros e de mecanismos de abuso verbal, utilizando-se das questões de classe e cor, sendo em geral justificados por um discurso de inferioridade cultural dos povos africanos e do baixo nível cultural das suas tradições e de seus descendentes.

Segundo Guimarães (1999), o racismo no Brasil atravessou duas grandes fases: a discriminação racial aberta, mas informal e secundada pela discriminação de classe e sexo, que gerava segregação, de fato, em espaços públicos e privados; e a fase atual, em que a discriminação racial utiliza-se de mecanismos estritos de mercado (discriminação de indivíduos e não de grupos), psicológicos, de inferiorização, de características individuais (autodiscriminação) e que resulta na reprodução das desigualdades raciais.

O problema do racismo no Brasil consiste na eminência de sua invisibilidade, posto que é sempre negado e confunde-se com formas de discriminação de classe.

A sociedade brasileira não reconhece o racismo como responsável pelas desigualdades raciais no país, seja nas atitudes ou sistema.

A discriminação decorre, assim, da desigualdade de tratamento entre indivíduos e da ausência de normas formais, isto é, da inoperância prática da idéia jurídica de que os indivíduos são portadores de direitos iguais.

Essas questões ficaram muito evidenciadas numa experiência vivenciada por um dos nossos entrevistados. Quando perguntamos a Anderson se já havia passado por situação de discriminação por parte da polícia, ele nos falou que numa operação de rotina da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, numa sorveteria do seu bairro, ele e seu colega foram os únicos a passar por revista policial. Anderson observou em sua volta que, curiosa ou *coincidentemente*, eram os únicos negros.

Ah, pela Policia já. Já aconteceu um fato que até deixa sem graça, que no meio de bastante pessoas assim, né? Revistaram só eu e um colega meu que era negro, numa sorveteria até... Chamaram só a gente, encostavam a gente na parede, mas isso aí pra mim, falou que era de rotina, tudo normal do dia a dia, fazê o que (rs)?

Segundo Silva (2001)

[...] a constância da peculiaridade das habilidades individuais para reconhecer as situações de manifestação do racismo, qualquer que seja a sua intensidade, nos induz ao pressuposto de que a consciência racial antecede às experiências de discriminação racial, assim como ao engajamento pessoal nas lutas de combate ao racismo. (SILVA, 2001, p.42)

Do mesmo modo, o desrespeito que a polícia nutre pelos direitos de criminosos ou suspeitos de crime é consequência de uma atitude generalizada de desrespeito aos direitos civis.

Segundo Guimarães, as relações raciais têm por base a hierarquização social e a desigualdade de tratamento frente à lei.

[...] pode-se dizer, sem risco de errar, que o tratamento desigual dos indivíduos perante a lei é, ainda hoje, prática recorrente, e também informal. O mesmo fenômeno de estereotipia negativa dos traços somáticos negros e fundamenta o mecanismo de “suspeição policial”, que torna os negros vítimas preferenciais do arbítrio dos policiais e dos guardas de segurança, nas ruas, transportes coletivos, lojas de departamento, bancos e supermercados. (GUIMARÃES, 1999, p. 206)

Neste sentido, Maria Aparecida Morgado (2001) nos faz compreender que o Estado é o primeiro a descumprir a lei do contrato social, extensivo ao conjunto dos cidadãos.

Ao Estado brasileiro cabe a maior parcela dessa responsabilidade. Primeiro, por ser ele o histórico agente de exclusão econômica e política. Segundo, por se valer da força bruta da polícia para assegurar e reiterar esse processo de exclusão. Abusivamente investido de autoridade, tem descumprido as leis de contrato social pelas quais deveria zelar minimamente. (MORGADO, 2001, p.70)

Uma das justificativas centrais da discriminação racial no Brasil baseia-se na suspeição da vítima. Discriminam-se e agredem-se pessoas de quem se esperam condutas criminosas ou comportamentos sociais ou culturalmente desviantes.

A suspeição baseia-se em certas marcas sociais, referidas, tanto no conjunto, como na *aparência* (ou seja, gestos, atitudes, fala, vestimenta, cuidados com o corpo, etc.), mas cujo principal marcador é a cor da pessoa.

Considerando que a desigualdade formal é um produto da desigualdade social e material, ela ainda é aceita no cotidiano porque aparece como natural, justificada pela desigualdade real entre as pessoas, ou seja, os que são tratados desigualmente são de fato desiguais em termos de renda, educação, maneiras e cultura, dentre outros.

Nesse sentido, Guimarães afirma que a pobreza e a destituição *naturalizam* a desigualdade.

Por natural, Guimarães (1999, p. 30) entende que é “a ordem natural a - histórica, isenta de interesses contingentes e particulares e que representa atributos gerais da espécie humana ou das divindades”.

O processo de naturalização, segundo Guimarães (1999, p.192), está presente em todas as hierarquias sociais. Ela compõe a lógica que justifica a *suspeição* que delimita distâncias sociais e que é um traço constitutivo de relações de dominação.

Para Silva (2001), a *consciência do eu*, que é formada a partir do significado atribuído a cor da pele no processo de formação de vínculos afetivos e sociais, pode favorecer tanto uma revolta pessoal, quanto um engajamento político nas ações coletivas. E acredita que:

A formação da consciência racial não constitui um requisito básico para o engajamento político nas lutas contra o racismo. Dependendo das experiências, ela também gera apatia, medo do confronto aberto ou paralisia. (SILVA, 2001, p.45)

Nas falas dos nossos entrevistados ficou evidenciado que em situações de discriminação, os mesmos se sentiram impotentes para reagir, tendo atitudes de passividade frente aos acontecimentos.

Anderson percebeu uma diferença na forma de ser tratado em relação aos outros colegas, mas reage a situações de discriminação passivamente, levando na *esportiva*.

Quando eu era mais jovem, assim, não tinha se não me engano, não tinha nada de diferente, a gente brincava, conversava, fazia trabalho em sala, nada de diferente, mas depois a gente foi pegando uma certa idade, 18, 19 anos você vai vendo a diferença, que o pessoal... não sei se é discriminação ou como posso dizer... mais tem a diferença, né? Assim, mais pela cor, né? Mas sempre levando na esportiva, né? Porque eu não posso ter vergonha da minha raça!

Quando perguntamos ao Cleber se ele já se sentiu discriminado, o mesmo afirmou que não, mas em seguida reconheceu que já foi alvo de piadinhas, que não são levadas a sério porque não originaram agressão física.

Não, não... Quer dizer, tem aquelas piadinhas, você entendeu? Aquelas piadinhas: ' aí urubu', não sei o que lá negro, mas a última coisa comigo é que não consigo ser, a não ser que a pessoa assim me agrida, normalmente assim cara a cara.

Pergunto se já foi alvo de brincadeira e como reagiu, Cleber respondeu:

Já, mas pra mim não foi levada a sério não [...] Brincando com eles também.

Constatamos que as piadinhas com fundo de preconceito étnico são levadas na brincadeira, na tentativa de evitar um confronto físico.

Nesse sentido Silva (2001) nos dirá que:

O medo do “confronto aberto” acionado pela violência do racismo, em algumas vezes, termina por conduzir as suas vítimas, que se encontram nas fases mais precoces da vida, para situações de auto-isolamento. O que gera segregação espacial e provoca aumento da distância social, podendo, no entanto, desde a fase da juventude, ser capaz de mobilizar forças políticas para modificar uma situação de descontentamento social. (SILVA, 2001, p. 45)

Tendo por base todos os elementos tidos como naturais de discriminação velados ou explícitos que vão marcando a trajetória social dos jovens negros e jovens negras dessa pesquisa e que foram analisados nesse capítulo, percebemos que os mesmos limitam a formação de uma consciência política, bem como da participação desses jovens em partido político, sindicato ou outros movimentos organizados. Esse fato como bem nos mostrou Ianni (1966) refletirá diretamente em condições que dificultam as relações democráticas e a expansão da democracia.

No capítulo 4 vamos analisar a trajetória escolar dos jovens negros e jovens negras, considerando as discontinuidades, rupturas e retomadas que marcaram o processo de escolarização dos mesmos.

CAPÍTULO 4

PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: RETOMADA DE UMA TRAJETÓRIA

Neste capítulo nos propomos a analisar as descontinuidades, rupturas e retomadas que marcaram o processo de escolarização dos jovens negros e jovens negras que hoje estão matriculados no Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em duas Escolas Estaduais na cidade de Cuiabá/Mato Grosso.

Partindo das falas dos sujeitos dessa pesquisa, objetivamos analisar as determinações econômicas, étnicas e sociais apresentadas e que explicassem sua trajetória escolar, considerando como ocorreu o seu processo de escolarização, o momento de interrupção e o que os fizeram retornar para o Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Estamos utilizando a noção de trajetórias escolares segundo Bourdieu (1996), que a considera como uma seqüência de posições num ou mais campos da prática social, ocupadas por um mesmo agente ou um mesmo grupo de agentes de forma sucessiva, contendo o sentido de um trajeto social ascendente, descendente ou de estagnação.¹⁴

Para Garcia (2002), essa conceituação sendo transposta para a análise das trajetórias do jovem no universo escolar, contribui para que se percebam as continuidades e interrupções, pontos de partida e de chegada, as ambições e projetos de futuro, enfim, nos permitiu investigar o trajeto considerando o acesso, permanência e abandono.

Na nossa pesquisa trabalhamos com jovens negros e jovens negras de origem social pobre, os quais estavam na ocasião da pesquisa, em novembro de 2004, matriculados no Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em regime presencial, em duas Escolas Estaduais: a Escola Estadual Djalma Ferreira de Souza, localizada num bairro de

¹⁴ Noção de Trajetória utilizada por Bourdieu, *As Regras da Arte*, S. Paulo, Companhia das Letras, 1996, p.292.

periferia e de pequena classe média, chamado Morada do Ouro, na cidade de Cuiabá/ Mato Grosso. A outra era a Escola Estadual José Magno, localizada num bairro central e de classe média, chamado Goiabeiras, também na cidade de Cuiabá/Mato Grosso.

A partir da entrevista semi estruturada no bloco que diz respeito à caracterização dos sujeitos, fizemos o levantamento dos seguintes dados: estado civil, local de nascimento, trajetória de migração, local de nascimento dos pais, número de irmãos, profissão dos pais e relacionamento com a família.

Identificamos que todos os quatro sujeitos são mato-grossenses, sendo que os dois rapazes são nascidos na cidade de Cuiabá/ Mato Grosso, uma moça é natural de Poconé/ Mato Grosso e a outra da cidade de Cáceres /Mato Grosso.

Em relação ao estado civil dos entrevistados, Cleber e Rosimar são casados, e Anderson e Silvane são separados, sendo que estes retornaram para a casa dos pais após a separação. Ressaltamos que Silvane tem um diferencial em relação a Anderson: voltou para a casa dos pais e assumiu a criação e responsabilidade pela educação dos filhos.

Todos os entrevistados relataram que a relação com a família, que inclui aqui pai, mãe e irmãos, não apresentou significativa dificuldade de convívio.

Observamos também que em relação à escolaridade dos pais, Anderson, Cleber e Rosimar afirmaram que os mesmos não concluíram o *Primeiro Grau*, hoje chamado de Ensino Fundamental.

Silvane afirmou que sua mãe tem o *Segundo Grau* completo, ou seja, o Ensino Médio. Essa formação escolar, segundo os entrevistados, refletiu no tipo de atividade profissional de seus pais, pois os que não concluíram o Ensino Fundamental têm atividades típicas do mercado informal: eletricitista, cabeleireiro, costureira, artesã, do lar e ambulante. A mãe de Silvane que concluiu o Ensino Médio é funcionária pública, atua como auxiliar administrativo na Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso.

Com esses dados em mãos, podemos afirmar que o nível de escolaridade dos pais e a sua situação sócio-profissional, bem como a trajetória familiar relacionada ao mundo do trabalho e não à escola, é um fato que imprime significativa correspondência e determinação em relação à trajetória escolar dos filhos, muito embora não a defina.

Nossos entrevistados iniciaram seu processo de escolarização aos sete anos de idade, completos ou não, sendo matriculados na 1ª série do Ensino Fundamental. Todos na rede pública de ensino. Destes, dois apresentavam alguma dificuldade de aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa e dois na disciplina de Matemática. Anderson comentou sobre seu interesse pelas aulas de Educação Física, nas quais sempre se destacou em relação aos demais colegas.

No tocante a essas dificuldades, Anderson disse que havia preocupação por parte dos professores para resolvê-las. Cleber comentou que a atenção era dada apenas aos alunos que mais se destacavam e para aqueles que apresentavam algum problema de aprendizagem era enviado bilhete para o pai. Silvane acreditava ser muito difícil um professor escolher alunos, mas aconteceu e levantou a hipótese de se tratar de preconceito.

Em seu trabalho que discute racismo, preconceito e discriminação na educação infantil, Cavalleiro (2002) argumenta a respeito de um tratamento diferenciado dado a determinadas crianças em relação às outras:

No espaço escolar há toda uma linguagem não verbal expressa por meio de comportamentos sociais e disposições – formas de tratamento, atitudes, gestos, tons de voz e outras - que transmite valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios, comprometendo, assim, o conhecimento do grupo negro. (CAVALLEIRO, 2000, p. 98)

Em nossa pesquisa evidenciamos que são os rapazes que mais apresentaram alguma dificuldade de aprendizagem no decorrer do seu processo de escolarização.

A mudança de instituição escolar também é uma constante na trajetória desses jovens estudantes. As motivações se dão desde questões relacionadas à mudança de residência, em busca de melhores condições de trabalho por parte dos pais, perpassando por alguma situação de constrangimento e preconceito, vivenciada no ambiente escolar.

Nesse sentido, quando perguntada sobre alguma situação de discriminação que havia marcado a sua trajetória escolar, Silvane relatou duas situações vivenciadas na escola. Uma configurou preconceito de cor, pois a menina a que ela se refere era considerada branca.

No Fenelon Muller, por eu num... Desde mais criança eu não gostava de levar desaforo pra casa, eu briguei com a menina, aí na metade do ano, a diretora, eu por te brigado com ela dentro da sala de aula, eu fui advertida e não quis i mais pra escola. Eu me senti envergonhada, sabe, aí minha mãe

foi e me tirou da escola. Eu sei que hoje eu vejo que me prejudicou, mas, na época eu me senti assim, muito humilhada, entendeu? Por ter sido chamado a atenção e eu nunca tinha sido chamado à atenção.

A outra situação de discriminação vivenciada por Silvane foi numa escola estadual localizada num bairro de classe média de Cuiabá e, em sua opinião, configurou preconceito contra a mãe solteira.

Que me marcou... A única escola que me marcou, que eu me lembre, eu já tava saindo. Essa escola eu nem citei, foi lá no Boa Esperança, no Ferreira Mendes, que foi quando eu fui pedi minha transferência, aí a secretária perguntou o nome de meu pai e da minha mãe, pra ela podê me dá a minha transferência, eu falei: “olha eu não sou registrada no nome do meu pai, sou registrada no nome da minha mãe, não consta o nome do meu pai”. Ela começou a ri da minha cara, “onde já se viu?” Sabe? “Não... não sê registrada no nome de pai?” Eu peguei e falei assim pra ela... Eu lembro que eu era bem mais nova então eu respondi à altura. Falei pra ela: “Eu acho que isso não te interessa, esse não é o seu serviço, o seu serviço é você me atender e muito bem atendida, entendeu?” Aí, eu nem peguei a transferência, saí chorando, eu não admitia, eu não falava pra ninguém que eu não era registrada no nome do meu pai. Eu não admitia, fui embora chorando.

A reprovação foi uma questão que mais se evidenciou na trajetória escolar de Anderson e Cleber, sendo que os maiores índices apresentados estão na 1ª e 5ª séries.

Rosimar e Silvane não apresentaram histórico de reprovação. Sua defasagem em relação às séries cursadas está relacionada ao abandono da escola motivado por questões ligadas à maternidade precoce e à constituição de relacionamento conjugal.

A reprovação é um fato que, segundo fala dos nossos entrevistados, contribuiu para que os mesmos interrompessem sua trajetória escolar, refletida através de um histórico de um ano, dois anos ou mais de repetência nas séries cursadas no Ensino Regular. Esse fator fez com que os mesmos não concluíssem o Ensino Fundamental com a faixa etária considerada ideal, prevista na legislação vigente, que seria com 14 anos de idade.

As causas ligadas às reprovações relacionavam-se, segundo a fala dos nossos sujeitos, à necessidade de trabalhar, desinteresse pela escola, problemas pessoais ligados às questões familiares e econômicas.

Quando indagados a respeito dos motivos que os levaram a interromper seus estudos, as causas são as mesmas que apresentaram para justificar as reprovações nas séries cursadas: a necessidade de trabalhar. Essa determinação predomina na trajetória dos rapazes.

No caso das jovens, além dessa necessidade, o fato de terem tido filhos e ter constituído laços conjugais precocemente, é o fator que mais influenciou na descontinuidade no seu processo escolar.

Em relação ao tempo de interrupção, nos quais esses jovens não estavam matriculados em nenhuma escola, Cleber afirmou que parou de estudar desde 1996. Anderson parou em 2001, também na oitava série; Rosimar parou na oitava série e ficou sete anos sem estar matriculada. Apenas Silvane afirmou nunca ter ficado sem estar matriculada, tinha ótimas notas, mas chegava ao final do ano, desistia devido a problemas pessoais, que aqui significaram não dispor de pessoas que pudessem cuidar dos seus filhos no momento de ir para a escola. Como ela mesma nos disse:

Eu não vou falar pra você que eu parei de freqüentar a escola, (rs), eu freqüentava, mas por eu ter tido filhos, sempre quando chegava assim num determinado semestre, eu tinha que sair por causa dos meus filhos, eu desistia de ano. Nunca assim disse: “Não, esse ano não vou estudar”, sempre me matriculava na escola, tinha ótimas notas, presença, quando eu faltava, eu sempre procurava os professores pra resolver, mas assim, nunca faltei, nunca fiquei um ano sem estudar, que não, nunca fiquei um ano sem estudar. Tinha época que chegava quase no finzinho do ano, eu desistia, aí isso me prejudicava, entendeu? Aí... quando agora qui, eu voltei pra casa da minha mãe, eu falei pra minha mãe, bem... agora eu vou em frente, porque eu tenho que lutar pelos meus objetivos, pelos objetivos dos meus filhos que estão crescendo e eu tenho que dar uma vida melhor pra eles. Né? Aí quela tá me dando força, porque até então eu não tinha com quem deixar, às vezes eu levava na escola, ficava. Você sabe que criança não gosta de ficar parada, ela qué anda pra lá e pra cá, então prejudicava, aí fora isso, eu nunca fiquei sem ir pra escola.

Um outro dado que se fez presente em nossa pesquisa, ainda que singular, mas que indica uma situação muito presente na vida da maioria dos estudantes matriculados nessa modalidade de ensino, consiste no fato de que esses jovens, explícita ou implicitamente, atribuíram como sendo de sua única responsabilidade os motivos que geraram atraso ou fracasso escolar. Muitos desses jovens matriculados na Educação de Jovens e Adultos acreditam que não permaneceram no Ensino Regular por terem tido um histórico de *indisciplina* na escola e admitem sua inadequação a essa instituição. *Não gostavam*, ou ainda, *não gostam* de estudar, mas sentem a necessidade de terem uma formação a nível médio para

que se abram melhores perspectivas de trabalho. É o que nos fala Cleber, um dos sujeitos da nossa pesquisa.

Por isso que eu falo, que hoje eu me arrependo de não ter empenhado antes. Os meus amigos do meu colégio do meu tempo lá, hoje estão na universidade, ou arrumaram emprego, e eu tô lutando pra conseguir um objetivo (Cleber).

4.1 Volta à Escola e as Perspectivas de Futuro

Os nossos entrevistados destacaram a importância da instituição escola como meio de concretização de suas realizações pessoais, familiares e profissionais.

Em relação às razões que os fizeram retomar o seu processo de escolarização, Anderson afirmou que retornou aos estudos porque quer ter melhores condições de vida em relação a grande parte de seus colegas que, segundo ele, não tem perspectiva de vida, pois já se envolveram em situações de criminalidade. Deseja prestar concurso público e tornar-se policial.

[...] eu voltei também pela minha pessoa, porque eu quero ser alguém na vida, né? Mais por isso... Porque perto de casa eu tiro assim, eu tiro pelos meus colegas que cresceu comigo, amigo que cresceu comigo, hoje em dia ninguém tem perspectiva de vida, nada. Você pergunta: “O que você vai ser? Não sabe o que quer ser?” Hoje em dia a maioria tem passagem pela polícia, nome sujo... Vai prestar concurso público, da Polícia, não passa. Meu sonho, meu sonho é virá um policial. Pode ser civil ou então militar, mas meu sonho é ser policial.

Cleber afirmou que sem escolarização o mercado de trabalho oferece serviços braçais e que agora não quer mais esse tipo de atividade, quer acompanhar os avanços e evoluir.

Ah! Hoje em dia estudo é tudo, né? Educação como é que fala? Se você não estudar, você tá enrolado, porque serviço braçal tem, só que no meu caso, eu já fiz muito serviço, não tô mais querendo trabalhar de serviço braçal, quero coisa melhor, mais light, mais sossegado né? Que não faz muita força e também as coisas tão mais avançadas também... e é preciso evoluir. Acompanhando o estudo você padece.

Silvane disse que lutará pelos seus objetivos, sendo que um deles é cursar enfermagem e fisioterapia.

Agora eu vou em frente, porque eu tenho que lutar pelos meus objetivos, pelos objetivos dos meus filhos que estão crescendo e eu tenho que dar uma vida melhor pra eles. Depois que eu terminar, eu quero fazer enfermagem, eu sempre quis, e sempre assim, eu acho que tenho vocação (rs). E depois que eu fizer enfermagem, que eu sempre quis, eu vou tentar fisioterapia.

Rosimar disse que o fato de estudar, fazer cursos, qualificar-se, viabiliza a abertura de novas possibilidades, favorecendo o aparecimento de melhores postos de trabalho. Por outro lado, a pessoa que não se atualiza e só trabalha, faz com que o mercado também se feche, uma vez que lhe falta escolarização e, da mesma forma, se a pessoa só estuda o mercado de trabalho exige experiência profissional.

Num mundo que estamos hoje, tudo está difícil, pra quem estuda e pra quem não estuda. Pra quem estuda ainda é uma pequena janela que se abre, é um pouco de entendimento, de sabedoria, porque se você não tem disso, você não trabalha. As pessoas querem experiência, se já trabalhou. Se eu falo: não, as coisas se fecham. A escolaridade ajuda. Eles perguntam: em que série parou, que curso você já fez, se fala línguas... quanto mais qualificação você tem, melhor emprego você vai arranjar.

Perguntados sobre quem mais influenciou a retomada do processo de escolarização, dois jovens afirmaram que foram estimulados pelos seus cônjuges e os outros dois, pela mãe.

Anderson: Foi, essa volta foi mais influenciado mais pela minha mãe, quase que 80% influenciada pela minha mãe, porque ela falou qui gente sem estudo hoje em dia não era nada. Porque tira por ela, porque ela tirou a 4ª série, né? Aí esse ano ela disse “Oh! Você tem que estudar! Correr atrás do seu objetivo, né? Traçar e correr atrás.” Acho que hoje em dia eu também sei o que eu quero, tudo traçado...

Cleber: Por mim e pela minha esposa também, me dando força.

Silvane: A minha mãe, os meus tios, sempre lutaram pra mim volta estudar. por eu ter casado cedo. Eles sempre falaram que eu tenho que lutar pelos meus objetivos, então isso foi me dando mais força, sabe? Foi me dando mais vontade de estudar.

Rosimar: Era pro meu marido estudar, porque eu não achava condições de estudar, por causa das crianças, achava complicado criança pequena. Conversei com a coordenadora e me matriculei. Voltei a estudar e ele parou e eu continuei. Ele me estimulava porque vínhamos juntos, eu trazia as crianças e deu tudo certo, não estrovou em nada.

Analisando as razões que os fizeram retornar à escolarização na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, tem unanimidade o fato de que se sentiam atrasados em relação ao tempo de escolarização regular, acreditavam na necessidade de *correr contra o tempo, achar o tempo perdido e concluir os estudos com mais rapidez*.

4.2 Trajetória Escolar: compreendendo algumas determinações

4.2.1 A Questão do Trabalho Infante - Juvenil E Etnia

Marcelo Paixão questiona o fato de que, raramente, estudos sobre o trabalho infante-juvenil não se preocupam com a análise da variável étnica e racial e diz:

Contudo, no fundo, estranho mesmo é como um país que foi o maior receptor de escravos africanos das Américas, que foi a última nação no mundo ocidental a pôr termo à escravidão e que abandonou a população recém liberta e as gerações seguintes à própria sorte possam se dar o direito de não questionar se essa longa trajetória de sua história não estória intimamente relacionados com diversas mazelas sociais presentes, como é o caso do trabalho infante-juvenil. (PAIXÃO, 2003, p.78)

Marcelo Paixão presta contribuição à compreensão dessa questão ao analisar alguns indicadores demográficos, gerados pela base de microdados da Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (PNAD) do ano de 1999, que foi realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e onde ele agrega a variável cor, fazendo um recorte e discutindo a questão racial na inserção infante - juvenil no mercado de trabalho.

Por afro-descendente ou negro entendeu-se aqueles que autodesignaram-se pardos ou pretos. Desagregando os dados por cor e por nível regional, os dados de 1999 apontaram que a população afro-descendente era majoritária em três regiões: Norte Urbano (70,9%), Nordeste (70,1%) e Centro Oeste (53%). A Região Sudeste abriga (34%). A população branca era, segundo PNAD/1999, hegemônica na região Sudeste (64%).

Com esses dados, podemos afirmar que não há como negar que as questões referentes à população negra em nosso país não estejam relacionadas às minorias.

Quando se trata da população jovem, a questão é mais séria ainda.

Paixão nos diz que “os afro-descendentes no Brasil possuem uma pirâmide etária, com uma base mais larga do que os brancos” (2003, p.80). Isso é expresso pelos dados que demonstram que da população jovem negra, 39,1% tinham até a idade de 17 anos, enquanto que os jovens brancos esse percentual era de 33,4%.

No entanto, a presença de negros é menos expressiva quanto mais se elevam as faixas etárias.

Tabela 4: Brasil, população total desagregada por faixa etária e cor/raça, 1999.

Faixa etária	Branços	Afro-descendentes	Outros	Total
0 a 4 anos	7.836.902	6.918.627	72.503	14.828.032
5 a 9 anos	7.701.915	7.636.386	74.348	15.412.649
10 a 14 anos	8.217.847	8.702.328	75.211	16.995.386
15 a 17 anos	5.172.990	5.161.022	54.212	10.388.224
18 a 24 anos	10.886.249	9.970.557	121.051	20.977.857
25 a 36 anos	14.915.527	12.002.680	154.958	27.073.165
36 a 50 anos	16.904.340	12.261.275	203.340	29.368.955
50 anos ou mais	14.980.463	10.028.557	263.889	25.272.909
Pop. Total	86.616.233	72.681.432	1.19.512	160.317.177

Fonte: PNAD 1999, microdados.

A população afro-descendente aponta uma taxa maior de fecundidade e de mortalidade do que os brancos e isso nos faz compreender porque os negros, nos dados estatísticos, são em média jovens e à medida que as idades vão avançando, esse percentual diminui em relação aos dados apresentados da população branca.

Os dados do IBGE (1999) refletem as desigualdades raciais dos jovens negros no mercado de trabalho a partir de taxas de desocupação, ou seja, estas eram sempre maiores

entre afro-descendentes do que entre brancos. Essa diferença se mantém para todas as faixas etárias maiores de idade.

Quando os dados se referem aos menores de idade, a situação se inverte. Negros e negras menores têm taxas de desocupação menores em relação aos brancos, como podemos constatar na Tabela 5.

Tabela 5: Brasil, porcentagem da população desocupada, desagregada por faixa etária e cor/raça, 1999(em %):

Faixa Etária	Brancos	Afro-descendentes	Total
10 a 14	11,3	9,4	10,1
15 a 17	23,5	21,8	22,6
18 a 24	16,1	18,0	17,0
25 a 36	8,0	10,1	8,9
36 a 50	5,3	6,5	5,8
50 ou mais	3,6	3,6	3,6
Total	8,8	10,5	9,6

Fonte: PNAD 1999, microdados.

Pedro Paulo Martoni Branco (2005) afirma que aos jovens caberá o preenchimento de posições de baixa qualidade, de vínculos precários e de menor remuneração, onde geralmente estarão situados na camada inferior do mercado informal.

Com freqüência, uma parcela significativa desses jovens que aceitam trabalhar, sujeitando-se a tais condições, o faz comprometendo sua escolarização ou mesmo estando fora da escola, sem que neste caso tivesse sequer completado os ciclos educacionais compatíveis com sua idade. (BRANCO, 2005, p.131)

No estudo realizado por Branco, a variável étnica não foi considerada, mas como vimos anteriormente, nos dados que Paixão apresenta tendo por base a PNAD (1999), essa situação de comprometimento da escolarização dos negros é ainda maior.

Os depoimentos dos sujeitos da nossa pesquisa foram unânimes em relação a essa questão e confirmaram o que apontam os dados.

Cleber, por exemplo, também possui experiência na área de telefonia, almoxarifado e construção civil. Desde os dez anos de idade já trabalhava fazendo pequenos serviços para sua mãe: venda de refresco e picolé. Entusiasmado com o ganho de dinheiro, começou a faltar no colégio e, posteriormente, parou de estudar.

Eu no meu tempo de escola até a 8ª série... Eu não me empenhava muito, empenhava entre aspas, mas também comecei a trabalhar também, né? Com a desculpa que tinha que trabalhar, pra adquirir independência. Aí eu não ia na escola, faltava [...] Aí prejudicou muito, né? [...] vender refresco, vende picolé pra ajuda em casa, eu deixava aquilo tipo me envolver, entendeu? Tipo uma desculpa pra não poder estudar.

Anderson disse que quando começou a trabalhar, percebeu que ia reprovar e desistiu de freqüentar a escola. Preferiu continuar trabalhando porque tinha carteira assinada. À noite preferia jogar bola a ter que freqüentar escola.

Eu comecei a trabalhar, aí eu vi que ia reprová, né? Eu desisti, desisti não. Eu não fui mais lá, mas eu tinha nota boa, eu tinha não! Eu tenho nota boa. [...] o professor me disse: “Você tinha chances!” Mas é que eu comecei a trabalhar... eu com 20 anos, aí comecei a assinar minha carteira.

Rosimar no período em que não estava matriculada em nenhuma escola, teve seu primeiro filho aos treze anos de idade e ainda cuidava de outras crianças, como forma de ter algum dinheiro.

Parei de estudar na 8ª série. Já tava com 13 anos. Só que eu engravidei e tive que parar de estudar. Aí fiquei 7 anos sem estudar [...] Cuidei de crianças, trabalhei na casa dos outros fazendo algum serviço e por isso não estudava.

Podemos afirmar, tendo por base os dados quantitativos e confirmados pelo universo da nossa pesquisa qualitativa, que são, majoritariamente, os negros que são inseridos precocemente no mercado de trabalho, alcançando sempre taxas menores de desocupação em relação aos brancos.

Esse fato interfere diretamente na permanência e continuidade do seu processo de escolarização. Quando se tornam maiores de idade, passam pela discriminação racial, fruto

das determinações desenvolvidas nas formas de consciência social gerada com base nessa situação de opressão e que levam ao desenvolvimento de uma ideologia racista. Assim, faz com que persistam as desigualdades raciais que atingem essa grande maioria da população negra que está concentrada, em grande parte, nas camadas mais pobres da estrutura social.

4.2.2 A Questão do Gênero

Embora a questão do gênero não tenha sido um objeto de aprofundamento nessa pesquisa, constatamos que a jovem negra tem mais um elemento de discriminação, pois segundo a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde realizada em 1996, as jovens pobres apresentavam fecundidade dez vezes maiores do que as de melhor nível econômico. Esse fato vai refletir na interrupção da trajetória de escolarização devido à gravidez precoce ou constituição de família.

Dos quatro jovens entrevistados, evidenciou-se que é na trajetória dos jovens negros que mais se apresentam reprovações. Na trajetória das jovens dessa pesquisa, a reprovação não se faz presente. O que ocorre é que devido à presença de filhos e com a impossibilidade de deixá-los sob os cuidados de uma pessoa de confiança, a jovem vai criando estratégias que possibilitem a frequência na escola junto com os seus filhos, ou seja, não deixa de frequentar a escola, desde que possa levar os seus filhos. É o que afirmou Silvane:

Eu não vou falar pra você que eu parei de frequentar a escola, (rs), eu frequentava, mas por eu ter tido filhos, sempre quando chegava assim num determinado semestre, eu tinha que sair por causa dos meus filhos, eu desistia de ano. Nunca assim disse: “Não, esse ano não vou estudar”, sempre me matriculava na escola, tinha ótimas notas, presença, quando eu faltava eu sempre procurava os professores pra resolver, mas assim, nunca faltei, nunca fiquei um ano sem estudar, que não... Nunca fiquei um ano sem estudar. Tinha época que chegava quase no finzinho do ano, eu desistia, aí isso me prejudicava, entendeu? Aí quando, agora qui, eu voltei pra casa da minha mãe, eu falei pra minha mãe, bem, agora eu vou em frente, porque eu tenho que lutar pelos os meus objetivos, pelos objetivos dos meus filhos que estão crescendo e eu tenho que dar uma vida melhor pra eles, né? Aí quela tá me dando força porque até então eu não tinha com quem deixar, às vezes eu levava na escola, ficava, você sabe que criança não gosta de ficar parada, ela qué anda pra lá e pra cá, então prejudicava, aí... fora isso, eu nunca fiquei sem ir pra escola.

4.3 Escolarização: possibilidade de melhores condições de vida

O nosso trabalho aponta uma faceta contraditória nesse processo de interrupções e retomada da escolarização dos jovens entrevistados, pois: ao mesmo tempo em que apresentaram como maior motivação a necessidade de trabalhar, causa determinante para que houvesse interrupção do processo de escolarização, mais tarde é a necessidade de melhores condições de trabalho que irá fazer com que esses jovens retomem o seu processo de escolarização.

Melhor condição de trabalho para os nossos jovens significa ter trabalho fixo e formal, carteira assinada e não ter que realizar trabalho braçal.

Essa questão ficou muito explicitada no depoimento de Rosimar. O desejo de ter trabalho fixo e carteira assinada é o que a motivou a migrar de Cáceres/MT para Cuiabá/ MT em busca dessa possibilidade.

Estou em Cuiabá há dois anos. Em Cáceres arranjo emprego, mas se paga pouco, não é fácil de achar, não assinam carteira, são poucos que assinam carteira. Surgiu oportunidade de vir para Cuiabá. Eu e a família do meu esposo e estamos há dois anos. Minha carteira tá assinada e até o momento estou me sentindo bem. Dificuldades encontra em qualquer lugar, apenas que em Cáceres era ambulante, vendia salgados em um ponto. Minha mãe já vendia salgados lá e deixou o ponto pra mim, porque cansou, mas depois voltou, então vim pra cá, já consegui trabalho com carteira assinada, se eu sair do meu serviço, eu sei que vou ter meu seguro desemprego, não vou ficar ao relento, então estou bem aqui.

Os jovens consideram que o mercado de trabalho encontra-se extremamente exigente, restrito e seletivo.

Nadya Araújo Guimarães (2005) nos apresenta dados de um trabalho realizado acerca da configuração do sistema escolar no Brasil e do seu padrão de inclusão e exclusão, sendo que nos desperta para a situação dos chamados jovens e adultos, que são exatamente os jovens de 18 e 25 anos de idade, cuja faixa etária é a mais atingida pela deteriorização das condições de trabalho, uma vez que não possuem níveis de escolarização adequados.

[...] jovens que logram completar a escolaridade média, embora enfrentem dificuldades no mercado de trabalho num momento de tão intensa reestruturação, têm maior chance de incluir-se em empregos com carteira assinada; isso, entretanto, dificilmente ocorre àqueles que, na mesma faixa de idade, evadiram-se do sistema escolar ou nele permanecem com significativo atraso (GUIMARÃES, 2005, p.169).

A escola tem sido representada para os jovens desta pesquisa como uma possibilidade para adquirirem conhecimentos sobre questões ligadas aos avanços tecnológicos, visando melhorar a qualificação profissional, pois a partir de uma educação formal, poderão ter melhores condições de vida e, segundo os mesmos, a escola servirá de base para outras qualificações.

Essa questão se evidenciou na fala de Cleber, quando este afirmou que a educação pra ele é tudo e atribuiu ao fato de só ter acesso a serviço braçal como sendo consequência de não estar estudando. Hoje, ele quer um trabalho mais sossegado, quer acompanhar as coisas que estão mais avançadas e evoluir, afinal, já trabalhou muito nas seguintes atividades: ambulante, área de telefonia, almoxarifado e ajudante de obra.

Neste sentido, Branco (2005), nos fala:

Todos os indicadores disponíveis têm evidenciado uma forte “pressão” dos jovens na procura de ocupação, denotando que, se eles estivessem apenas se dedicando às atividades de escolarização e aprendizagem profissional, as taxas de desemprego cairiam substancialmente, uma vez que seu ingresso na força de trabalho seria adiado. E, além disso, estariam adquirindo melhor preparo educacional, requisitos indispensáveis para que pudessem enfrentar com maiores chances de êxito os desafios e obstáculos colocados por um mercado de trabalho cada vez mais excludente e competitivo. (BRANCO, 2005, p. 131)

No presente estudo, entendemos ser necessário para compreender as trajetórias escolares e sociais dos sujeitos em questão, elencar através de suas falas, os motivos que os levaram a interromper o seu processo de escolarização, como também o tempo em que não estiveram matriculados e o que fizeram nesse período. Dessa maneira foi possível objetivar diferentes situações que podem ser visualizadas no Quadro 1.

Quadro1: Relações do tempo de interrupção X motivos pelos quais jovens negros e negras a retornaram à escolarização

Nome	Motivo da interrupção	Tempo em que não esteve matriculado	O que fez nesse período	Porque voltou	Porque voltou na EJA
Anderson Igo Augusto de Siqueira	*Porque viu que ia reprovar; *Porque começou a trabalhar;	Um ano	Trabalhou	*Para atingir seu objetivo que é ser alguém na vida; *Fazer Concurso Público para ser Policial	Porque achou que estava atrasado
Cleber Moreno Neves Brekens	*Porque começou a trabalhar	Quatro anos	Trabalhou, serviu o Exército	Porque quer melhores condições de trabalho e acompanhar novas tecnologias	Para concluir rápido
Silvane Pires Gonçalves	Ter tido filhos	Sempre se matriculou, mas não concluía.	Trabalhava e cuidava dos filhos	Lutar pelos seus objetivos que é cursar Enfermagem ou Fisioterapia	Para acelerar o término do Ensino Médio
Rosimar Lemes de Souza	Casou-se e teve filhos	sete anos	Trabalhou em casa	Para dar continuidade aos estudos e fazer secretariado	Para concluir mais rápido

CONCLUSÃO

Acredito que os jovens negros e jovens negras que fizeram parte do universo dessa pesquisa traduzem de modo geral a situação vivenciada por muitos outros jovens negros cuiabanos que em algum momento de suas vidas, abandonam o processo de escolarização e depois retornam na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Eles traduzem de modo geral características que vão para além dos fatores ligados à origem de classe e a condições sócio-culturais da família e que culminaram numa trajetória escolar acidentada.

Essa compreensão nos possibilita fazer a análise das trajetórias dos jovens negros e negras no ambiente escolar, contribuindo para o entendimento da razão que os levaram a procurar a Educação de Jovens e Adultos como forma de concluírem o seu processo de escolarização.

Encontramos nas entrevistas uma multiplicidade de situações que marcaram essas trajetórias e envolvem: desde questões de gênero, explicitando a forma com que a mulher está muito mais exposta a um processo de marginalização escolar em relação ao homem; até às formas em que o preconceito étnico está presente, de maneira dissimulada no trato social.

Vamos constatar que as dificuldades apresentadas pelas jovens negras tanto para concluírem sua escolarização quanto para participar dos movimentos sociais aqui citados, estão fundamentalmente relacionados à questão de uma gravidez e um casamento precoce.

Um outro elemento determinante para esse distanciamento do processo de escolarização e que fez com que se constituíssem trajetórias escolares acidentadas, é o fator sócio-econômico.

Apontamos, também, o que os dados nos dizem em relação, especificamente, ao caso de crianças, jovens negros e negras que são expostos ao trabalho informal e como esse fato foi determinante para que os mesmos tivessem trajetórias acidentadas na escola.

São jovens negros e negras que se viram na necessidade de conquistar independência financeira em relação aos seus pais, inserindo-se para tal no mercado de trabalho informal ou no subemprego, vivenciando situações veladas de discriminação racial.

Nas falas desses jovens negras e negros ficou evidenciado que a maior motivação para que retornassem ao seu processo de escolarização, deu-se pela necessidade material de melhorarem de vida e para isso, buscavam a Educação de Jovens e Adultos porque acreditavam já ter perdido muito tempo em seu processo de escolarização, sendo que cursar a EJA seria a forma mais viável de concluí-la em menos tempo.

Nossos jovens ao falarem que voltaram à escola porque aspiram melhorar de vida, querem dizer que a escolarização lhes abre a possibilidade de ter uma melhor formação escolar e, assim, conquistar melhores empregos que, por sua vez, significam, fundamentalmente, não empregar trabalho braçal e ter estabilidade, seja por intermédio de carteira assinada ou emprego público.

Demonstraram muito interesse em freqüentar uma Universidade, mas se vêem muito distantes desse acesso, devido à conclusão tardia de sua escolarização e à necessidade de trabalharem.

Nesse sentido, as medidas de Políticas de Ações Afirmativas, seriam medidas públicas que poderiam diminuir a longo prazo esse distanciamento e desigualdade, que ainda insistem em serem apontados nos dados e que promoveriam medidas compensatórias aos grupos étnicos em desvantagem.

Apesar de todas as situações de discriminação étnica vivenciadas em suas trajetórias escolares e sociais, tais como: trabalho, polícia e a sociedade como um todo, nossa pesquisa constata que esse fato não tem se constituído um fator de mobilização, engajamento e participação na ação política ao combate à discriminação racial por parte dos jovens negros e jovens negras pesquisados. Demonstraram pouco conhecimento nas formas de participação política, seja em Sindicatos, Partidos Políticos, Movimento Estudantil, Movimento Negro, Movimentos de Jovens, como hip-hop, capoeirista e outros. Essa ausência de participação constituirá num elemento dificultador no estabelecimento e expansão dos processos participativos e de consolidação das relações democráticas.

Percebemos que, tanto para os jovens negros como para as jovens negras, sua possibilidade de participação estão voltadas aos grupos ligados à igreja, seja por uma questão de tempo, seja porque é o que mais conhecem ou pelo fato de ser o movimento do qual estão mais próximos. De qualquer forma, vêm no fato de freqüentar esses grupos, uma opção e espaço de lazer, de encontros, de integração com outras pessoas, de fortalecimento espiritual e de fuga da rotina.

Acreditamos que a participação política em ações coletivas dos movimentos sociais, constituiria uma premissa para a formação da consciência política e da consciência étnica.

Os sujeitos dessa pesquisa não demonstraram uma formação de consciência política e devido a tantas situações de discriminação étnica vivenciadas em sua trajetória escolar e social, manifestaram uma consciência étnica, porém essa consciência étnica, não foi fator determinante e atuante e nem mesmo influenciou a retomada do processo de escolarização desses jovens negros e negras no Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS UTILIZADAS

ABRAMO, H. (Org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, nº. 5/6, 1997, p. 25-36.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 3. ed., São Paulo: Cortez; Campinas: Editora Unicamp, 1995.

_____. **Classe Operária, Sindicatos e Partido no Brasil (Um estudo sobre a consciência de classe: da Revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora)**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1982.

AZEVEDO, T. [1955]. **As elites de cor: um estudo de ascensão social**. Salvador: EDUFBA, 1996.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. De Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. 9ª imp. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.15-35.

BOURDIEU, P. **As Regras da Arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 289-294.

BOBBIO, N. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Trad. De Marco Aurélio Nogueira. 6. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

BRANCO, P. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, H. (Org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

BRASIL. MEC. A Explosão do Ensino Médio. **Revista do Ensino Médio**, Brasília, nº. 4 Ano II, p. 04-05, 2004.

BRITTO, S. (Org.). **Sociologia da Juventude da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, v. I.

BRITTO, S. (Org.). **Sociologia da Juventude da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, v.IV.

CARRANO, P. C. R. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CONSORTE, J. G. (Org.) **Religião Política, Identidade**. São Paulo: Educ, 1988.

COSTA, M. **A Pequena Burguesia Negra Cuiabana (Um Estudo sobre a Formação de sua Consciência Política)**. 2004, 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Instituto de Educação, UFMT, Cuiabá, MT, 2004.

DELORS, J. *et tal.* **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: MEC, UNESCO. 1998.

DOTTI, C. Fracasso Escolar e Classes Populares. In: GROSSI E.P. (Org.). **Paixão de Aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992, p.21-28.

DURANTE, M. **Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Discriminação a Negros continua igual** (Cotidiano) 05/04/2001.

FRAGA, P. & IULIANELLI, J. (Org.). **Jovens em Tempo Real**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

FREIRE G. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, D. M. F. **Juventude em tempo de incertezas: enfrentando desafios na educação e no trabalho**. 2002, 390 f. Tese [Doutorado] Programa de Pós-graduação, Campinas, 2002.

GOHN, M. G. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO. **Novas perspectivas para o Ensino Médio**. Cuiabá, Secretaria de Educação, 1997.

GUIMARÃES, A S. **Racismo e Anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

GUIMARÃES, N. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, H. (org). **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

HADDAD, S. & PIERRO, M.C. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, nº. 14, Mai-Ago 2000, p 108-130.

HARNECKER, M. **Os Conceitos Elementares do Materialismo Histórico**. São Paulo: Global editores, 1971.

HARRIS, M. **O padrão brasileiro**. Padrões raciais nas Américas. Rio de Janeiro: Civilização, 1967.

HASENBALG, C A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HASENBALG, C & SILVA, N. **Raça e Oportunidades Educacionais no Brasil**: Estudos Asiáticos, nº 18, 1991.

HENRIQUES, R. **Desigualdades raciais no Brasil**: evolução nas condições de vida na década de 1990. Texto para discussão. Rio de Janeiro: IPEA, n.807, 2001.

IANNI, O. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p: 175-215.

_____. **Raças e Classes Sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. O Jovem Radical. In: BRITTO, S. (Org.). **Sociologia da Juventude da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, v.1. 225-242.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **CENSO 2000** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo/importancia.shtm>. Acesso em: 14 novembro 2001.

IBGE (2002). **Censo Demográfico 2000**: Resultados do Universo. Rio de Janeiro. Base de dados em CD.

IBGE (2001). **Informações Básicas Municipais (MUNIC)**. www.ibge.gov.br

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar Evidencia expansão**. Disponível em: http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/enc...news02_01. Acesso em: 17 março 2005.

IULIANELLI, J. Juventude: Construindo Processos- O Protagonismo Juvenil. In: FRAGA, P. & IULIANELLI, J. (Org.). **Jovens em Tempo Real**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

JODELET, D. OS Métodos das Ciências Humanas (tradução de M.ª Bernier). In: **Seminário Internacional de Pesquisa Qualitativa em Representações Sociais**. GPEP/ PPGE/UFMT, Mai. /2003, p. 1-34.

JORGE, C. Um em cada quatro jovens vive em situação de miséria no mundo. **Mundo-Cotidiano**. Outubro, 2003, 1-3. Extraído em 09 de outubro 2003 disponível em: http://www.pop.com.br/print.php?id_noticia=10084.

KUENZER, A. **Ensino de 2º grau: O trabalho como princípio educativo.** 2. ed., São Paulo: Cortez, 1992.

KUENZER, A. (Org.). **Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho.** São Paulo: Cortez, 2000.

Lei Nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional.** In: artigo 35, 36, 37 e 38.

LEÓN, O D, Políticas públicas de juventud en America Latina. In: Carrano, P.C. **Os jovens na relação sociedade-estado: entre “problemas sociais” e concepções ampliadas de direito.** Chile, Ediciones CIDPA, 2003.

MANACORDA, M. **Marx Y la pedagogia moderna.** Barcelona, Espanã:Oikos Tau ediciones, 1969.

MANNHEIM, K. O Problema da Juventude na Sociedade Moderna. In: BRITTO, S **Sociologia da Juventude I.** da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MARX, K. **Ideologia Alemã,** 8. ed., São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto Comunista.** 1872.

MARX, K. **O capital: Crítica da Economia Política;** (tradução Regis Barbosa e Flávio Kothe). São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MELLO, G. N. de. **Ensino Médio: um desafio educacional novo para a sociedade brasileira.** 2002. Mimeo.

MESZAROS, I. **Filosofia Ideologia e Ciência Social: Ensaio de Negação e Afirmação.** São Paulo: Editora Ensaio, 1993

MORGADO, M. A. **A lei contra a justiça: um mal estar na cultura brasileira.** Brasília: Plano Editora, 2001.

MORGADO, M. A e MOTTA, M. F. V. **Educação da Juventude em Mato Grosso: Impasses e Perspectivas Político-Pedagógicas,** PPGE/ IE/ UFMT, 2003. (mimeo).

MOTTA, M. F. V. **Educação e Cultura Popular: roteiro de um equívoco.** 1986, Dissertação (Mestrado). UFSCAR, São Carlos, 1986.

MÜLLER, M. S. **Normas e padrões para teses, dissertações e monografias.** 5. ed., Londrina: Eduel, 2003.

MUNANGA, K. **Negritude: Uso e Sentidos.** São Paulo: Ática, 1996.

NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos. In: ABRAMO, H. (Org.). **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

OLIVEIRA I. **Desigualdades Raciais**: Construções da Infância e da Juventude. Niterói: Intertexto, 1999.

PAIXÃO, M. O Meu Guri: Desigualdades Raciais Na Inserção Infanto-Juvenil No Mercado de Trabalho e Avaliações de Risco Social. In: FRAGA, P. & IULIANELLI, J. (Org.). **Jovens em Tempo Real**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

PAIVA, V. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1983.

PARECER 11- 2000, **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação de Jovens e Adultos**.

PERALVA, A Jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPED, nº. 5/6, 1997.

PINTO, Á V. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1982.

PRAXEDES, R. R & PRAXEDES, W. L. **Marxismo e Política de Cotas**. Espaço Acadêmico. 1-4. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/22rwpraxedes.htm>. Acesso em: 10 março 2004.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A Queiroz, 1991.

ROCCO D. G. M. J. **Educação de Jovens e Adultos**: Uma contribuição para seu estudo no Brasil. São Paulo. Edições Loyola, 1979.

ROSENMAYR, L. A Situação Sócio-Econômica da Juventude de Hoje. In: BRITO, S. **Sociologia da Juventude I**. da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, v.1.

SANDOVAL, A. M. S. Algumas reflexões sobre cidadania e formação de consciência política no Brasil. In: **Cidadania em Construção**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 59-74.

SANTOS, G.; SANTOS, M.; BORGES, R. A juventude negra. In: ABRAMO, H. (Org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

SCHWARTZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, M. P. O Anti-racismo no Brasil: Considerações sobre o estatuto social baseado na consciência racial. **Revista Psicologia Política/Sociedade de Psicologia**. Nº. 1, jan - jun 2001, p.37-65.

SPINK, M. J. A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. In: Sandoval, S.A. **Algumas reflexões sobre cidadania e formação de consciência política no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 59-74.

SOARES, L. **A Educação de Adultos: Momentos Históricos e Desafios Atuais.** Presença Pedagógica, São Paulo, v.2, n11, p. 27-35, set/out.1996.

SOARES, L.G. **Educação de Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: DP&A 2002.

SPÓSITO, M. **A produção de Conhecimento sobre Juventude na Área de Educação no Brasil,** Julho, 2004,1-28. Disponível em [http: www.hottopos.com/harvard4/marilia.htm](http://www.hottopos.com/harvard4/marilia.htm). Acesso em: 16 julho 2004.

SPÓSITO, M. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. (Org.). **Retratos da Juventude Brasileira:** Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SPÓSITO, M. Estudos sobre Juventude em Educação. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo: ANPED, Nº. 5/6, 1997. Pag. 39.

TROTSKY, L. A Luta contra a Juventude. In: BRITTO, S. **Sociologia da Juventude IV.** Os Movimentos Juvenis. Rio de Janeiro: Zahar Editores, v. IV, 1968.

ZAGO, N. (Org.). **Itinerários de pesquisa:** perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287-309.

ZANETI, H. **Juventude e Revolução.** Uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil. Brasília: Edunb, 2001.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

AGUIAR, Thais. **Pesquisa questiona critérios da abordagem policial no Rio de Janeiro.** DESARME. ORG, 08 dez. 2004. Disponível em: <http://www.desarme.or.br/start.htm?infoid=4407&tpl=printerview&sid=2>. Acesso em: 16 fevereiro 2005.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 3. ed., São Paulo: Cortez, 1995.

ANTUNES, R.. **Classe Operária, Sindicatos e Partido no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1982, p.15-37.

BENTO, M. A (Org.). **Psicologia Social do Racismo:** estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BRUNEL, Carmem. **Jovens no Ensino Supletivo:** Desnaturalizando o Fracasso e Reconstituindo Trajetórias. Educação On-line. Disponível em: www.educaçãoonline.pro.br. Acesso em: 06 fevereiro 2004.

CARRANO, P. **Os jovens na relação sociedade-estado:** entre “problemas sociais” e concepções ampliadas de direitos. Artigo 1-19, 2003.

CODO, W. (Org.). **Psicologia Social - O homem em movimento.** 8. ed., São Paulo: Brasiliense, 1984.

CONSORTE, J. **Religião, Política, Identidade.** São Paulo: EDUC, 1988.

DEMO, P. **Charme da exclusão,** 2. ed., Campinas: Autores Associados, 2002.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** Trad. de Álvaro Cabral. 2. ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

GRAMÁTICO, Angélica. **População branca em atividade é superior à negra ou parda.** Rio de Janeiro, mar. 2004. Disponível em: <http://www.pop.com.br/portal.php> Acesso em: 05 junho 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População demográfica – População estudantil e população fora da escola por faixa etária no Estado de Mato Grosso em 2000.** Cuiabá, 2001.

MATOS, M. A. **Grucon: Ação Pedagógica Valandi ou Chilingu.** 2000, 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Instituto de Educação, UFMT, Cuiabá, MT, 2000.

MELLO, G. **Diretrizes curriculares para o ensino médio:** por uma escola vinculada à vida. Brasília: SESI - DN, 1999.

MONLEVADE, J. **A nova LDB:** nova em quê? Brasília: SESI-DN, 1999.

OLIVEIRA, M. **Maioria é parda, urbana e homem.** Pesquisa do IBGE revela indicadores sociais municipais e diz quem somos, como e quantos. A Gazeta, Cuiabá, Mato Grosso, 1 e 2 de janeiro de 2005. Cidade, p.1B.

POSIÇÃO da Associação Brasileira de Antropologia - ABA sobre o Problema da discriminação. **Associação Brasileira de Antropologia.** Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo.php?exibir=79>. Acesso em: 16 julho 2004.

SANTOS, I.R. **O Programa de Alfabetização de Adultos:** Um Projeto para a Construção da Consciência Política do Adulto Analfabeto (1983- 1988). Cuiabá: Cuiabá: IE/UFMT, 1998, 131 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).

UMA concepção para o Ensino Médio. Ministério de Educação e Cultura. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/semtec/ensmed/politicas.shtm>. Acesso em 16 maio 2004.

WOOD, E. M. **Democracia Contra Capitalismo:** a renovação do materialismo histórico. São Paulo. Boitempo editorial, 2003.

ANEXOS

ANEXO A

Autorizações de Publicação

ANEXO B

Ficha de Matrícula

ANEXO C

Entrevista 01: Anderson Igor Augusto de Siqueira

Roteiro de entrevista

Nome: Anderson Igo Augusto de Siqueira.

Local de Nascimento: Cuiabá/MT.

Dia, Mês e Ano de nascimento: 27/08/1979.

Estado Civil: solteiro, mas foi casado por 07 anos e está separado há 6 meses.

Nome do Pai: Orcalino Augusto de Siqueira Neto.

Local de Nascimento: Cuiabá / MT.

Nome da Mãe: Leda Maria de Siqueira.

Local de Nascimento: Bahia.

Sempre morou aqui?

Sempre.

Qual a profissão do seu pai e da sua mãe?

Meu pai mexe com parte elétrica e minha mãe mexe com artes, como se diz? Cultura, né?

Artesã?

Isso! Artesanato.

E hoje eles ainda trabalham?

Sempre nisso.

E você tem quantos irmãos e irmãs?

Tenho dois irmãos homens e uma irmã mulher.

No que eles trabalham? Fazem o que?

Meu irmão mais velho de 29 anos, ele mexe com, ele trabalha com serigrafia, pintura de capuz, moto, capacete e mexe também com cultura Hip – Hop black e o outro meu irmão mais novo homem, trabalha no supermercado, é repositor de mercadoria e minha irmã só estudante.

Como é a sua relação com a sua família?(Pais, irmãos, etc.)

A relação do meu pai e minha mãe em si, é muito boa, né? Amorosa. Com os meus irmãos é a mesma coisa. Lá em casa é bom que é muito unida a família. Pra o que der e vier.

Mas você é solteiro mesmo?

Sou solteiro, mas já fui casado, 7 anos já! Separei tem 6 meses.

- **Escolarização**

Em que cidade começou a estudar?

Em Cuiabá mesmo.

Era escola pública ou particular?

A 1ª escola que eu estudei era pública mesmo, depois passei por 2 particulares e o resto da vida, formando no 2º grau sempre pública.

O nome da 1ª escola você lembra?

Primeira... Acho que era Pica –pau- CPAII.

Essa era a pública?

Era pública.

E as outras?

A 2ª que eu estudei no Santa Isabel, né? E a outra no... Se não me engano, acho que era Padrão, faz tempo... Quando eu era novo.

E com que idade você começou a estudar?

Se eu não me engano muito... Bem, acho que foi com 7 ou 8 anos.

Você começou fazendo o que?

Se não me engano pré, 1º ano, porque eu atrasava, né?

Por que atrasava?

Devido os meus... Meus pais, minha mãe, porque num sei o que houve.

Gostava de estudar?

A verdade... a verdade eu gosto de estudar. Há uns 3 anos atrás que eu comecei a me interessar pelo estudo, porque, quando era mais novo era muito sapeca, queria saber só de futebol, foi até que viajei para São Paulo, Minas Gerais, Goiânia, jogando bola e fiquei um tempo em Goiânia, jogando, aí depois, vi que a minha vida não era essa, aí planejei outras coisas pra fazer na minha vida.

Lá na escola tinha dificuldade pra aprender a ler e escrever em português?

Não, português, português não, sempre fui bom em português, o que mais tinha dificuldade era na matemática, porque não me interessava, não gostava. Agora eu me interessei mais. Na verdade eu não me interessava, interessava muito. Não gostava, quebrá a cabeça não é comigo.

E nas outras matérias, como Ciências, Educação Física, etc, houve dificuldades?

As outras matéria, eu sempre fui bom.

Educação Física?

Educação física eu adorava! 1º da lista!

Quando eu desempenhava a matéria de matemática tava bom, mas quando eu... faltava o dia da aula, não adianta, não tinha pra ninguém, eu saia da sala e acabou, não queria, não queria.

Lembra se havia por parte dos professores alguma preocupação em resolver essas dificuldades dos alunos?

Não, nem se preocupava com todos, era bastante gente em todas as matérias, tinha professores que se empenhavam. E tinha aqueles que não queria, não queria.

E você reprovou alguma série?

Acho que reprovei uns dois anos...

Quais séries?

Acho que foi a 5ª... 5ª e acho que a 2ª série só.

Por que você reprovou?

Porque era muito sapeca, com 11,12,13 anos era muito sapeca. Não queria saber de nada, era pipa, bola e rua.

A minha reprovação, se não me engano era porque a minha mãe trocou de bairro, né?...Teve dificuldade. Nessa mudança não consegui vaga e também minha mãe nem foi atrás pra conseguir vaga... Isso na 2ª série.

Por que mudava de escola?

Porque eu mesmo queria mudar. Não adiantava. Isso era di mim mesmo. Porque lá em casa minha mãe, meu pai falava: Fica nessa. Dizia assim: Não eu quero mudar.

Mas você lembra se aconteceu alguma coisa pra você querer mudar de escola?

A maioria das vezes eu queria conhecer pessoas diferentes, outros amigos, fazer novas amizades. Eu bem dizer, no CPA, eu moro no CPA, né? Eu conheço todo mundo! Ali eu posso entrar despreocupado.

Você lembra como era tratado pelos seus professores?

Sempre muito bem, atenciosamente, com o suporte que o aluno tem que ter, sabe?

E pelos colegas de escola?

Pelos colegas ainda era melhor, eu era bem dizer o líder do fundinho, da conversa paralela.

É, então quer dizer que os coordenadores te conheciam bem?

Conhecia, esse aí é a peça! Mas nada de mal! Eles diziam: esse aí é um guri inteligente, tem que saber por que ele é muito sapeca, extrovertido.

Mas como te tratavam?

Tratava muito bem, porque chegava a professora, eles diziam: esse é assim... assim... assim, tem que saber lidar porque esse é uma peça rara.

Em que ano parou de freqüentar a escola?

O ano que... bem dizer... porque eu comecei a trabalhar. Que ano foi? 2001... 2001, também eu comecei a estudar, né, aí eu vi que eu ia, que eu ia reprová, né? Eu desisti, desisti não. Eu não fui mais lá, mas eu tinha nota boa, eu tinha não! Eu tenho nota boa, aí eu fui lá, vê a formatura dos meus amigos de 2º grau e o professor me disse: “Você tinha chances!”, mas é que eu comecei a trabalhar com 20 anos, aí comecei a assinar minha carteira.

Foi depois que você começou a trabalhar que você parou de estudar? Ou antes disso você já havia parado?

Antes disso eu tinha parado, mas por mim não! Pela minha mãe.

Quanto tempo?

Só um ano mesmo... que eu perdi o ano na 2ª série.

Aí você ficou quanto tempo sem estudar?

Acho que foi um ano. Parei em 2001, perdi 2001 e voltei em 2002.

E nesse período que você ficou sem estudar, você ficou fazendo o que?

Na verdade, na verdade, jogando bola a noite, vinha do serviço, trabalhava na CEMAT, tinha o grêmio lá, né, todo dia era bola, colégio nem pensar. Trabalho e bola a noite. Hoje em dia é que dei um tempo.

E essa época que você viajou foi quando?

Eu viajava assim, sempre ficava assim um mês, 2 meses, mas sempre avisava no colégio tudinho, aí os professores dava um desconto pra mim, era jogador, né?(com orgulho) diferenciado aí chegava, dava trabalho pra mim, essas coisas, sempre, mais tempo foi dois meses, o resto era 15 dias.

Em que ano?

Se não me engano foi em... 97? 98? 97!

Aí você ficou quanto tempo viajando?

Não, viajando, voltava ao colégio, passava, aí outro ano eu ia viajava ia para São Paulo ficava 2 semanas foi 97,98,99 que eu viajei. Três anos.

Você parou em 2001, voltou em 2002, Porque você voltou? Essa volta foi influenciada por alguém?

Foi, essa volta foi mais influenciado mais pela minha mãe, quase que 80% influenciada pela minha mãe, porque ela falou qui gente sem estudo hoje em dia não era nada. Porque tira por ela, porque ela tirou a 4ª série, né? Aí esse ano ela disse “Oh! Você tem que estuda! Correr atrás do seu objetivo, né? Traçar e correr atrás.” Acho que hoje em dia eu também sei o que eu quero, tudo traçado.

Você voltou só por causa dela?

Não, eu voltei também pela minha pessoa, porque eu quero ser alguém na vida, né? Mais por isso... porque perto de casa eu tiro assim, eu tiro pelos meus colegas que cresceu comigo, amigo que cresceu comigo, hoje em dia ninguém tem perspectiva de vida, nada. Você pergunta: “o que você vai ser?” Não sabe o que quer ser! Hoje em dia, tem, maioria tem passagem pela polícia, nome sujo... Vai prestar concurso público, da Polícia, não passa. Meu sonho, meu sonho é virar um policial. Pode ser civil ou então militar, mas meu sonho é ser policial.

Você faz que ano?

Eu faço no 3º ano, 3º ano EJA, né?

E por que você decidiu estudar na EJA?

Na EJA, porque eu achei que tava atrasado, muito atrasado, no ano passado eu fiz EJA no Fenellon Müller, aí eu vim pra cá, porque meus amigos veio pra cá, aí fiz o 2º ano passei, terceiro.

E nesse período em que você não estava matriculado na escola, você participou de algum grupo de jovem?

Eu faço parte da filosofia de vida da Seicho no Iê também, né? Conheço a Seicho no Iê a 5 anos, 6 anos, eu era, eu fazia parte do grupo de jovens do CPAII, só que o grupo de jovens de lá acabou e eu Faço parte agora do grupo de jovens do centro, perto do Médice. Eu freqüento lá, também porque lá é filosofia de vida, não tem nada a vê com religião. Ensina você a viver bem consigo mesmo.

Porque você teve interesse em participar tanto da Seicho no Iê, como do grupo de jovens?

Porque a Seicho no Iê foi influenciada pela amiga da minha mãe, que faz parte 8, 9 anos. Minha mãe é católica, todo mundo é católico, só qui não é aquele católico que vai todo dia na igreja, vai as vezes assim... Aí ela disse: Vai! Conhecer essa filosofia de vida agradecer, ai eu peguei e me interessei e lá dentro tem o grupo de jovens aos domingos, sábado à tarde.

Ah! O grupo de jovens é da Seicho no Iê?

É mas acabou, agora só no centro.

E lá vocês promovem alguma atividade?

Sempre tem atividades.

O que vocês fazem?

Nas 4ª feira noite, reunião de jovens, fazemos palestras, falamos sobre... que tivemos alguma , tipo... Novidades do dia a dia, né? Você vai lá na frente, fala tudinho, diz se aconteceu alguma coisa na sua vida, tudo interligado.

Pra que eles fazem?

Eles fazem mais que é pra... Como se diz assim... interagir entre os jovens em si, né? Saber o dia a dia de cada um, o que você faz, o que deixa de fazer, entendeu? Pra vê a vida que você leva, se você agradece a todos, assim seu pai, sua mãe, primeiramente a Deus, seu pai, sua mãe, porque senão Deus não é concedido o que você pede, né? Sempre isso. Só que às vezes você, como se diz? Se dedicá mais a Deus no dia a dia. Porque não tem jeito. Agradece, nós ora..

Além do grupo de jovem, você já participou de algum movimento de jovem, tais como rap, skatista, capoeirista?

Mais assim em termos de tribo eu nunca fui de frequentá nenhuma, como skate ou dança ou hip- hop. Nunca fui muito fã, não. Meu negócio mesmo é só a bola, só acabou.

Mas você participou desse grupo do futebol, como era a tua participação lá? Era Clube?

Era um clube, era clube! Era muito legal, eu jogava no Internacional do CPA II, sempre tinha aquele treino, né? Todo dia de segunda a segunda de manhã e nos sábados tinha jogos assim à tarde, domingo de manhã também. Sempre quem jogava os jogos tinha o almoço pra gente, churrasco, entendeu? Mas sempre assim tudo regrado, guaraná, tudo. Era muito legal, tinha bons amigos, né? Tem uns que até tão fora, tiveram oportunidade.

Esse clube era no CPA, era profissional? Eles pegavam jogadores ou começavam pelas crianças? Com que intenção?

Era no CPAII, começou assim como uma brincadeira.

Com que intenção?

Era revelar novos talentos, mas aí, começou assim como brincadeira, né? Cada um montava o seu time assim, mostrava a habilidade, dava uma peneirada, aí eu fui e passei no teste, fiquei uns quatro, cinco anos.

Quem organizava?

Se não me engano era o Paulo.

Era Professor?

É, Professor Paulo.

Estava ligado a alguma secretaria?

Não ele era morador, mas ele era da Secretaria de Fazenda. Trabalhava no Ibam... Ibama.

E, além disso, você participou de outras manifestações como comício, passeata ou outra manifestação política, greve, ou alguma coisa assim?

Não, até hoje na vida não, até hoje na vida o que eu participei foi comício da minha tia, minha tia porque foi vereadora em Cuiabá. Esse ano, só.

Mas essa participação foi influenciada por alguém?

Minha família mesmo, minha família se dedicou.

Você já participou de algum sindicato?

Não, não, na verdade, na verdade nunca participei de nenhum sindicato na vida.

E de associação de moradores, grupo estudantil, movimento negro, grêmios?

Não.

Aqui no colégio tem grêmios?

Aqui no colégio não. Eu já participei se não me engano foi, de uma manifestação só, no meu bairro, né? De uma creche que tava sendo desativada e tava tendo um albergue e o governo ia fechar a creche, pra criar o albergue só que teve, rolou uma bagunça, entendeu? Só que agora, agora se não me engano vai voltar a creche.

Você é filiado ou se simpatiza por algum partido?

Filiado, filiado em si que eu me lembre não.

E tem simpatia por algum partido?

Não, bem dizer, eu gosto de todos. Prá mim não tem PT, PSDB, PMDB, não, comigo política pra mim no dia a dia é muito pouco, bem dizer apesar que é bom pro jovem saber um pouco de política, mas pra mim é quase muito pouco.

Você se considera negro?

Considero.

A partir de quando você começou a perceber a sua condição de negro? Ter essa percepção?

A minha percepção de negro, que eu comecei a perceber mesmo que eu era negro, foi até por um preconceito, né? Se não me engano. Qui eu tinha, era muito novo, tinha o que? Uns 13, 12 anos, não! Minto! 14, 15 anos, eu acho que eu tava no centro, né? No calçadão, aí tava eu e meu irmão, mais moreno que eu, é mais negro que eu, aí eu tava passando, né? Aí se eu não

me engano, duas pessoas branca, aí se não me engano, escondeu a bolsa, né? Ele viu a gente, esperou a gente passar e atravessou a rua, porque eu tava andando na calçada assim, aí deu pra perceber que foi por causa disso, né? E desse dia em diante, eu comecei a perceber que eu era negro, não sei se é pela cor ou se é pelo jeito de se vestir, mas, desse dia em diante eu me considero negro, ouço no dia a dia, muita, não sei se é por maldade ou por brincadeira, piada com negro... falando da raça... é porque preto pra mim não é raça, não é cor, preto é uma cor, negro é uma raça. Ah! Preto não sei o que, preto tem até, hoje em dia, até preto tem seu dia, branco não tem. Essas coisinhas básicas, né? Mas quando eu sei que é brincadeira, eu relevo, eu escuto tudinho, mas em termos assim, nunca fui vítima de borracha, porque comigo se não me ofende, nem cheira, nem fede.

E seus pais são negros?

A minha mãe é negra, meu pai é cor parda.

E eles se consideram negros?

Ah, minha mãe se considera, meu pai se não me engano não.

O que é pardo?

Da tua cor, cabelo durinho.

E o cabelo?

Cabelo encaracolado.

E eles te consideram negro?

Consideram.

Os dois?

Os três.

Os três?

É porque a menina é branquinha, porque tem mais dois guri que é bem moreno, e a menina que é branquinha.

Como era tua relação com as crianças na escola e com seus amigos em relação à cor?

Da cor?

É!

Quando eu era mais jovem, assim, não tinha se não me engano, não tinha nada de diferente, a gente brincava, conversava, fazia trabalho em sala, nada de diferente, mas depois a gente foi pegando uma certa idade, 18, 19 anos, você vai vendo a diferença, que o pessoal não sei se é discriminação ou como posso dizer... mais tem a diferença, né? Assim, mais pela cor, né? Mas sempre levando na esportiva, né? Porque eu não posso ter vergonha da minha raça!

Além da situação da moça no centro, da moça que escondeu a bolsa, você já teve alguma situação que se sentiu discriminado pelo fato de ser negro?

Não, que eu me lembre, que eu me lembre, nunca tive mais preconceito pra alguém me ofender, num banco, no hospital assim, numa loja.

E na escola?

Na escola também, que eu me lembre não.

Tinha apelidos relacionados à cor?

Cor? Não. Tenho apelido só no serviço, que chamam eu de negão. Isso pra mim até eu gosto.

E brincadeiras?

Brincadeiras assim que você diz, é piadinha?

Que eu me lembre não. Nada de piadinha comigo.

Na escola você nunca se sentiu discriminado, então quer dizer que isso não foi motivo pra você ter parado de estudar?

Na escola, isso não influenciou, na verdade não, foi da minha pessoa mesmo, comecei a trabalhar, quis parar um tempo, pra mim não falta serviço, mas eu vi qui aquilo não era certo, dava pra mim conciliar os dois, aí eu voltei.

Você trabalha?

Trabalho.

E no ambiente de trabalho, você já se sentiu discriminado? Seja por colegas, por patrão ou até na hora de procurar o emprego?

Que eu me lembre, não. Porque a maioria dos empregos que tive foi através de amigos, mas todo assim, sempre tive sorte de sê chamado pra ganhar num serviço. Arruma um trabalho, não tô dizendo assim qui a maioria das pessoas brancas eu não dou espaço pra eles assim, eu tive a sorte de ser chamado. Nunca tive discriminação pela cor, pela raça.

E em outros ambientes?

Não, que eu me lembre não.

Igreja?

Não.

Boate?

Não, que eu me lembre, não.

Polícia?

Ah, pela polícia já. Já aconteceu um fato que até deixa sem graça, que no meio de bastante pessoas assim, né? Revistaram só eu e um colega meu que era negro, numa sorveteria até,

chamaram só a gente, encostavam a gente na parede, mas isso aí pra mim, falou que era de rotina tudo, normal do dia a dia, fazê o que (rs)?

Perante essa situação você percebeu que era pela questão da cor?

Da cor mesmo!

Qual foi sua atitude?

A minha atitude foi a mais serena. Fiquei quieto, tá fazendo a sua, tá fazendo sua ronda, tudinho, não discuti, nada de dialogar, dá conversa, não. Fala só o que me pergunta.

Você conhece algum grupo que trabalha com a questão racial?

Algum grupo? Eu não, não conheço na verdade.

Já participou de alguma atividade relacionada à questão do negro?

A do negro não, não tive oportunidade ainda.

Quais os estilos musicais que você gosta?

Pagode primeiro, rap, mas rap americano, rap gringo.

É diferente?

É diferente! É inglês, mas o mesmo ritmo. E eu gosto de muita música assim MPB mesmo, né? Caetano Veloso, Gilberto Gil, Djavan, Jovem Guarda também, Fernando Mendes, Folhas é muitos grupos que tem, a gente gosta de ouvir, né? Minha adolescência foi crescida aí pagode, rap né, americano e MPB, porque uns amigos meu... Tem um amigo meu que lá do CPAII que eles são todos negros, né? Todos! Mulheres e crianças, e lá eles curtem só música clássica, bastante MPB, entendeu? E eu comecei a admirar, né. Gostar, né?

E na tua casa, que tipo de música vocês ouvem?

Lá em casa é isso aí, minha mãe gosta de sertaneja, meu pai gosta mais de romântica antiga, anos 70/80, esses cantores antigos. E meu irmão é que gosta de rap, black, isso aí ele adora.

Você tem religião?

Tenho, sou católico.

Você já foi praticante ou conhece alguma religião africana como candomblé, umbanda?

Eu já fui até em cultos de candomblé, que fala, né? Mesa branca.

E o que você pensa sobre essas religiões?

Eu já fui em culto de candomblé, com minha mãe. Minha mãe freqüentava, mas agora parou, mas assim eu até admirava assim, né? Qui dizia uma coisas assim ligadas a minha família, umas era verdade, mas prá mim não tinha diferença não, só não sei se é verdade ou mentira, não enxergava, né?

Você acha que existe preconceito por parte das pessoas em relação a essas religiões?

A essas religiões? Eu acho, no meu pensar tem.

As danças de descendência africana, existe muito, eu já vi muito esses comentários.

Que tipo de comentários?

Que tá ligada ao mal.

Na tua opinião pra que serve estudar?

Na minha opinião, no meu pensar, estudar é tudo na vida. Na minha opinião serve pra fazer a gente se formar no dia a dia, né, como se diz? Pratica a educação no dia a dia, porque a pessoa sem estudo hoje em dia é quase nada, não tem expectativa de vida, não tem um planejamento, você sem educação não é nada.

Você pensa em seguir alguma carreira?

A carreira que eu penso, penso que eu queria ser Policial Civil, né? Eu queria ser um doutor, delegado, mas o que planejando, planejando, se eu vira um Policial PM, eu posso seguir carreira, também, vira até um coronel, né? Mas hoje em dia eu tenho convicto que é isso que eu quero ser, um policial.

Entrar na policia e fazer carreira?

Crescer lá dentro.

Vou fazer um cursinho de 1, 2 meses e prepará pra fazer concurso para Policial PM.

E universidade?

A universidade... Vou pensar só depois que eu fizer esse curso, dependendo, dependendo... vê se esse concurso for no meio do ano, aí meu pai vai ajudar a pagar faculdade, trabalhando minha mãe vai ajudar a pagar.

Você pensa em prestar pra que curso?

Eu tô querendo prestá pra administração

E esse curso vai te ajudar na carreira de policial?

Na verdade pra mim administração não vai me ajuda em muita coisa, mas, só se eu for fazer administração e trabalhar lá dentro da PM, nos cargos mais internos, é até melhor pra mim do que ficar na rua, policial de rua.

E quando você não está na escola ou trabalhando, você está fazendo o que para se divertir, para ocupar o teu tempo?

Pra me diverti na verdade, eu, ao sábado a tarde eu vou jogar bola no campinho, e a noite eu fico, vou a igreja, vou a sorveteria, tomo um lanche e só isso, volto pra casa durmo 11, meia noite, nada de noite, badalação pra mim, meu negócio é em casa, assisti um filme com a

família, eu pego um DVD, entendeu? Porque eu trabalho de 2ª a 6ª né? E 6ª feira, vou na feira, dou uma volta lá.

Então você tem grupo de amigos. O que vocês fazem juntos?

Tenho grupos de amigos, o que a gente faz é jogar conversa fora, tomá guaraná, chupar sorvete, só e ficar na lanchonete.

Você tem interesse em participar de grupos?

Oh, oportunidade pra mim se aparecer algum dia, eu até freqüentaria, entendeu. Apesar de eu não ter muito tempo de dia de semana, aí eu tento entrar só sábado, domingo, eu vou falá pru cê, eu até penso, mas não tem, igual você falou: grupo de jovens, de negro, eu queria entra, mas não tenho, até aqui no CPA não tive oportunidade pra participar, né?

E participar de sindicato, associação?

Tenho vontade de fazer parte de uma associação.

E de Partido Político?

Partido Político também, mas desde que não tomaria muito meu tempo. Até esse ano não pensaria, não, mas partir do ano que vem eu pensaria. Porque esse ano não tenho tempo pra mais nada.

Você acredita que os jovens negros têm as mesmas oportunidades que os brancos na sociedade?

No meu pensar, até hoje, nesse dia eu considero que não, porque tem várias diferenças em termos da cor mesmo, da raça, a desigualdade tá muito! Que eu já vi discriminação de gente negra ir procurar emprego, a pessoa negra tem estudo, tem curso tudinho e a pessoa branca não tem nada, não tem o curso que ele tem, é levado a pegar aquela pessoa. Eu já vi, já ouvi e não dá oportunidade pra quela pessoa e leva até a pessoa a fazer coisa errada. E vê que a vida não é essa.

Na criminalidade existem mais pessoas negras?

Na criminalidade existe, com certeza.

Porque você acha isso?

Por causa da opção mesmo do dia a dia. Dizendo assim, você vai procurá um emprego, aí tem discriminação do negro tudinho, aí se vem um branco, eles já aceitam diz que não tem vaga, mas aceitam. Por isso que hoje em dia a maioria dos jovens que eu vejo da entrevista na tv e estão nos jornais assim, a maioria é negro, da cor negra, raça negra, difícil ver uma pessoa branca lá, bandido, assassino, é traficante ladrão, difícil vê, mas cê vê, 80% são negros, 20% são brancos.

Entrevista 02: Cleber Moreno Neves Brekends**Roteiro de Entrevista****Qual é o teu nome?***Cleber Moreno Neves Brekends.***Qual é a origem do teu sobrenome?***Alemão.***Mas quem é alemão na tua família?***Por parte de avó.***Dia, mês e ano do teu nascimento?***08 de julho de 79.***Estado Civil?***Casado.***Nome do Pai?***Diógenes Nunes Brekends.***Local de nascimento?***Cuiabá.***Nome da Mãe?***Antonia Brekends.***Local de nascimento?***Cuiabá.***Você também nasceu em Cuiabá?***É.***E sempre morou aqui?***Sempre.***Morou em outra cidade?***Não.***Você trabalha?***Trabalho.***Você faz o que?***Sou... trabalho em vidraçaria.*

Sempre trabalhou nisso?

Não.

Quais outras experiências de trabalho?

Trabalhei em... era de telefonia também, almoxarifado, ajudante de obra.

Desde que idade você começou a trabalhar?

Por mim, eu comecei a trabalhar desde os 10 anos de idade, não assim em trabalho pesado, mas coisa pra minha mãe, vendia alguma coisa pra ela.

Você tem irmãos?

Tenho.

Quantos irmãos, o que eles fazem?

Tenho dois irmãos. Só estudante, só.

Você é o mais velho?

Sou mais velho.

Você é casado, tem filhos?

Tenho, prá nascer em fevereiro.

E a sua relação com a sua família?

Ótima, tudo bem graças a Deus!

Você começou a estudar aqui em Cuiabá?

Sim.

Em escola pública ou particular?

Pública.

Em que escola?

Ranupho Paes de Barros

Lembra em que ano começou a estudar?

Não.

Mas e a idade?

6 anos.

Passou pelo jardim, pré ou começou na 1ª série?

Foi 1ª série.

Gostava de ir prá escola?

A princípio não, né? Mas depois foi acostumando.

Porque não gostava de ir pra escola, Cleber?

Fui criado assim, um pouco assim, naquela... Meus pais um pouco são fechados, não tinha liberdade, entre aspas, né? Aí, ficava mais em casa, não costumava sair, aí ir pra escola ficou um pouco...

Bom, você não gostava de ir pra escola, mas você gostava de estudar?

Hoje eu me arrependo de não... não ter terminado antes, ter formado em uma profissão bem melhor. Pegar um estudo maior também, Ter pensado no passado que não precisava estudar.

Não?

Não.

Hoje você diz que se arrepende de não ter estudado. O que te fez parar? Você reprovava?

Eu no meu tempo de escola até a 8ª serie, eu não me empenhava muito, empenhava entre aspas, mas também comecei a trabalhar também, né? Com a desculpa que tinha que trabalhar, pra adquirir independência.

Aí eu não ia na escola, faltava, comecei a viajar também, né? A trabalho também, né? Aí prejudicou muito, né?

Por isso que eu falo, que hoje eu me arrependo de não ter empenhado antes. Os meus amigos do meu colégio do meu tempo lá, hoje estão na universidade, ou arrumaram emprego e eu tô lutando pra conseguir um objetivo.

O fato de você ter começado a trabalhar com 10 anos prejudicou?

Não, eu falo assim questão de, por exemplo, vender refresco, vende picolé pra ajudá em casa, mas isso não atrapalhava, mas eu deixava aquilo tipo me envolver, entendeu? Tipo uma desculpa pra não poder estudar.

O fato de começar a trabalhar era uma necessidade de ajudar seus pais ou era uma coisa tua pra ter seu dinheirinho?

Até certo ponto ajudava, né? Mas não precisava muito não, era minha parte mesmo.

Você reprovou alguma série?

Reprovei a 1ª... 1ª e 5ª, se não me engano.

Só?

Só!

E quando foi que parou de estudar?

Foi em... foi em 2000, 99... 99.

Aí ficou quanto tempo sem estudar?

Não, não foi antes. Fui pro quartel, acho que no quartel em 96, aí não estudei no período militar, aí voltei estudar, só que não conclui, né? Mais um ano, outro ano voltei de novo, só que arranjei um emprego pra mim viajar pra fora, não tinha como estudar, né? Aí parei. Aí agora, ano passado que eu voltei a firmá no estudo mesmo.

Antes de ir para o exército você já tinha parado?

Tinha.

Em que série?

Na 8ª.

Não concluiu?

Não, voltava pra concluir a 8ª, mas não concluía.

E quando foi que você voltou e concluiu?

Conclui no ano passado, até agora 3º ano.

E porque você resolveu voltar os seus estudos na Educação de Jovens e Adultos?

Ah! Hoje em dia estudo é tudo, né? Educação como é que fala? Se você não estudar, você tá enrolado, porque serviço braçal tem, só que no meu caso eu já fiz muito serviço, não tô mais querendo trabalhar de serviço braçal, quero coisa melhor, mais light, mais sossegado, né? Que não faz muita força e também as coisas tão mais avançados também e é preciso evoluir. Acompanhando o estudo você padece.

Mas porque na EJA?

Pra concluir rápido.

Essa tua volta foi influenciada por alguém?

Por mim e pela minha esposa também me dando força.

Voltando, você tinha alguma dificuldade em português, matemática?

Lembro assim, que meus pais acordava cedo pra trabalhar, né? Sempre acordou cedo, acordou, acordava já pra ensiná tabuada, acho que tinha dificuldade sim.

Você lembra se existia por parte dos professores preocupação com as dificuldades dos alunos?

Existia sim.

E eles davam atenção para todos os alunos ou só para determinados alunos?

Naquele tempo assim, sei lá, os alunos que mais se destacava, né, então a professora ficava mais nele, né? E nós que era mais assim largado não ficava, dava atenção, mas não desempenhava muito não. Desempenhava mandando bilhete pro pai.

E você? Como costumava ser tratado pelos professores?

Normal. Não tenho o que reclamar não.

E pelos colegas?

Coisa de infância, briga de criança, normal também.

Quando você estudava, percebia alguma diferença no tratamento, pelo fato de ser negro em relação às outras crianças?

Nunca, nunca... tchu, tchu...não

Nesse período em que não estava estudando, você participou de algum grupo?

Tinha grupo de colegas, né? Eu sou evangélico, faço parte do grupo de jovens, né?

Você é evangélico de que igreja?

Assembléia de Deus.

Desde quando você é evangélico?

Já vem desde família.

Participa de grupo de jovens?

Participo.

Quais atividades que vocês fazem?

Participo, louvor.

Partido político você já participou?

Não, não, nunca me envolvi com isso.

E grêmios estudantis?

Não vejo necessidade de me envolver com isso.

E de alguma associação?

Não me interessa muito não. Não acho, não acho interessante pra mim não.

Por que?

Acho que não seria assim, não é a questão de ser negro, é mais questão de mim, eu me adaptar a isso.

Tem simpatia por algum partido?

Agora assim, agora esse ano aqui nas eleições tava assim uma que tava me interessando, interessando assim entre aspas, não querer me filiar, era o PFL, né?

Por que demonstrou esse interesse?

Pela proposta deles, pela luta.

O que te chamou atenção na proposta do PFL?

Sei lá a questão do emprego, educação também chamou mais atenção. Foi isso.

O que define a sua escolha, em quem vai votar?

Propostas.

Você se considera negro?

(...) Sei lá! Pela cor em si, sim, mas no interior não!

Por que?

Uma coisa que me indaga, por exemplo: é uma coisa é tem que ter tanto por cento de vaga pá negro e prá branco, entendeu? Eu acho que as pessoas que promovem isso, eu acho que o racismo tá neles, porque enquanto eles estão falando isso, vai ter racismo, entendeu? Fica procurando, cutucando onça com vara curta, entendeu? Fica procurando alguma coisa, fica lembrando isso! Prá mim eu acho errado isso, entendeu? Questão de negro... branco, não tem isso não!

Você diz: “(...) fica cutucando isso (...)”, por que? Isso dói? Falar de racismo dói?

Prá alguns dói.

No teu caso, dói?

Prá mim não!

Mas por que você se sente branco por dentro?

Não é branco! Eu acho tipo assim, por exemplo: duas crianças, uma sadia e uma doente, não vai ficar cutucando a criança doente pra fica, mostrar que ela tá doente, tá entendendo? Eu acho errado isso. Promover por exemplo, ô esse do Quilombo dos Palmares, esse cara aí, o Zumbi ,com feriado, eu acho, eu acho que não é certo isso entendeu? E os brancos também têm, tem que criar feriado pra eles também, porque se promove pro negro, e pro branco?

Você acha que existe racismo no Brasil?

Existe!

E o fato das pessoas falarem sobre isso, você acha que não contribui para diminuir, ou fazer com que as pessoas percebam que existe racismo?

Até certo ponto falar resolve, mas falar prejudica também, entendeu? Questão de falá. Tem pessoas que num... até atrapalham o trabalho da gente, tempo da escravidão ainda, os brancos no poder, entendeu? Vê os negros como uns escravos ainda e tem muitos negros também que se vêem como uns escravos também , não sabe se libertá também, acho isso errado, também questão de tá falando, por exemplo como eu falei pra senhora agora no meu caso, as vezes fala igual fala, as vezes tô com minha mulher assistindo lá alguma coisa, com o meu cunhado tá lá falando do negro: é isso... isso, isso do branco... isso eu acho errado isso. Enquanto fazer isso vai ter muito mais racismo ainda, porque eles fala: negro tem que

ter, por exemplo, liberdade e tudo mais, branco tem que ter também, enquanto eles ficam falando muito mais, vai ter muito mais ainda.

Você acha que existe igualdade para brancos e negros na nossa sociedade?

Não, não existe não. Tanto na área financeira, educação, saúde, moradia, não existi não!

Você já foi discriminado?

Pelo o que eu me lembre, na recordação não.

Em nenhum ambiente? Igreja?

Não, não, quer dizer tem aquelas piadinhas, você entendeu? Aquelas piadinhas: “aí urubu!”, sei que a nego, mas a última coisa comigo, é que não consigo ser, a não ser que a pessoa assim me agrida, normalmente assim cara a cara.

Mas já foi alvo de brincadeira?

Já, mas pra mim não foi levada a sério não.

Como você reagiu?

Brincando com eles também.

Já foi discriminado em lojas?

Não.

E pela Polícia?

Não.

Já participou de algum grupo com atividades tipo capoeira?

Não.

Que estilo de música você gosta?

Góspio.

Tem religião?

Tenho. Evangélico. Assembléia de Deus.

O que pensa sobre as religiões africanas, tais como Candomblé, Umbanda?

Eu penso que... Cada um sabe da sua vida, né?

Mas você é evangélico e deve ter alguma opinião a respeito?

Eu penso que eles vivem num mundo de mentira, num mundo de engano. Eles, hoje em dia, as coisas que eles tão passando. Um exemplo, um exemplo claro. No lado religioso agora. O Brasil e a África. Se a senhora visse na África, certo país lá, município lá, estado lá, por exemplo, tem doença que tá matando, é guerra, é muitas coisas assim que, fome. Agora no Brasil, por exemplo, aqui. O Brasil não tem guerra, tem guerra civil, isso é normal, fome, não tá aquela fome assim, mas tem fome, não com na África, entendeu? Acho que as pessoas, eles crêem em um Deus, por exemplo, um Deus de madeira, um Deus que eu posso fazer, adora

esse Deus, entendeu? Tem que adorar um Deus só, no caso, faço um Deus de madeira aqui, adoro esse Deus e aí, como é que fica? Entendeu? Aqui no Brasil, se nós evangélicos buscamos o lado do Senhor, ou seja, a gente guarda ainda ele, guarda do mal, da fome, da miséria, da guerra. Na África, mais do que nunca, mais é Candomblé, mais esse negócio de budismo, essas coisas mais aí, entendeu? Deus não gosta disso! Terremoto aqui no Brasil, acho que teve dois só, não sei. Agora aí pra fora, vive tendo terremoto, porque? Não tá com Deus, tem mais de um Deus lá e aqui tem um só, não precisa se preocupar com isso, entendeu? Cê tá andando na rua, tem terremoto, cai prédio e aí? No meu ponto de vista religioso, eu penso isso. Eles tão assim, se tampando a si mesmo, porque tem pessoas que pregam o evangelho, tem pessoas que falam de Deus, tem pessoas que pregam o mundo de Deus, só que eles não querem isso. Por exemplo, que meu pai é católico, eu vou ser também, entendeu? Ninguém é obrigado, agora vai da pessoa aceitar também. Eu penso isso do modo religioso, do lado evangélico.

Na tua opinião, pra que serve estudar?

Uma vida melhor.

Você pensa em seguir alguma carreira?

Penso. Administração. Eu sou mais de planos, fazer planos, lidar mais com pessoas.

O que faz para se divertir?

Lavo carro, gosto de ler.

Tem grupos de amigos?

Tenho sim, mas tô um pouco afastado porque nos casamos, casando você afasta um pouco.

Tem muito tempo de casado?

4 anos de casado.

Daqueles grupos que nós falamos, tem interesse em participar de algum?

Futuramente, sim.

Qual?

Lado político.

Por que?

Meu pai tem um lado político dele também, entendeu? Além, acho que puxei ele também, entendeu? Mais prá luta pelo direito da pessoa.

Teu pai pertence a algum partido?

PT. É.

Então você pensa em se filiar?

É.

Você acha que jovens negros e jovens brancos tem as mesmas oportunidades?

Não.

E aonde você percebe essa diferença?

No trabalho, né?

Em que situação você acha que existe essa diferença?

Por exemplo. Tem uma prima da minha mulher, da minha esposa. Ela trabalha numa loja, né? E a dona da loja abriu outra loja, aí inscreveu as pessoas, só pessoas claras, né, e ela dispensou essa prima dela pra ficar com outro pessoal, branco, ou seja, acho que o trabalho é só um.

A prima é negra?

Isso, dispensou ela pra contratar pessoas brancas.

Então você acha que essas desigualdades ficam mais marcadas na questão do trabalho?

Fica.

Cleber, além do que nós conversamos tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Eu acho que como eu falei pra senhora, o que eu acho errado no meu ponto de vista hoje em dia, é questão de ficar batendo na tecla que sobre o racismo. Eu acho errado, porque foi sempre claro que existe hoje em dia universidade para negros e brancos, o que estão fazendo aí, acho isso errado! Porque tem muitas pessoas brancas que também se sente negros na questão da discriminação, porque não tem uma boa renda, entendeu? Só porque é branco não vai poder cursar, eu acho errado isso! E quanto mais falar de discriminação, vai ter mais racismo ainda, quanto mais combate, muito mais vai ter ainda.

Mas por outro lado, você acha que se não falar as coisas vão se resolver?

Certa parte sim... Certa parte sim...

Entrevista 03:Rosimar Lemos de Souza**Roteiro de Entrevista****Qual é o seu nome?**

Rosimar Lemes de Souza.

Local de Nascimento?

Cáceres – MT.

Data de Nascimento?

14/07/1979.

Estado Civil?

Casada.

Nome do Pai?

Geraldo.

Onde ele nasceu?

Jales, São Paulo.

E o nome da tua mãe?

Ana Maria Lemes de Souza.

Onde ela nasceu?

Cuiabá – MT.

Nome da escola que estuda?

Escola Estadual Djalma Ferreira de Souza.

Qual ano está fazendo?

2º e 3º ano.

Sempre morou em Cuiabá?

Não, fazem 2 anos.

Então com que idade chegou aqui e porque veio pra cá?

Cheguei com 23 anos e vim para Cuiabá a procura de emprego, porque já era mãe, com mais responsabilidade, três filhos. Em Cáceres arranja emprego, mas paga-se pouco, não é fácil de achar emprego prá assinar carteira, são poucas pessoas que assinam carteira, aí surgiu a

oportunidade de vir pra Cuiabá, aí eu e a família de meu esposo viemos e estamos aqui há dois anos.

E porque resolveu ficar?

Porque minha carteira tá assinada e até o momento tô me sentindo bem, dificuldades encontramos em todo lugar, apenas que em Cáceres era ambulante, vendia salgados num posto. Minha mãe já vendia e deixou o ponto prá mim, porque ela cansou. Passou o ponto prá mim, mas depois voltou, então vim prá cá, já consegui trabalho com carteira assinada, se eu sair do meu serviço, eu sei que vou ter meu seguro desemprego, não vou ficar ao relento, então estou bem aqui.

Qual era a profissão do teu pai?

Ele era cabeleireiro.

E a profissão da tua mãe?

Minha mãe é do lar, mas era costureira, hoje é salgadeira.

Quantos irmãos você tem?

Por parte de pai tenho seis irmãos, mas moram em São Paulo e não tive contato com eles. Por parte dele com minha mãe, eu tive três comigo quatro. Dois faleceram e a primeira, minha mãe não criou, porque não era filha do meu pai, só eu fui criada pelos meus pais.

Como é a relação com sua família?

Super boa, não nos desentendemos. A minha mãe é fechada, um amor seco, meio distante...

- **Escolarização**

Então começou estudar em Cáceres?

Sim, em Cáceres.

Em escola particular ou pública?

Pública.

Lembra o nome da escola?

Senador Mário Mota.

Gostava de ir pra escola, de estudar?

Gostava, era pequena, eu brincava, tinha amizade dos colegas, conversava coisa que eu não fazia em casa. Tinha mais tempo prá brincar e muitas vezes não queria ir embora. Era a primeira aluna da classe.

Fez jardim da infância, classe de alfabetização- C.A ou começou já na primeira série?

Fiz a primeira série. Entrei já sabendo escrever, porque meu pai sempre ensinava algumas coisas. Era sempre um ano adiantada, porque na oitava série já tava com treze anos (idade). Só que aí eu engravidei e tive que parar de estudar.

Tinha dificuldades em alguma matéria?

Nunca tive dificuldades em nenhuma matéria, talvez em português, acho mais complicado.

Reprovou alguma série?

Nunca reprovei e nem recuperação.

Além da Escola Senador Manoel Mota, estudou em outra escola?

Só estudei nessa escola da primeira a oitava série.

Como era o seu relacionamento com os professores e colegas?

Sempre fui tratada bem e pelos colegas também, apenas alguns atritos.

Que tipo de atrito?

Ah! Nas brincadeiras, coisa de criança (rs).

Bem, você parou na oitava série. Quanto tempo ficou sem estar matriculada em uma escola?

Fiquei sem estudar sete anos.

Mas por que parou de estudar?

Parei de estudar porque fiquei grávida, depois tive mais um e não dava prá estudar. Faltou oportunidade de mim mesmo, porque depois eu tive três filhos e voltei.

E o que fez nesse período?

Nesse tempo sem estudar, cuidava das crianças dos outros, trabalhava em casa, fazia algum serviço, não estudava.

E quando resolveu voltar a estudar?

Em 2003.

Fazendo que série?

Entre na oitava série, fiz seis meses da oitava, um ano de primeiro ano, alguns meses do segundo e hoje tô terminando o terceiro.

Essa volta foi influenciada por alguém?

Era pro meu marido estudar, porque eu achava condições de estudar por causa das crianças, achava complicado criança pequena. Aí conversei com Marlene, a supervisora e eu aí me matriculei. Voltei a estudar e ele parou e eu continuei. Ele me estimulava porque vínhamos juntos, eu trazia as crianças e deu tudo certo, não estrovou em nada. Hoje a pequenininha tá com dois anos, vem no colégio às vezes.

O que te fez voltar a estudar?

Num mundo que estamos hoje, tudo está difícil, prá quem estuda e pra quem não estuda. Prá quem estuda ainda é uma pequena janela que se abre, é um pouco de entendimento, de sabedoria, porque se você não tem um pouco disso, você não trabalha. As pessoas querem

experiência, se já trabalhou, se eu falo não, as coisas se fecham. A escolaridade ajuda. Eles perguntam em que série que você parou, que curso que você já fez, se fala línguas, quanto mais qualificação você tem, melhor emprego vai arranjar, aí as janelas vão se abrir mais fácil. Agora, já sem estudo, sem você ter uma noção de informática que no nosso mundo é muito importante, as portas se fecham com certeza.

Por que resolveu voltar a estudar fazendo a Educação de Jovens e Adultos?

Melhor formação, tem mais tempo, vou correr contra o tempo, achar o tempo perdido, fazer cursos, aproveitar enquanto eu tô nova, por isso que eu procurei esse processo de ensino, porque acelera.

Você participou de movimentos, como por exemplo, grêmio, associação, grupo de jovens em Cáceres?

Na Igreja Universal, cuidava de crianças. Aprendi a entender e respeitar as crianças.

Por que teve interesse em participar da igreja?

Para ocupar o tempo, por que eu só trabalhava de manhã, a tarde não tinha nada prá fazer e de noite eu ficava lá.

Mas você não tinha outras opções para ocupar o seu tempo?

Na época até tinha, mas essa era a mais fácil.

Com que idade você participou da igreja?

Na Igreja Católica desde pequena. Era levada pela minha mãe. Na Universal, alguém me levou. Recebia visita, na época tava muito atribulada, recém saída de um acidente onde eu e meu filho corremos riscos, aí lá fui buscar um alívio e lá encontrei um pouco de paz.

E com que idade você teve essas participações?

Com 11 participava do grupo de jovens. Engravidei, parei, fiquei dois anos. Em Cáceres comecei com 18 anos, porque eu já tinha um filho.

E essa participação foi influenciada por alguém?

Por uma amiga da minha sogra. É mais fácil ir com alguém que você já conhece, você não fica tão envergonhada.

E quais as atividades que vocês desenvolviam?

Ia a passeios, ia prá chácara, ia pro clube, ia pro rio, tinha grupo de dança, tinha mutirão, fazia festa pra arrecadar fundos pra igreja. Acho que a católica é mais movimentada, tem mais coisas pra ver e fazer.

Participou de grupos de jovens?

Só na igreja católica.

E participou de outros movimentos?

De dança de rua por um ano. Freqüentei por um ano.

Que idade você tinha na época?

17 anos, meu filho ainda era pequeno.

Quais as atividades que vocês desenvolviam?

Tiramos muitos meninos de rua. Você vê meninos fumando entorpecentes, brigas, etc.

E o que você fazia no grupo?

Eu era só dançarina, ajudava na coreografia.

Você é ou foi filiada em algum sindicato?

Não.

É filiada ou tem simpatia por algum partido?

Simpatia por nenhum, porque eles prometem e nunca cumprem.

Mas tem vontade de se filiar?

Não.

Tem interesse em participar de outros movimentos como, por exemplo, movimento negro?

Interesse em participar eu tenho, porque eu gosto, mas não conheço muito Cuiabá, meu caminho é só da casa pro colégio.

E de alguma, como por exemplo, associação de bairro?

É bom participar, a gente sempre aprende alguma coisa. Se tiver oportunidade de participar eu participo.

Você se considera negra?

Branca eu não sou, me considero negra. Meus parentes são todos morenos, eu sou a mais clara, mas me considero negra.

Essa percepção foi marcada por algum acontecimento seja na escola, na rua, na família?

Não! Sempre era a mais morena do grupo, não sei explicar. O cabelo bem bombril.

Como era sua relação com as outras crianças?

Normal.

Passou por alguma situação de discriminação?

No clube, todos eram brancos e só nós morenos. Eles ficavam nos olhando, perguntando se a gente era índio.

E na escola?

Não, mas já vi caso de outras pessoas serem chamadas de preto, acham que os pretos são mais abusados, nojentos. Tive já rodeada de gente preconceituosa, mas comigo nunca aconteceu. Não sei porque esse preconceito de cor, de raça!

E no trabalho?

Uma vez, procurando emprego, a senhora preferiu a branca, não sei se tinha mais escolaridade ou se era porque era loira, de olhos azuis e corpo de modelo.

E hoje você trabalha em que lugar?

Sou balconista da cantina do CEFET.

Que tipo de música você gosta de ouvir?

Quase todas, menos pancadão.

E qual tua religião?

Só freqüento a Assembléia de Deus.

Conhece alguma religião afro, tais como, candomblé, umbanda?

Não, nunca freqüentei. Sempre fizemos teatro com esse tema, as danças...

E o que você pensa a respeito dessas religiões?

Acho normal, todo mundo tem sua doutrina, mas acho que tem que ter normas, tem que ter respeito.

O que significa pra você estudar?

Estudar, crescer, aprender, saber mais. Se dar com as pessoas, se relacionar, a fazer contas, então você aprende muito com o estudo. Acho que o ser humano não seria nada sem o estudo. Como a gente iria aprender as coisas: Geografia, Física... Saber da onde vem pra onde vai.

Você pensa em continuar estudando?

Quero fazer Secretariado e Informática no CEFET. Hoje fala Gestão, mas é quase o mesmo currículo. Quero crescer de uma forma ou de outra, evoluir e dar uma vida melhor pros meus filhos. Ser operadora de caixa de banco ou de mercado ou procurar refrigeração, por isso que eu vou fazer cursos, estudar bastante prá ver onde vou me encaixar. E se tivesse no colégio, alguma coisa que ajudasse os alunos a especificar esses cursos, era uma boa oportunidade, porque às vezes você termina, não sabe, não tem noção, porque você não conhece. Algumas pessoas já sabem: "Ah! Vou ser engenheiro, porque já tem alguém na família, ela já viu, sabe como é. Comigo é diferente. Meu pai é cabeleireiro e minha mãe costureira. Eu? Sou péssima pra cortar cabelo. Costurar muito menos, entendeu? Então, eu vou diversificar, procurar fazer outro curso. Gestão e Informática, mas preciso de informática.

E fazer universidade?

Na universidade penso em fazer Letras ou Contabilidade.

O que você faz para se divertir?

Trabalho de manhã, arrumo a casa a tarde, a noite vou estudar. Sábado trabalho em casa. Domingo, descanso com as crianças. Sair? Quase não saio. Não tenho tempo de sair, é tudo longe, preciso de passe pra visitar uma amiga que mora longe.

Tem amigos em Cuiabá?

Tinha mais em Cáceres. Aqui é mais turma de colégio, do trabalho e das pessoas que moram perto.

Finalizando, você acredita que jovens negros e negras tem as mesmas oportunidades na sociedade?

Não, as portas se fecham tanto na universidade, quanto no trabalho. Encontra dificuldades, não sei por quê. Existe preconceito, acho que deveria ter mais palestras, informações.

Entrevista 04:Silvane Pires Gonçalves**Roteiro de Entrevista****Qual o seu nome?***Silvane Pires Gonçalves.***Onde Nasceu?***Cuiabá- MT.***Data de Nascimento?***28/08/1979.***Estado Civil?***Solteira.***Nome dos Pais?***Patrícia Ney Pires Gonçalves.***Onde nasceu?***Poconé- MT.***Nome da Escola em que estuda?***Escola Estadual Djalma Ferreira de Souza.***Qual ano está fazendo?***1º ano.***Sempre morou em Cuiabá?***Não, minha mãe foi bem quando eu nasci, ela foi embora pra Cáceres, ficamos um tempo em Cáceres, aí, pelo serviço dela nós tivemos que voltá prá Cuiabá.***Em que ano vocês voltaram para Cuiabá?***Em 85.***Qual a profissão da sua mãe?***Minha mãe é funcionária pública.***Ela é o quê?***Ela trabalha na Secretaria de Educação. Agente administrativo.***Ainda trabalha?***Ainda trabalha.*

Você tem quantos irmãos e irmãs?

Tenho, do lado da minha mãe, eu tenho mais dois irmãos, mais velha e um mais novo.

Mais velha que você?

Mais velha que eu.

Ela trabalha?

Não, por enquanto ela tá desempregada.

E ele?

Não, ele só tem 10 anos, (rs) só estuda.

Como é a sua relação com a sua família?(Pais, irmãos, etc.)?

É ótima, acho que como qualquer família a gente tem um desentendimento de vez em quando, mais fora isso, ich! É a melhor coisa da minha vida.

Você tem filhos?

Tenho filhos, fui casada há 11 anos, me separei recentemente. Tenho 04 filhos, né? E também são a minha vida, meu caminho pra frente.

Qual a idade do mais velho?

A mais velha tem 10 anos, 7, 6 e 4 anos.

- **Escolarização**

Em que cidade começou a estudar?

Em Cáceres.

Com que idade você foi pra lá?

Ich! Eu tava recém nascida!

E lá, você estudava em escola pública ou particular?

Pública.

Lembra o nome da escola?

CEON

CEON é uma sigla?

Acho que sim, não lembro muito bem. (rs)

Lembra em que ano começou a estudar?

(Rs) Não me lembro,(rs).

Mas você tinha que idade, quando começou a estudar?

Acho que eu tinha 6, não menos. Porque quando eu vim pra cá eu tinha 5 anos, acho que foi menos sim.

Começou fazendo pré, jardim da infância ou 1ª série?

Acho que naquela época não existia Educação Infantil, comecei no jardim, pré.

Com quatro anos mais ou menos?

É, com quatro anos.

E você gostava de ir para escola, gostava de estudar?

No começo sim, acho que como toda criança, né? Ai depois eu fui me relaxando um pouco.

Teve alguma dificuldade em português (para ler, escrever)? Por que?

Não que eu me lembre. Não! Prá lê sempre tive, eu leio, mas não sou aquela fanática de você pegar um livro, sentá e você ler um texto, eu não tenho essa paciência, sabe? Não herdei da minha mãe isso, porque o resto dos meus irmãos sim, eu não, então eu sou a menos que leio. Mas sempre que eu posso, gosto muito de ler jornal, revista. Sempre eu tô lendo.

Mas lá na escola teve dificuldade de ler?

Não me lembro muito bem não.

E na matemática?(escrever os numerais, contar, somar)

Matemática eu tenho dificuldade, sempre tive dificuldade em matemática.

Por que?

Eu num... Como que fala? Eu sou um tipo de pessoa que gosto de resolver as coisas assim rápido, né? Se eu vejo que eu não dou conta, pergunto uma vez pro professor, duas vezes pro professor e não dou conta, eu paro por ali. Não sigo em frente. Eu num luto pra i pra frente, entendeu? Acho que esse é o meu problema.

E nas outras matérias, como Ciências, Educação Física, etc., houve dificuldades?

Não tenho muita dificuldade, eu até gosto, até gosto das outras matérias. Gosto de prestar atenção, gosto de tá fazendo, procurando, que pra você história, pra você tem que ler e reler, pra você responder um questionário, geografia a mesma coisa, gosto, gosto de acompanhar a leitura dos professores, gosto quando eles estão explicando em sala, acho que isso daí é bom pra gente, nós que somos alunos, é melhor pra nós, né? Então eu acho que eu não tenho tanta dificuldade.

Lembra se havia por parte dos professores alguma preocupação em resolver essas dificuldades?

Às vezes sim. Às vezes tem professor que não tem paciência pra explicar mais de uma vez. Ele explica uma vez e acha que você tem que pega de uma vez, pronto e acabou. Ele não compreende que você também tem problema, entendeu? Ele acha assim que não, que você tá ali pra aprendê no momento que ele explicou e pronto, não são todos, mas alguns são assim.

E você acha que isso acontece com todos os alunos ou só com determinados alunos?

De vez em quando eu acho que sim, é raro, né? O professor escolher a dedo, não esse eu vou ensinar, esse aqui não, é raro, mas sempre acontece.

Acontece? Por que isso acontece?

Eu num... Num falo assim que é preconceito, é que, eu sou mais fechada, eu não sou daquele tipo de aluna que pergunta mais de duas vezes pro professor, eu pergunto uma vez, se ele explicar bem, se ele não explica, eu tento resolvê do meu jeito, entendeu? Eu não falo isso por preconceito, eu acho que vai da relação do aluno com o professor.

E você já reprovou alguma série?

Reprovei sim.

Quais?

Acho que foi na (...) que eu me lembro acho que foi a 4ª ou 5ª série.

Lembra por que reprovou?

Eu tava naquela fase, como eu disse pra você, eu já tenho filhos, eu casei muito nova. Então, eu tava naquela fase de namorinho, então eu faltava muito, isso me prejudicou muito (rs).

Foi só por isso?

Foi, foi só por isso, então quando chegava época de prova que eu tentava recuperá, não tinha mais como, não tinha jeito.

Foi só uma série?

Só uma, foi só uma série.

Você só esteve matriculada no CEON?

Não! Ich! Eu já estudei em várias escolas. Lá eu estudei pela primeira vez quando nós morávamos lá. Aqui em Cuiabá, eu estudei no Poliana, estudei no Fenelon Müller, estudei no Santa Isabel.

Em que bairro?

Todas no CPA. Estudei no Ana Maria do Couto, estudei no Almira. Morávamos no CPA

Por que mudava tanto de escola?

Bom, no começo acho que por ser filha caçula a minha mãe fazia muito minhas vontades, tudo que eu queria, eu sabia que eu tinha, sabe. No Fenelon Müller, por eu num, desde mais criança, eu não gostava de levar desaforo pra casa, eu briguei com a menina, aí na metade do ano, a diretora, eu por te brigado com ela dentro da sala de aula, eu fui advertida e não quis ir mais pra escola. Eu me senti envergonhada, sabe? Aí minha mãe foi e me tirou da escola. Eu sei que hoje eu vejo que me prejudicou, mas na época eu me senti assim, muito humilhada, entendeu? Por ter sido chamado a atenção e eu nunca tinha sido chamado a

atenção, e... nas outras escolas sempre qui eu estudava era assim, 2 anos, 3 anos, né? Aí mudava, mudava de escola por ser escola particular, muito pequeno, tinha até determinada série, quando chegava na última série, eu saía. Então, por isso.

Como costumava ser tratada pelos seus professores nessas escolas todas?

Sempre fui tratada bem. Sempre fui tratada muito bem.

Você não tem nenhum fato que te marcou?

Que me marcou, a única escola que me marcou, que eu me lembre, eu já tava saindo, essa escola eu nem citei, foi lá no Boa Esperança, no Ferreira Mendes, que foi quando eu fui pedi minha transferência, aí a secretária perguntou o nome de meu pai e da minha mãe, pra ela podê me dá a minha transferência, eu falei: “olha eu não sou registrada no nome do meu pai, sou registrada no nome da minha mãe, não consta o nome do meu pai”. Ela começou a ri da minha cara, “onde já se viu?” Sabe? “Não... não sê registrada no nome de pai?” Eu peguei e falei assim pra ela: Eu lembro que eu era bem mais nova, então eu respondi à altura. Falei pra ela: “Eu acho que isso não te interessa, esse não é o seu serviço, o seu serviço, é você me atender e muito bem atendida, entendeu?” Aí, eu nem peguei a transferência, saí chorando, eu não admitia, eu não falava pra ninguém que eu não era registrada no nome do meu pai. Eu não admitia, fui embora chorando. Chegou em casa, minha mãe perguntou o que tinha acontecido que eu relatei o fato pra ela, né? Aí ela foi e ela mesmo foi e buscou a transferência, mas fora isso, nunca sofri preconceito, assim pela minha cor, as pessoas sempre me trataram bem.

E colegas de escola, coordenadores, diretores?

Sempre, sempre me trataram bem. Porque eu acho assim, qui... Eu nunca faltei com respeito, eu sempre tratei todo mundo bem. Se um dia eu tratei alguém mal, porque me trataram mal. Fora isso...

Em que ano parou de freqüentar a escola?

Eu não vou falar pra você que eu parei de freqüentar a escola, (rs), eu freqüentava, mas por eu ter tido filhos, sempre quando chegava assim num determinado semestre, eu tinha que saí por causa dos meus filhos, eu desistia de ano. Nunca assim disse: “Não, esse ano não vou estudar” , sempre me matriculava na escola, tinha ótimas notas, presença, quando eu faltava eu sempre procurava os professores pra resolver, mas assim, nunca faltei, nunca fiquei um ano sem estudar, que não, nunca fiquei um ano sem estudar. Tinha época que chegava quase no finzinho do ano, eu desistia, aí isso me prejudicava, entendeu? Aí quando, agora qui, eu voltei pra casa da minha mãe, eu falei pra minha mãe, bem, agora eu vou em frente, porque eu tenho que lutar pelos os meus objetivos, pelos objetivos dos meus filhos que estão

crescendo e eu tenho que dar uma vida melhor prá eles. Né? Aí quela tá me dando força, porque até então eu não tinha com quem deixar, às vezes eu levava na escola, ficava, você sabe que criança não gosta de ficar parada, ela qué anda pra lá e pra cá, então prejudicava, aí fora isso, eu nunca fiquei sem ir pra escola.

Então todos os anos você se matriculava?

Me matriculava, mas sempre parava.

Essa volta teve influencia de alguém?

A minha mãe, os meus tios, sempre lutaram pra mim volta estudar, por eu ter casado cedo. Eles sempre falaram que eu tenho que lutar pelos meus objetivos, então isso foi me dando mais força, sabe? Foi me dando mais vontade de estudar.

Você faz que ano?

Primeiro ano.

Nos outros anos você fazia a EJA também?

Eu me matriculei na época na suplência, né? Estudava suplência de 6 em 6 meses, né?

No ano passado?

No ano passado eu estudei na aceleração, fiz a aceleração no ano passado e ano retrasado. Eu comecei na 6ª, aí fiz a 6ª série todinha, aí depois, nós vimos alguma coisa da 7ª série, e no ano passado eu fiz a 7ª e a 8ª

Por que agora no Ensino Médio, você resolveu se matricular na Educação de Jovens e Adultos?

Ah, eu... eu quero ir pro regular mas eu achei assim que... que prá mim o 1º ano seria melhor, entendeu? Se um pouquinho mais corrido, porque bem dizer eu tenho 25 anos, então, eu tenho que acelera um pouquinho mais, mas eu vejo que não tá sendo aquela coisa que eu achava que fosse, né? Aí é igual eu comentando com a minha mãe, eu falei pra ela, “não, ano que vem eu vou fazer normal, porque assim pra mim não dá”, eu quase também, não tenho tempo, de fica assim, porque pra você, fica assim você... tem que dedica, tem que tá ali o tempo todo, com o caderno na mão, eu não tenho todo esse tempo. Tem dia que eu nem abro o caderno, só abro o caderno quando eu chego na escola(rs). Meu tempo é corrido! Tem dia que eu só abro o caderno quando eu tô na escola mesmo!

Bom, você nunca parou de estudar, mas durante esse tempo, além de estudar e cuidar dos seus filhos, você participava de algum movimento de jovens, de dança?

Não, não, porque depois que eu tive meus filhos eu sempre fui assim, era do serviço pra casa, da casa pro serviço, ia pra escola, vinha embora. Então meu tempo sempre foi assim, sabe? Quando eu tinha um tempo pra ficar em casa eu fazia minhas obrigações de casa, então, eu

quase num... Eu perdi toda a minha juventude, bem dizer, né? Não falo pelos meus filhos, eu acho que um pouco foi cabeça dura minha mesmo, (rs), que eu acho que se você sabe as conseqüências que você vai ter no futuro. Você tem um filho, você tem que te obrigação. Você tem que ter uma capacidade maior, né? E eu... eu achava que eu tinha, eu achava assim que eu tinha essa capacidade de fazer tudo eu queria ao mesmo tempo, depois eu tive meus filhos, que eu fui ver que não é bem assim. Então eu quase não tinha tempo, até mesmo pra mim, eu tinha tempo pro serviço, pros meus filhos e prá minha casa (rs). Então, às vezes tinha umas coisa qui deixava a desejar, às vezes eu queria i na igreja, ia de vez em quando, que era o único dia de folga em casa, era raro o tempo que eu tinha para i a igreja. Já agora que eles estão maiorzinho, não. Eu vou à igreja, não participo assim desses tipos de grupos da igreja, de moradores... não... não participo, toda reunião, meus filhos fazem catequese, então tem que tá ali em cima, entendeu? O que eu não fiz, eu quero que eles façam.

Hoje que eles já estão crescidos, você não participa de grupos?

Destes tipos de grupo não. Gosto muito de i à igreja aos domingos com eles.

Só eles mesmo, eu comecei a fazer, né. Eu não terminei a catequese. Eu comecei a fazer, parei novamente. Aí a menina foi lá em casa: “Silvane, Silvane, tem que volta”. Eu falei: “não, deixa dá uma regulada primeiro aqui (rs), aí eu volto(rs)”.

Sindicato já participou?

Não.

Partido político?

Hum, hum. (não)

Tem simpatia, admira algum partido político?

Não, hum, chiz (rs)!

Você se considera negra?

Me considero e tenho orgulho da minha raça!

E a partir de quando você começou a se perceber negra?

Foi... Uma vez que eu conversando com uma prima minha, ela virou, porque muitas pessoas falavam assim: “Ah! Eu nunca tinha visto uma negra de cabelo liso!”, tem isso(rs), aí ela pegou e falou assim: “Primeiramente, você! Você tem que se enxergar, você tem que se olhar, pra depois você vê os outros, não que você vá esnobar as pessoas, não, não é isso, mas se enxergue primeiro, prá depois, você enxergar outras pessoas, porque, se você não se achar bonita, se você não se considerar, ninguém vai fazer isso por você, entendeu?” Aí, desde então, passei a me enxergar, a me cuidar melhor.

Antes disso que a tua prima te disse, você se considerava negra?

Não, não é que eu me não considerava negra, eu sempre me considerei negra, mas eu acho assim que, eu num... Não entendia então sobre a diferença do negro, do branco ou do moreno, eu não me via naquela diferença! Entendeu? Não me achava nem melhor, nem pior do que eles, estes tipos de pessoas, eu me achava igual. Já teve pessoas assim que falô: “Ó, você é uma negra”, eu sempre fiquei quieta. Hoje em dia quando essas pessoas me chamam de preta, eu falo: “não, eu não sou preta, eu sou negra, e tenho orgulho dessa raça”, entendeu? Fora isso, não.

Quando as pessoas faziam referência, dizendo que você era negra, você hoje percebe que faziam isso de uma forma preconceituosa?

Hoje? Quando elas faziam, acho que sim. Por eu ser mais criança, por eu ser mais jovem acho que sim, que você não tem, como posso falar prá você? Você não tem aquela capacidade de responder à altura, aí você não sabe se defender, entendeu? Então, já hoje em dia não, hoje em dia as pessoas que eu conheço me respeitam muito, nunca chegaram em mim e falaram: “Ah! Você é negra, você é isso, você é aquilo”. Não, Nunca chegaram em mim assim, porque eu defendo minha raça, entendeu? E tenho orgulho, muito! É igual eu sempre falo, não se Deus me quis assim, porque eu tenho que me envergonhar? Tem isso também (rs).

E teus pais, sua mãe é negra?

A minha mãe é mais clara. Ela é filha de negro, mas minha vó é clara. A minha mãe até a minha idade mais ou menos, tinha o cabelo ondulado, nem liso, nem cacheado, mas eu puxei mais a família do meu pai. Minha vó, ela é descendente de índios, né? Então, tudo puxou um pouquinho, meu pai é negro mesmo de cabelo grenho, já eu não, eu nasci com o cabelo liso, era melhor, com o tempo fui estragando ele (rs).

A sua mãe se considera negra?

Ich! Ela se considera negra, porque o meu avô era negro, eu não cheguei a conhecer, mas ela fala que ele era bem negro. Já os avós dela não, os avós dela eram bem claros dos olhos azuis. Os meus bisavós. O meu avô era loiro de olho azul e minha avó era mais clara. A minha vó, mãe da minha mãe, ela é mais clara. Já do lado do meu pai não, são todos negros. É raro você vê uma pessoa mais clara, são todos negros.

Na escola, amigos, amigos de rua, como era a sua relação pelo fato de você ser negra?

Sempre fui tratada muito bem. A minha mãe que fala: “Essa menina arranja tanto amigo, mais tanto amigo”, mas sempre fui tratada bem. Quando sempre fui querida tanto pelos meus amigos, como pelos pais dos meus amigos.

Nunca sentiu uma situação de discriminação?

Não.

E na escola?

Não.

Não sentia por parte da escola, dos professores, algum comportamento diferente pelo fato de ser negra?

Nunca.

Tinha apelidos na infância?

Não.

E brincadeiras?

Que eu me lembre. Eu não sei se é porque as minhas amizades são sempre assim, como pessoas mais ou menos da minha cor... ou pessoas mais clara do que eu, entendeu? Ou da minha cor... ou até mesmo mais negra do que eu, mas fora isso.

E no trabalho?

Não. Até hoje não.

E em outros ambientes: igreja, shopping, boates, polícia, lojas?

Também não.

Conhece algum grupo que trabalha com a questão racial?

Se conheço? Não. Nunca ouvi falar.

E também nunca participou de atividades da consciência negra?

Não.

Alguma atividade ligada à capoeira, escola de samba?

Eu já fui assim, porque o meu pai participa, mas não que participe, fui vê com ele e, de capoeira, o meu filho queria fazê, teve apresentação na escola, porque a tia dele faz, aí então eu mais vou assim. Prá assisti, não que eu participe.

Quais os tipos de música que você gosta?

São raras. Gosto muito de MPB, gosto de poucas músicas sertanejas (rs). Não gosto muito de barulho.

Que tipo de músicos da MPB?

Gosto muito, acho que todos, porque eu cresci ouvindo pela minha tia, pela minha mãe, eu... todos, não faço diferença. Gosto de todos eles. Sertaneja é raro. Algumas músicas do Leonardo, algumas músicas do Zezé de Camargo e Luciano, gosto muito de Sérgio Reis, é muito raro.

Tem religião? Qual?

Sou católica. Não sou católica praticante, mas sou católica. Tenho muita fé em Deus.

Conhece ou já foi praticante de alguma religião de origem africana, tais como: Umbanda, Candomblé?

Já ouvi falá.

O que pensa a respeito delas?

Algumas pessoas que falam, falam com preconceito. Eu num... num vou falá: “Ah! É porque eu nunca, nunca vi, nunca freqüentei, nem visitei, mas já ouvi fala muito, assim, com preconceito, mas já.

E o que você pensa a respeito?

Eu acho que pra você comenta, bem, tanto como de uma religião, como de uma pessoa você tem que conhecê-la. Não adianta você fala sem conhece, porque de repente você faz um comentário, sendo que você não a conhece. Então acho que prá mim fala tanto bem ou mal, alguma crítica que eu tenho que fazer, eu tenho que pelo menos, acho que participar, entendeu? Tenho muitos amigos que tem outros tipos de religião, são pai de santo, esse tipo de coisa, não critico porque nunca participei.

- **Perspectiva de Futuro**

Para que serve estudar?

Eu acho qui..., prá você ter um futuro melhor, prá você, ter uma vida melhor, você alcançar seu objetivo, ter o que você qué, até um tempo atrás (rs) porque hoje, a minha opinião hoje em dia qui algumas escolas, alguns professores não são todos, são muito relaxados, dão aula quando querem, entendeu? (rs) Fingem que dá aula, porque já ouvi isso,(rs) entendeu? Professores, comentários de outros professores falando que tem professor que só finge que dá aula, porque precisa do salário, apesar de, são poucos, né... que falam isso e o salário é muito pouco, então acho qui, prá quem quer, prá quem gosta, serve prá você ter uma vida melhor, prá você ter um futuro melhor, porque não adianta você fingi que tá estudando e não aprende nada, porque lá prá frente você vai sentir dificuldade, vê que não é aquilo que você achava, entendeu?

Você pensa em seguir alguma carreira em que área?

Eu penso. Eu... depois que eu terminar, eu quero fazer Enfermagem, eu sempre quis e sempre assim, eu acho que tenho vocação(rs) prá isso. E depois que eu fizer Enfermagem, que eu sempre quis, eu vou tentar Fisioterapia.

Quando você não está na escola e nem trabalhando o que faz para se ocupar ou se divertir?

Prá mi diverti... eu saio prá algum bar, com amigos i quando eu não quero me diverti, eu fico em casa. Mesmo não querendo diverti você acaba se divertindo. Fica em casa com os meus filhos, com a minha mãe, com os meus irmãos.

Você tem grupo de amigos?

Tenho grupo de amigos sim.

O que os une, o que em comum?

Eu acho que é a sinceridade, uma ser sincera com a outra ou com o outro. Porque eu sou um tipo de pessoa que eu falo o que penso, às vezes até falo com as pessoas. Eu sei que às vezes a minha sinceridade machuca, mas eu sou desse jeito. Eu não gosto de guarda nada pra depois. Porque se eu guardar, eu me sinto mal, entendeu? As meninas ficam assim: “Silvane, o que você acha?” Aí eu falo pra elas: “Vocês querem sabe mesmo?” (rs). Então, acho que é a sinceridade em primeiro lugar e a gente se curte, se gosta mesmo, uns dos outros.

São colegas da escola ou de outros lugares?

Também, da escola, de outros lugares.

O que vocês fazem juntas pra se divertir?

A gente sai pro barzinho ou vai lanchar juntas, desce pro centro, sempre quando uma vai fazer... Ah! Eu vou entregar meu currículo! Quem não tá trabalhando, não tem nada pra fazer, ah, eu vou junto (rs) . Então, sempre assim! Onde uma vai, a outra tá atrás. É raro você não vê todas juntas.

Você disse que não participou de nenhum grupo, no futuro você tem interesse de participar de associação, de grupo?

Eu tenho interesse di freqüentar mais a igreja, participar mais, saber mais, sabe? Sobre a minha religião, por dentro, sabe? Fora isso, não.

Partido político?

Não me interesso por isso. Acho que não tenho esse tipo de vocação prá...

O que você pensa sobre política?

Ah! Eu num... num penso nada, eu sou daquelas assim, que decide quase na hora sabe.

O que determina seu voto?

Eu acho que é influencia dos outros (rs). É raro, mas eu acho que um pouco é influencia dos outros. Às vezes a minha mãe, esse ano a minha mãe: “Silvane, esse ano você vota pra esse”, mas eu já tava com... eu já tinha... eu já tinha o meu político, eu já tinha escolhido. “Ah, mãe, sinto muito, mas esse ano eu já escolhi” (rs)!

Você pensa em cursar a universidade?

Penso sim, enquanto eu tiver ajuda da minha mãe, eu tô com essa força de vontade, que eu tô com ela, eu penso sim. Acho que nunca é tarde pra você luta pelos seus objetivos.

Você quer fazer qual curso?

Por enquanto é só esses dois que eu já tinha falado: Enfermagem e depois Fisioterapia.

Você acredita que em nossa sociedade os jovens negros tem as mesmas oportunidades do que os jovens brancos?

É... eu num acredito muito(rs). Porque eu já ouvi, já li muita reportagem de racismo, de preconceito. Não acredito muito, já vi muitas pessoas por área de serviço ser excluída, por ser negro. Tão, eu acho qui é raro você pegar uma empresa qui se dedique e não tem esse tipo de preconceito, porque hoje em dia também o que nos vemos não é só o preconceito pelo negro, tem vários outros tipos de preconceito.

Por exemplo?

Pela pessoa ser deficiente, ou porque... Ela..., vamos vê..., por ela ser cega. Ela acha que é um... defeito, eu acho que isso também é preconceito, entendeu? Acho que a pessoa. Acho que hoje em dia as pessoas tem que ter mais a mente aberta. Valorizar mais as pessoas, porque muitas pessoas não valorizam o ser humano.

O que você acha sobre o homossexualismo?

Eu acho que isso é normal, na minha opinião. Muitas pessoas julgam, criticam, eu acho que é uma opção própria, se a pessoa quer ser assim, tenho vários amigos homossexuais, várias amigas, não tenho nada contra.

E sobre o uso de drogas?

Ah eu acho qui... isso daí é um pouco de mente fraca, as pessoas usam para se esconder, colocar os seus problemas ali dentro, acho que isso aí vai salvá, vai resolver, aí quando abre o olho já é tarde demais, apesar que muitos usam e conseguem sair dessa vida, conheço sim, por morar em periferia, conheci vários amigos que chegaram até mesmo em mim, na minha irmã e algumas amigas e fala: “Isso aqui não é vida!” Ele sabia que aquilo ali não era vida pra ele, mas ele tava ali dentro, entendeu? Já vi vários amigos meus serem mortos por isso, então acho qui o próprio nome dela já diz, né? Que é uma droga (rs).

E sobre cotas para negros na universidade, já ouviu falar?

Eu já ouvi falar... bem pouco, concordo porque isso daí vai ser uma ajuda pra nós né? Vai ser melhor, não falo assim que vai ser melhor, mas vai nos ajudar, bastante.